

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

LUCIANA DE SANT'ANNA DALL'AGNOL

**HUMANOS E NÃO-HUMANOS: O APRENDIZADO DE NOVAS SENSIBILIDADES E
RESPONSABILIDADES EM NOSSAS RELAÇÕES DE ESTIMAÇÃO**

Porto Alegre

2016

LUCIANA DE SANT'ANNA DALL'AGNOL

**HUMANOS E NÃO-HUMANOS: O APRENDIZADO DE NOVAS SENSIBILIDADES E
RESPONSABILIDADES EM NOSSAS RELAÇÕES DE ESTIMAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação da Escola de
Humanidades da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Orientadora Prof^a. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho

Porto Alegre

2016

LUCIANA DE SANT'ANNA DALL'AGNOL

**HUMANOS E NÃO-HUMANOS: O APRENDIZADO DE NOVAS SENSIBILIDADES E
RESPONSABILIDADES EM NOSSAS RELAÇÕES DE ESTIMAÇÃO**

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação da Escola de
Humanidades da Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul.

Apresentada em 29 de fevereiro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho - PUCRS (Orientadora)

Prof^a. Dra. Monica de La Fare – PUCRS

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, minha irmã e meu avô, por sempre acreditarem em mim quando nem eu mesma acreditava.

Aos meus colegas do grupo de pesquisa SobreNaturezas, pela troca de ideias e aprendizado constante. Agradeço em especial às “verdinhas”, pelo ombro amigo e compreensão de quem também veio da Biologia e partilhava das mesmas dúvidas e angústias que eu. As cervejas e os encontros nesse meio tempo também ajudaram.

À minha orientadora, Isabel Carvalho, por me ajudar nesse caminho tortuoso que é o aprender a fazer pesquisa.

Ao professor Bernardo Lewgoy e os colegas do grupo de pesquisa Espelho Animal, pelas reuniões repletas de ricos debates, mas também de muito apoio e conselhos.

À professora Mônica de la Fare que, desde meu primeiro semestre na pós-graduação, identificou em mim o medo de errar e me incentivou a superá-lo.

Ao Hospital Veterinário Lorenzoni, à Liga Homeopática do RS e a todos os locais e profissionais de medicina veterinária que colaboraram para a produção deste trabalho.

A todos os entrevistados que dividiram comigo momentos íntimos e delicados de suas relações de estimação.

Aos amigos de sempre, por entenderem o estresse e os momentos de dedicação.

A todos os animais não humanos com quem convivi nesses últimos 30 anos, que me fizeram rever tantos conceitos e repensar tantas certezas.

Por fim, agradeço ao Higo e à Fúria, por compartilharem esse mundo comigo e o tornarem tão mais rico.

RESUMO

A educação e a cultura são processos inerentes e transformadores um ao outro, fazendo com que as mudanças em nossa sociedade exijam uma contínua renovação de conhecimentos e (re) adaptação a um mundo em constante renovação. Na sociedade ocidental urbana, houve uma mudança profunda em nossas relações com animais não humanos, em específico com nossos animais de estimação. Os animais de estimação têm ocupado um espaço cada vez maior nas residências e vidas de seus companheiros humanos. A partir do século XX, a intensa convivência e a crescente afetividade com certas espécies, tais como cães e gatos, têm borrado as fronteiras de humanidade e animalidade ao conferir-lhes status de família, fazendo surgir questões relacionadas à formação de uma nova cultura e moralidade para com estes animais não humanos. Essas relações de estimação implicam em novas sensibilidades e responsabilidades, antes destinadas somente (ou, principalmente) a seres de nossa própria espécie. Dessa forma, esta dissertação teve por objetivo explorar as relações entre humanos e seus animais de estimação; neste caso, cães e gatos nas famílias multiespécie, observando a dimensão educativa implicada nessas relações onde humanos e não-humanos são objetos de vários dispositivos pedagógicos que operam na constituição de uma sensibilidade, uma ética e uma moral especificamente voltada para regular estas relações. Acreditamos que estudos que tentam compreender as implicações da relação de humanos e animais são fundamentais para que os educadores compreendam estas mudanças de atitudes em nossa sociedade contemporânea, possuindo especial relevância no campo educacional também por sua influência na formação (e manutenção) do vínculo pedagógico entre professor e aluno (o qual poderá pertencer a uma família multiespécie). A pesquisa contou com uma abordagem qualitativa, utilizando a técnica de observação participante e entrevistas semiestruturadas, além do levantamento bibliográfico. Com o intuito de observar a relação das famílias multiespécie, optou-se como campo de pesquisa o hospital veterinário, onde há interação entre donos de animais de estimação e seus animais que lá estão internados. As observações foram o primeiro contato com famílias que foram subsequentemente selecionadas para as entrevistas. Ademais, o contexto do hospital veterinário, com animais (em sua maioria) doentes e em tratamento médico, também evidencia a

sensibilidade dos humanos para com seus companheiros, pois geralmente encontram-se em um estado de saúde debilitada ou de estresse e, em alguns casos, ocorrendo o óbito (com intervenção da eutanásia ou não).

Palavras-chave: animais de estimação; domesticação; educação; relações humanos e não humanos, responsabilidade ambiental, educação ambiental

ABSTRACT

Education and culture are processes that are inherent to and influence one another, and changes in our society require a continuous renewal of knowledge and (re) adaptation to a world in constant transformation. In urban western society, profound changes in our relations with non-human animals have occurred, especially with our pets. Pets have occupied an increasing space in the homes and lives of their fellow humans. As of the twentieth century, the intense relationship and the growing affection with certain species, such as dogs and cats, have blurred the boundaries of humanity and animality, as they were given status of family members, giving rise to issues related to the formation of a new culture and morality towards these non-human animals. These relationships entail new sensibilities and responsibilities, directed before only (or mainly) at beings of our own species. Thus, the project aims to explore the relationships between humans and their pets; in this case, dogs and cats in multi-species families, taking in account the implied educational dimension where these human and non humans relations are objects of various pedagogical devices that operate in the formation of a sensitivity, an ethics and a morality directed specifically to regulate these relationships. We believe that studies that aim to understand the implications of human-animal relationship are critical for educators to understand these attitudes shifts in our contemporary society, posing special relevance in the educational field also by its influence in the formation (and maintenance) of the pedagogical relationship between teacher and student (who may be part of a multispecies family). The research will rely on a qualitative approach using participant observation techniques and semi-structured interviews, in addition to the literature. In order to observe the relationship of multi-species families, we chose a veterinary hospital where between pet owners and their animals that are hospitalized interact. The observations were the first contact with families who were subsequently selected for interviews. In addition, the context of the veterinary hospital, with animals for the most part ill and undergoing medical treatment, also shows the sensitivity of humans towards their companions, since these are generally in a state of poor health or stressed, and in some cases, ultimately die (with intervention of euthanasia or not).

Keywords: domestication; education; humans and non humans; pets.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa da edição de 10 de junho de 2015 da revista Veja.

Figura 02 – Fachada do Hospital Veterinário Lorenzoni.

Figura 03 – Capa da Edição Especial do Caderno Donna do jornal Zero Hora, de 29 de agosto de 2015.

Figura 04 – Capa da Edição Especial do caderno Donna do jornal Zero Hora, de 03 de agosto de 2015.

Figura 05 – Entrada do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Figura 06 – Fachada da Liga Homeopática do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Figura 07 – Entrada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves, Porto Alegre.

Figura 08 – Cartaz produzido por alunos após ação da SEDA.

Figura 09 – Cartaz produzido por alunos após ação da SEDA.

Figura 10 – Apresentação “Direitos Animais e Guarda Responsável para crianças”, da SEDA.

Figura 11 - Alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves durante apresentação da SEDA.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HCV-UFRGS – Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS

HVL – Hospital Veterinário Lorenzoni

PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

SEDA – Secretaria Especial dos Direitos dos Animais

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 O CAMINHO DE PESQUISA	12
1.2 EDUCAÇÃO, CULTURA E ANIMAIS.....	13
2. AS RELAÇÕES COM OS NÃO HUMANOS	23
2.1 AS RELAÇÕES DE ESTIMAÇÃO	29
2.2 O MERCADO PET	38
3. PROBLEMA	40
4. OBJETIVO GERAL	42
4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	42
5. METODOLOGIA.....	43
5.1. HOSPITAL VETERINÁRIO LORENZONI	45
5.2 CUIDADOS ÉTICOS NESTA PESQUISA	51
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	51
6.1 PORTO ALEGRE – UMA CIDADE EDUCADORA PARA COM AS RELAÇÕES COM OS ANIMAIS?	67
6.2 PEDAGOGIAS NÃO-HUMANAS	78
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
8. REFERÊNCIAS	106
9. APÊNDICES.....	111
9.1 Carta de apresentação	111
9.2 Termo de consentimento livre e esclarecido.....	113

Quando penso no início da minha adolescência, eu me lembro da sensação recorrente de aninhar e acariciar uma criatura contra meu peito. É bem pequena, mais ou menos do tamanho de um gato. Não é um bebê humano, nem um animal. Não exatamente. É parte humana e parte outra coisa.

William Burroughs, O gato por dentro

1. INTRODUÇÃO

1.1 O CAMINHO DE PESQUISA

As ciências biológicas têm como foco de estudo, por definição, a vida. Durante quatro anos estudei, como aluna da Biologia, tudo que está englobado nessa definição. Os seres vivos e suas classificações na biologia são seguras e estáveis e conferem certeza e ordem em meio à multiplicidade de formas de vida. Aprendi que, à parte daquilo que a biologia abarca, está a sociedade, com sua maior representante: a cultura. São domínios distintos que às vezes se sobrepõem, porém não se misturam. Um influencia o outro, porém não há como contestar que “uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa”. Pertence à natureza aquilo que brota espontaneamente na Terra e sobre o qual não temos ingerência, o indeterminável e incontrolável, ou seja, o meio ambiente, os (outros) animais, as plantas, os oceanos, a química, a genética. Como face oposta e complementar à natureza está a sociedade; tudo aquilo que é “construído”, não é “natural”. Nós, os seres humanos, conforme o que aprendemos na biologia, somos animais. Mas, incrivelmente, somos os únicos animais a construir um mundo à parte daquele chamado natural, temos o social.

Na graduação, fiz estágio no Laboratório de Bioética e Ética aplicada a animais. Tinha interesse em estudar animais, porém as abordagens fornecidas pela zoologia ou ecologia sempre careciam de um “algo a mais”. Assim, a busca por um olhar voltado aos animais como algo além de seres vivos classificáveis e dissecáveis me levou a este campo. O interesse não era somente *o animal*, mas *no animal* e, especialmente, me interessava a relação que temos com os animais não humanos. Estas relações abrangem uma infinidade, que variam desde predação, fonte de matéria prima, agressividade, até intimidade e familiaridade. O meu objeto de pesquisa foi, então, passando por diversas modificações até chegar aos animais de estimação. O porquê dessa “classe” de animais foi justamente devido a uma classificação complexa. Um “animal de estimação” não representa, hoje, o mesmo que representava há 30, 50 ou 100 anos. Mais do que isso, a maneira como nos relacionamos com esses animais é indicativo de uma profunda mudança em nossa sociedade, como nos vemos enquanto espécie e como vemos os animais não-humanos.

1.2 EDUCAÇÃO, CULTURA E ANIMAIS

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei N. 9.394/1996) afirma, em seu artigo 1º, que “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 1996). De forma semelhante, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), define educação como “uma prática social e um fenômeno cultural específico”. Assim, entendemos que a educação se estende para espaços sociais além da escola e que cabe à pesquisa em Educação o estudo não só do ensino no âmbito escolar, mas das atividades educacionais e práticas pedagógicas em ambientes fora de instituições formais de ensino.

O meu interesse era explorar a educação para além de sua esfera formal, pois, como afirma Brandão, “ninguém escapa da educação” (2007, p.07). Conforme o autor, a educação é inevitavelmente uma prática social que faz parte do nosso dia a dia de diferentes formas, em diferentes lugares, por meio de diferentes atores. A educação, portanto, não se limita aos espaços pedagógicos formais e instituições de ensino; ao contrário, “habita o mundo dos homens e seus grupos sociais, suas trocas entre uns com os outros e suas trocas com a natureza” (BRANDÃO, 2007, p.71). Essas trocas, portanto, transcendem o contato social limitado à sociedade humana e, ao considerarmos que somos parte inseparável da natureza, essas trocas se estendem a todas as espécies, animal ou não, os fenômenos naturais, tudo que habita nosso mundo.

Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender (...). A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criaram para tornar *comum*, como saber, uma ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida (...). A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade (*ibid*, p. 10).

A educação e a cultura são processos inerentes e transformadores um ao outro (BRANDÃO, 2002). As transformações em nossas relações com os animais não

humanos, em especial os animais de estimação, exigem uma contínua renovação de conhecimentos e (re) adaptação a um mundo que, segundo Brandão (2007, p.80) “ainda é sempre o mesmo e já é sempre um outro.” Se a educação se transforma para acompanhar as transformações em diferentes sociedades, qual será o efeito das mudanças em nossas relações com nossos animais de estimação? Estudos que analisam a relação de humanos e animais são fundamentais para que os educadores compreendam estas mudanças de atitudes em nossa sociedade contemporânea¹. Desta perspectiva, surgiu meu interesse em explorar a formação de uma nova cultura referente à nossa relação com os animais não humanos.

Com a minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, comecei a fazer parte do grupo de pesquisa “Sobrenaturezas”, um grupo interdisciplinar com alunos e professores de diferentes programas de pós-graduação que discute temáticas relacionadas à educação, antropologia, religião e meio ambiente. Foi então que comecei a ser exposta ao que se tornaria a base teórica para a minha pesquisa. As primeiras reuniões provocaram uma mistura de empolgação e estranhamento. Em meio a tantas novidades e novos aprendizados, veio uma sensação de desamparo. Muitos dos alicerces fixados pela biologia (o estudo da vida tal qual eu o conhecia) foram aos poucos se enfraquecendo, se retorcendo e, por fim, adquirindo novas conformações.

Um dos primeiros autores que li foi Tim Ingold, antropólogo que propõe uma chamada “antropologia da vida”. Tim Ingold se define como um antropólogo que, no início de sua vida acadêmica, teve uma inclinação ao estudo das ciências naturais, porém se decepcionou com a cisão entre os mundos diferentes das ciências naturais e ciências sociais. Após iniciar seus estudos na antropologia, o autor buscou uma área de estudo em que pudesse argumentar a complementaridade essencial das dimensões biogenética e sociocultural da existência humana (INGLÓD, 2002). Foi esta visão, ao buscar ultrapassar a barreira intransponível entre a natureza e a cultura, que inspirou o tema da pesquisa. Ingold (1995), ao analisar aquilo que tradicionalmente consideramos que separa nós, humanos, dos demais animais, como intelecto, linguagem, razão e consciência moral, argumenta que a construção que fizemos do que é ser humano (e também o que é pessoa) não se sustenta mais na modernidade e

¹ Para tais estudos, ver CALMON DE OLIVEIRA, 2006; MARTINS, 2012; PASTORI, 2012; SEGATA, 2012.

afirma que “precisamos estudar a relação entre a espécie e a condição, entre seres humanos e ser humano” (p.28). Segundo o autor, partimos do princípio que nossa condição “única” define nossa espécie – somos animais para além da animalidade-, porém nossa meta deveria ser justamente a superação da oposição entre as concepções de humanidade e animalidade.

Esta dissertação espera, ao longo das reflexões propostas aqui, demonstrar que as relações de estimação podem contribuir para responder à pergunta de por que é importante explorar o tema da animalidade e o papel de outras espécies na educação, para além de uma preocupação puramente ambiental. Aqui, falamos de “relações de estimação” como um termo que se dá observando as relações, em vez de “animal de estimação”, que objetiva um animal perante um sujeito (humano). Argumentamos que, da interação com os animais não-humanos, também surgem novos aprendizados e maneiras de pensar a educação.

Exploring our relationships with other species runs deeper than being exclusively “about” the environment, however. It is also about better understanding ourselves, and, importantly, considering the subjective experiences of other animals—those who are profoundly and materially affected by our actions (cf. Russell, 2005). Questioning and evaluating the outcomes of our constructions of other animals can open up new ways of seeing and appreciating them, while simultaneously pushing back against unsatisfying frameworks of thinking inherited from previous eras (Oakley, 2011, p. 09).

Qual a relevância e o impacto dessas relações e novas formas de afeto para a escola, para educadores e para a pesquisa em educação? Além disso, existe o enfoque de como os humanos aprendem a lidar com seus animais e seu adoecimento. Qual processo é esse, que acontece pontualmente em clínicas veterinárias e hospitais? O que acontece nesses ambientes para quem sejam considerados um espaço pedagógico?

A inserção dos animais como forma de se aprender a ser mais humano também apareceu no contexto da pesquisa, tanto no aspecto de “domesticação” do humano de estimação, que precisa aprender a ser um tutor responsável, quanto no contexto do ensino humanitário. O animal ensinaria o humano a ser um tutor responsável, assim

como, através da necessidade de cuidado de um animal não humano, o homem passaria a valorizar todas as formas de vida.

A escola tradicionalmente via os animais como objeto de estudo: na biologia, na física e na química. A inserção de animais no currículo se dava através de sua dissecação e, às vezes, vivissecção em aulas práticas de anatomia e fisiologia. Essas práticas, apesar de ainda persistirem, já sofreram limitações².

Apesar de serem eles próprios os objetos da medicina veterinária, o foco nas espécies e na abordagem do tratamento dos mesmos também mudou de maneira significativa nas últimas centenas de anos. Até o fim do século XVIII, os cuidados aos animais se restringiam àqueles que mantinham contato com eles na lida diária: fazendeiros e criadores. Devido à nova mentalidade de racionalidade e ciência, o aumento do impacto de doenças animais na produção pecuária e, também, o surgimento de uma sensibilidade que já considerava os antigos métodos de tratamento animal cruéis e ineficientes, as práticas de veterinárias foram, aos poucos, se modificando (SWABE, 1998). Foi na França, em 1762, que a primeira escola de veterinária surgiu através do esforço de estudiosos de eliminar doenças animais (*ibid*). O foco, de início, era o tratamento de gado e equinos, os animais com maior valor financeiro e de mão de obra para o homem. Na sequência, surgem as primeiras medidas legais de proteção animal na Inglaterra do século XIX, quando os animais são força estruturante de uma sociedade que, apesar da industrialização, dependia ainda de animais em processos agrícolas, no transporte de bens e pessoas e até como forma de entretenimento (AMARO, 2013). Essa tendência legislativa e uma nova abordagem no tratamento de animais se espalharam por outros países europeus e para os Estados Unidos ao longo do século, em grande parte devido à influência de novas sensibilidades e a contestação ao antropocentrismo (THOMAS, 2010). Algumas escolas secundárias na Inglaterra, inclusive, passaram a incluir normas contra maus tratos (*ibid*). Para Amaro (2013), foram essas iniciativas do poder público, aliados aos movimentos pioneiros de proteção dos animais não humanos em Portugal que “desempenhou importante papel na educação da população e na repressão de comportamentos desumanos, em geral” (p. 13).

² A Lei 11.794/08 restringe o uso de animais para fins educativos e de pesquisa a instituições de nível superior e de nível médio técnico biomédico.

Elias (1990) elabora como os homens mudaram sua forma de sentir e se comportar, tendo aí um papel central da educação, afirmando que “a ‘civilização’ que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos” (*ibid*, p.73). Assim, o autor percorre o caminho da “domesticação do ser humano”, no seu caminho para tornar-se “civilizado” a partir da Idade Média, através da adoção de hábitos e comportamentos (incluindo afetivos) considerados aceitáveis. Acredito que Elias (1990), mesmo não tratando dessa questão em específico, conseguiu sintetizar a problemática atual ao afirmar que:

[...] com a civilização gradual, surge certo número de dificuldades específicas civilizacionais. Mas não podemos dizer que já compreendemos por que concretamente nos atormentamos dessa maneira. Sentimos que nos metemos, através da civilização, em certos emaranhados desconhecidos de povos menos civilizados. Mas sabemos também que esses povos menos civilizados são, por seu lado, atormentados por dificuldades e medos dos quais não mais sofremos, ou pelo menos não no mesmo grau (*ibid*, p.19).

Nas nossas divisões de animais não humanos entre aqueles destinados à alimentação, vestuário, experimentação biomédica e, por fim, aqueles merecedores de afeto, nossa sociedade encontra-se em profundas contradições morais e afetivas. Não mais nos reconhecendo como partilhando da mesma animalidade dos demais membros desse reino, ao integrá-los em nossos círculos afetivos (incluindo aí a família humana), temos que alargar nosso conceito de humanidade para abarcar esses novos membros dignos de afeto. Em contrapartida, há aqueles que creem que, na verdade, deveríamos resgatar (ou assumir) nossa animalidade e reconhecer que essas relações de afeto (nesse caso, as de estimação) não seriam exclusividade do homem com os demais animais. Esse é um exercício que provoca questionamentos e tensões que não são fáceis de serem respondidos. Para Fudge (2014), além da crise ambiental, a comprovação de nossas semelhanças genéticas com outras espécies de animais também nos faz repensar nosso papel, enquanto seres humanos, com o planeta.

Se antes o foco da medicina veterinária eram os animais de produção, primordialmente animais de grande porte da indústria agropecuária e de trabalho como vacas, bois, porcos, galinhas, cavalos, hoje em dia o foco é nos animais de

pequeno porte mais comumente utilizados como animais de companhia. Por um lado, foi no século XX que se intensificou a exploração de certas espécies de animais pela indústria agropecuária, caça, pesca ou desmatamento, enquanto outras espécies receberam tratamento privilegiado. Em visão contrastante ao animal como mero objeto de estudo, a dissertação mostrará que os animais, na cidade e no contexto da pesquisa, passaram a ser não somente o foco de uma educação agora voltada à preocupação e valorização dos animais não humanos, mas também vetores de ensino de seus humanos em lições de cuidados de seus *pets*. É o momento dos humanos aprenderem com os animais não humanos a lidarem com seus animais de estimação. Além disso, os animais são, ao mesmo tempo, exemplo e meio de ensino de iniciativas de uma educação, curiosamente, mais humanitária.³

Conforme Elias (1990), nossos hábitos e costumes mais naturalizados em verdade mudam gradualmente ao longo da história, acompanhando as mudanças na estrutura das sociedades. Inclui-se nessa observação nossa relação com os animais não humanos e os de estimação. A transformação do comportamento humano em relação à natureza e aos animais é descrita também por Thomas (2010), ao relatar a mudança de sensibilidades em relação à flora e à fauna na Inglaterra a partir do século XVIII. Elias (1990) afirma que, “embora os fenômenos humanos - sejam atitudes, desejos ou produtos da ação do homem - possam ser examinados em si, independentemente de suas ligações com a vida social, eles, por natureza, nada mais são que concretizações de relações e comportamento, materializações da vida” (*ibid*, p. 124). Como exemplo, o autor cita o hábito de consumo de carne e do destrinchamento do animal à mesa que, a partir do século XVII, passa a gradualmente ser acompanhado por sentimentos de repulsa e nojo. A forma do animal passa a ser cada vez mais “disfarçada” quando do momento do consumo humano, sendo que “as pessoas, no curso do processo civilizatório, procuram suprimir em si mesmas todas as características que julgam ‘animais’. De igual maneira, suprimem essas características em seus alimentos.” (*ibid* p.128). O homem afasta-se de sua animalidade e, também, omite a origem animal de

³ O termo educação humanitária surgiu nos anos 90 com a intenção de unir questões ambientais, humanitárias e de direitos dos animais com um foco especial em violência, opressão e injustiça direcionada a animais não humanos (Humes, 2008, apud Castellano, 2011).

seu alimento, raramente servindo o animal inteiro à mesa, cena comum até o fim do século XVI.

Segundo Berger (1977), foi a partir do século XIX e do início dos processos industriais que as antigas tradições que mediavam a relação entre o homem e os animais foram rompidas. O animal era parte central do mundo do homem devido à sua função econômica e produtiva, fornecendo alimento, mão de obra, transporte, vestuário. O dualismo que cerca nossas relações com os animais, com os quais convivemos intimamente e dos quais dependemos não é uma característica moderna, mas advém da Antiguidade, onde os animais eram explorados e, ao mesmo tempo, venerados.

Essas questões se refletiram nas instituições modernas incluindo, é claro, a escola. As práticas de vivissecção e dissecação eram comuns e encaradas com naturalidade; o animal era somente um instrumento de estudo. Aos poucos, essas práticas passaram a ser questionadas e, em alguns casos, abolidas e substituídas por métodos alternativos. Não é o foco desta dissertação aprofundar a questão do uso e experimentação animal nas escolas nem seu debate ético, porém cabe um breve histórico de como a questão animal foi pensada e incorporada ao currículo escolar. O uso de animais não humanos para fins didáticos é herança da Grécia antiga, sendo Hipócrates (450 A.C.) um dos pioneiros na utilização dos mesmos na investigação científica, sendo até hoje utilizados para três fins: pesquisa científica, testagem de produtos e educação (FEIJÓ, 2005; RAYMUNDO, 2010). Não houve nessa época, ao menos registrado na literatura, oposição à utilização de animais para esse fim, conforme se observa por sua ampla utilização ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII (RAYMUNDO, 2010). No início do século XIX, já com as pesquisas biomédicas apresentando caráter mais invasivo, começam a surgir questionamentos envolvendo essa prática (*ibid.*) No ano de 1824, surge a primeira instituição de proteção aos animais, a Society for the Preservation of Cruelty to Animals (Inglaterra), tendência que foi seguida em outros países europeus e nos Estados Unidos. Contudo, utilizar animais mortos e vivos em sala de aula continuou (e segue até hoje) sendo prática permitida por lei. Não iremos aprofundar a questão dos direitos dos animais, porém ressaltamos que essas experimentações são cada vez mais questionadas, enquanto os

animais vêm sendo substituídas por modelos de experimentação alternativa (FEIJÓ, 2005).

Conforme Greif (2003) pode-se pensar em diferentes consequências do uso de animais em sala de aula, tais como o impacto ambiental, o pedagógico e o psicológico. A dissecação consiste na manipulação do animal, já morto, para investigação de sua estrutura anatômica. Já a vivisseção é a prática de visualizar processos mecânicos ou fisiológicos do animal, sendo necessário que o mesmo ainda esteja vivo. Ao discutir as problemáticas de aprendizado e a dessensibilização que podem estar implicadas nessas práticas, Greif (2003) argumenta que “dissecações em sala de aula dessensibilizam os estudantes quanto ao senso de reverência e respeito à vida e podem estimulá-los a prejudicar animais em outras ocasiões, como dentro de seu próprio ambiente doméstico” (*ibid*, p.22). Em muitos casos, o primeiro contato do aluno com a morte se dá nesses rituais em sala de aula. Considerações acerca do choque ao ver a morte e situações com violência, acompanhadas de rituais de dessubjetivação, são necessárias ao se pensar a relação com animais não humanos nesse contexto, ao passo em que “o animal é coisificado, afastado da condição de sujeito, re-significado, para que a prática seja mais aceitável” (*ibid* p. 16). A respeito das implicações dessa experiência, teoricamente de aprendizado, com o animal não humano em sala de aula, Greif (2003) afirma:

Uma abordagem pedagógica poderia levar em consideração o fator plural da sociedade em seus conjuntos de crenças e valores, em suas diferentes posturas em relação à interação entre animais e humanos. Assim, a sala de aula passa a ser um mosaico, onde diversas opiniões acerca desta relação podem ser encontradas e consideradas. Sob um prisma cultural, ao considerar a vivisseção/dissecação não como uma metodologia ahistórica e a-temporal (e portanto neutra), mas como resultado de um contexto histórico/social característico de uma determinada época, os valores inerentemente transmitidos por tal prática seriam elucidados e trabalhados. O instrumento em questão é problematizado em seu ideal pedagógico (p. 16)

Em 1987, nos Estados Unidos, uma aluna de ensino médio recusou-se a dissecar um animal em aula. Foi o primeiro caso do tipo a ser registrado, abrindo precedentes na legislação estadual e, posteriormente, nacional, para que alunos pudessem se recusar a participar dessas práticas sem prejuízos para seu desempenho ou punição da escola (Greif, 2003). Em Porto Alegre, na Universidade do Rio Grande do

Sul, em 2009, que ocorreu o primeiro caso no país de objeção de consciência envolvendo o uso de animais. Um aluno do curso de Ciências Biológicas recusou-se a participar das práticas de vivissecção, com a alegação de que feria seus princípios éticos. O caso, que foi à justiça⁴, foi o primeiro do tipo registrado na jurisprudência brasileira. Esses exemplos de uma nova ordem de sensibilidade demonstram a relevância da inserção dos animais, no atual contexto escolar e de ensino, na formação de professores e no currículo.

Feijó (2005), ao refletir acerca do uso de animais não humanos em experimentos em sala de aula, afirma que,

[...] em se tratando de um ambiente de ensino, onde professor e aluno interagem e o questionamento sobre usar ou não animais, e as respostas a ele adquirem uma importância pois nortearão ações futuras de futuros profissionais onde o respeito pela vida e por animais não humanos pesarão (ou não) nas decisões. O uso de animais na educação merece, portanto mais reflexão por parte destes profissionais do ensino pela consequência na formação profissional do estudante (p. 91).

A tendência das famílias em terem número reduzido de filhos e, conseqüentemente, crianças sem irmãos, levanta a questão também da socialização da criança. Qual o papel do animal de estimação (se é que há algum) em núcleos familiares com cada vez menos irmãos e irmãs? Em levantamento feito pela Universidade de Cambridge, em 2015, revelou-se que crianças em ambientes familiares adversos têm um grau de apego maior a seus animais de estimação do que em comparação com seus irmãos⁵. Das crianças estudadas, aquelas com uma ligação mais próxima aos animais de estimação demonstraram níveis elevados de comportamento pró-social, tais como ajudar, compartilhar e colaborar com o próximo. Utilizando uma escala de apego ao animal de estimação, adaptada de uma já validada escala psicométrica de apego humano, os resultados encontrados permitiram considerar a relação de humanos e animais de forma semelhante aos relacionamentos humanos. Segundo o pesquisador, o estudo, ainda a ser publicado, é importante ao considerarmos que poucas pesquisas foram realizadas com o fim de comparar a relação das crianças com animais de estimação com aquelas entre humanos, ou

⁴Disponível em: <http://www.proanima.org.br/noticias/justica-julga-procedente-acao-contra-vivissecao-em-porto-alegre-de-autoria-de-rober-bachinski.html>.

⁵Disponível em: <http://www.cam.ac.uk/research/news/childs-best-friend>.

analisar como a qualidade dessa relação impacta a vida da criança. Adiciona-se a essa consideração o fato de que a morte do animal é, muitas vezes, a primeira experiência de perda a ser vivenciada por uma pessoa (Dickinson, 1992 e Turner 1997 *apud* WROBEL & DYE, 2003). Devido ao vínculo afetivo e familiar que muitas pessoas têm com seus animais de estimação, e o número crescente de pessoas que possuem essas relações, a perda de um animal possui fortes impactos emocionais para o humano (CLEMENTS, et. al., 2003; MORRIS, 2012). O luto pela perda do animal, porém, segue fortemente carregado de um estigma e preconceito social, sendo encarado por muitos (principalmente aqueles sem relações de afeto com animais) como exagero, por não se tratar de uma perda humana, gerando situações de estresse e desconforto em ambientes de trabalho, escolares, etc. (WROBEL, 2003; HEWSON, 2014). Dessa forma, não se pode ignorar o impacto emocional e psicológico dessa perda, ainda mais no contexto da escola, em que se espera o suporte emocional para essa situação de estresse. Sendo a morte tema inevitável e importante de se tratar nas escolas e também, pela pesquisa educacional, é de extrema importância salientar a relevância das relações de estimação, para que possa haver um melhor preparo da escola e dos educadores no acolhimento de alunos e no auxílio do processo de luto (RODRIGUEZ, 2010). O acolhimento, a compreensão e o respeito pelo luto de alunos após uma perda também resulta em um melhor rendimento escolar (*ibid*).

O vínculo afetivo de alunos com seus animais de estimação também afeta a manutenção do vínculo pedagógico, ao passo em que essa relação possui um peso muitas vezes enorme para a criança e, muitas vezes, a perda de um animal é de fato a primeira experiência de morte a qual o aluno é exposto. Considerando o status de família de muitos animais, essa é uma questão ética e afetiva que precisa ser incluída e discutida no âmbito da pesquisa educacional. A desconsideração ou desvalorização do vínculo afetivo da criança/adolescente e seus animais de estimação pode trazer prejuízos ao vínculo pedagógico. Consoante o aumento do número de animais domésticos em lares brasileiros, essa é uma realidade com a qual inúmeros professores e escolas terão de se deparar. As novas constituições familiares e formas de se relacionar – incluindo aí as relações de estimação – são questões colocadas socialmente e de extrema relevância para a educação. A outra contribuição para o campo pedagógico se dá através da reflexão de como acontecem e quais são essas

outras aprendizagens que acontecem em espaços sociais que não são na escola. Consideramos significativo pensar que os animais não humanos podem ser não somente objetos de estudo, mas sim sujeitos ativos em uma relação de aprendizado. A dimensão animal é esquecida na formação de professores, porém a escola e as políticas educacionais têm de pensar nessas questões. Assim, acreditamos que o alargamento do campo de estudo da pesquisa educacional para além da escola e das instituições formais (e para além da espécie humana) podem trazer importantes contribuições para a área.

2. AS RELAÇÕES COM OS NÃO-HUMANOS

Para os ameríndios e a maior parte dos povos que viveram muito tempo sem escrita, o tempo dos mitos foi aquele em que os homens e os animais não eram realmente distintos uns dos outros e podiam se comunicar entre si. Fazer começar os tempos históricos com a torre de Babel, quando os homens perderam o uso de uma língua comum e deixaram de se compreender, lhes teria parecido uma visão estranhamente acanhada das coisas. Para eles, esse fim de uma harmonia primitiva se deu num âmbito bem mais vasto; ele atingiu não somente os homens, mas todos os seres vivos.

Claude Lévi-Strauss

Dependemos de outros animais desde nosso surgimento enquanto espécie. Porém, desde o século XX, esta dependência, apesar de não ter diminuído, compartilha espaço com outra relação: a convivência. Na sociedade ocidental urbana, convivemos cada vez mais com animais não humanos não porque precisamos, mas porque queremos. Nossas relações com os animais não humanos possuem inúmeras nuances e foram sendo moldadas e reconfiguradas desde o surgimento do *homo sapiens*. Em específico, é o evento da domesticação que catalisou essa mudança de dependência para uma convivência desejada.

O início do processo de domesticação remonta a cerca de 10 a 12 mil anos atrás (BULLIET, 2005; CASSIDY & MULLIN, 2007; SERPELL, 1996). Inúmeras transformações ocorreram desde a aproximação de humanos e animais não humanos, porém a domesticação é a que acarretou as mais profundas consequências sociais e

econômicas na estrutura das sociedades e nas relações sociais que a compõe (BULLIET, RUSELL; 2002, THOMAS, 2010). Conforme Bulliet (2005), a chamada sociedade pós-doméstica é marcada por um afastamento do campo e dos locais em que prevalecia uma maior interação de humanos e outros animais. Na chamada sociedade pós-doméstica, não testemunhamos mais os eventos biológicos como nascimento, cópula e a morte de outros animais. No contexto ocidental urbano, nos distanciamos da lida diária com aqueles animais utilizados para consumo (produção de alimento, tecidos) e nos aproximamos daqueles de companhia, os animais de estimação. Há um distanciamento entre o “mundo natural” e o mundo urbano (SWABE, 1998). Habitamo-nos com espécies que entram na nossa casa, dormem na nossa cama e recebem um nome próprio, enquanto ao mesmo tempo, estranhamos o sangue, a morte e envolvidos na morte de outros que acabam por chegar a nossas mesas de jantar. Como afirma THOMAS (2010), “o constrangimento pela alimentação carnívora fornece, assim, um exemplo da maneira pela qual, em fins do século XVIII, um número crescente de pessoas chegou a considerar o predomínio do homem sobre a natureza com um dado cada vez mais oposto às suas sensibilidades morais e estéticas” (*ibid*, p. 425). Esta nova sensibilidade estava reservada, portanto, a certas espécies que foram “privilegiadas” pelo contato próximo com o ser humano. O autor descreve como, a partir do século XVIII, os animais domésticos “eram considerados os comparsas das comunidades humana, unidos por interesse mútuo a seus proprietários, que dependiam de sua fecundidade e bem-estar” (*ibid*, p.137). Esta relação, no início, era mais utilitária e abrangia principalmente os agricultores, que mantinham uma relação próxima aos animais. Com o processo industrial e urbanização, começa a erodir a familiaridade. O animal de estimação tinha permissão para entrar em casa, recebia um nome pessoal e individualizado e não servia, jamais, de alimento. A relação de amizade e afetividade tornava este hábito impraticável. Surgiam novas sensibilidades, e os animais de estimação eram considerados virtuosos e leais e “proporcionavam companhia aos solitários, alívio aos fatigados e compensação aos que não tinham filhos” (*ibid*, p. 168). Conforme o autor,

O que mudara não fora o sentimento de humanidade enquanto tal, mas a definição da área dentro da qual se permitia operá-lo. A tarefa do

historiador é explicar por que a fronteira que delimitava a região de preocupação moral seria ampliada, de modo a compreender outras espécies, além da humana (p.212).

Apesar de haver certo consenso a respeito de sua origem histórico-temporal (ao menos em relação a certas espécies), a domesticação, enquanto conceito que envolve tanto aspectos biológicos quanto culturais, segue permeado de controvérsias, podendo ser definido como um processo mútuo entre espécies, exclusivo de humanos sobre outras espécies (animais e vegetais), irreversível ou temporário. De acordo com Rusell (2002, p.01), a criação da categoria de animais domésticos significa “criar e ultrapassar as fronteiras entre humano e animal, cultura e natureza”. Para Digard (2012), a domesticação é uma ação contínua que está vinculada à ideia de criação. Para o autor, a ação do homem sobre os animais que ele detém não acarreta, necessariamente, efeitos definitivos. Encontramos inúmeros exemplos de relações entre humanos e animais que não podem ser enquadrados exclusivamente nas categorias de doméstico ou selvagem ou, ainda, em que as fronteiras entre um e outro podem ser dissolvidas e redefinidas. Casos como a “feralização” de animais e o amansamento de animais selvagens ilustram situações em que as definições rígidas da dicotomia selvagem/doméstico, brabo/amansado, não são adequadas (DIGARD, 2012; INGOLD, 2000; SUSSEKIND, 2010).

Porém, em suas múltiplas definições, sempre houve a clara distinção entre nossa espécie, enquanto humana, e as demais, enquanto animais. No topo da escalada evolucionária estaria o homem, que atingiu um nível de complexidade não alcançada por nenhuma outra espécie viva, caracterizada pela sua humanidade.

O conceito de humanidade, por outro lado, referia-se exclusivamente ao homem, dotado de certas características que eliminariam a inclusão de outras espécies nesta classificação, tais como a aptidão para a cultura, o fato de possuir razão e consciência, e o desenvolvimento da fala. Não somos dotados, porém, de exclusividade biológica ou genética em comparação aos demais seres vivos; cada um sendo único em suas particularidades (INGOLD, 1995). Em contraste às definições ocidentais, inúmeras outras culturas consideram a humanidade um traço pertencente a inúmeras espécies vivas (animais e vegetais) e fenômenos naturais (DESCOLÁ, 2012). Conforme relata Ingold (1995, p.09), ao referir-se a certas culturas não ocidentais,

onde há um maior envolvimento prático com outras espécies “a condição de pessoa é tida como uma essência interna que engloba poderes de percepção e sensibilidade, volição, memória e fala, indiferente à forma particular que a espécie assume exteriormente”. Assim, as pessoas podem apresentar-se de diversas formas, sendo a forma humana somente uma destas manifestações. Descolá (2012) mostra que, em inúmeras culturas não ocidentais, a natureza, os seres vivos que a habitam e seus fenômenos naturais são sujeitos de uma relação social, em oposição à objetificação que sofrem nas sociedades ocidentais, não fazendo distinção, inclusive, entre humano e não humanos; é um vasto contínuo animado. São sujeitos sociais com alma, consciência, intenção e percepção; são, por estas qualidades, pessoas. A humanidade seria uma condição que todos os seres vivos podem ou não possuir, não uma característica definidora do homem. Descolá (2012, p. 33) afirma que “todas essas cosmologias tienen la característica común de no efectuar distinciones ontológicas tajantes entre los humanos, por un lado, y buen número de especies animales e vegetales por el otro”.

Cabe, aqui, uma crítica ao Bulliet e à ideia de que vivemos, enquanto sociedade ocidental contemporânea, em uma fase pós-doméstica, como se a mesma fosse uma fase em uma escala evolutiva. Na realidade, existe uma superposição de relações domésticas; relações heterogêneas em que diferentes espécies de animais e às vezes a mesma espécie, porém em contextos e momentos diferentes, apresentam classificações e tratamentos variados. Froehlich (2012), em trabalho sobre o processo de abate de porcos no interior do Rio Grande do Sul, relata a questão da criação doméstica de animais com fins alimentares e suas classificações, em que “os animais transitam nos estatutos de coisas e pessoas” (p. 49), ora sendo tratado como sujeito, ora objeto. Esses animais, que convivem rotineiramente com humanos por meses e chegam até a receber nomes são, na hora da carneada, dessubjetivados. Conforme a autora, após um período de “humanidade”, o porco retorna a um status mais objetificado ao iniciar o caminho de sua morte, ocorrendo um distanciamento gradual entre o humano e o animal. Nesse cenário de criação de porcos, não existe uma contradição entre a convivência próxima do animal e sua posterior morte: o animal e os humanos vivem nessa dualidade sem aparentes contradições. Tal cenário se

encontra em outras sociedades contemporâneas (ocidentais ou não), tanto rurais quanto urbanas.

Se milhares de civilizações não criaram a dicotomia natureza/cultura, humanidade/animalidade, não há porque considerarmos nossa visão a regra. Dessa forma, pode-se dizer que as delimitações entre espécies não são fixas, “mas devem ser não só analisadas caso a caso, como também politicamente negociadas em vários contextos” (VELDEN, 2011, p.130).

As pinturas rupestres feitas pelo homem pré-histórico representavam animais e, provavelmente, foram feitas com o sangue de animais (Berger, 1977). Segundo o autor, se algumas das primeiras metáforas era animal, é porque a relação essencial entre homem e animal era metafórica. “Nessa relação, o que os dois termos – homem e animal – compartilhavam, revelava o que os diferenciava. E vice-versa” (*ibid*, p.07). Os animais ofereciam explicações ou emprestavam seu nome ou caráter a uma qualidade que eram essencialmente um mistério.

What distinguished man from animal was the human capacity for symbolic thought, the capacity which was inseparable from the development of language in which words were not mere signals, but signifiers of something other than themselves. Yet the first symbols were animals. What distinguished men from animals was born of their relationship with them (Berger, p.09).

Do ponto de vista antropológico, a linguagem enquanto parte da cultura, não é uma coisa isolada. “A linguagem é um meio de comunicação, mas atos costumeiros de comportamento são, também, um meio de comunicação e o antropólogo sente que pode ter em vista ambos os modos de comunicação ao mesmo tempo” (LEACH, 1990, p.170). Por que somente alguns animais são considerados comestíveis e classificados como tal: é um problema da linguagem e da cultura, não da natureza. Ele classifica a parte comestível do ambiente em três categorias: comestíveis que são reconhecidas como alimento e consumidas regularmente; comestíveis que são reconhecidas como alimentos possíveis, mas, por vezes, são proibidas ou somente liberadas para consumo em ocasiões especiais (chamadas conscientemente interditadas); e, por fim, comestíveis que, por cultura e linguagem, não são reconhecidas de modo algum como

alimento (são as conscientemente interdidas). A ideia de comer cães causa repulsa à maioria das sociedades ocidentais, apesar de serem animais “perfeitamente comestíveis”. Segundo Leach (1990), esse asco se deve a um problema de categorias verbais. Usando como exemplo a expressão “o cão é o melhor amigo do homem”, o autor ilustra o conflito ao sermos colocados na mesma categoria que outro animal. Se o cão e o homem são considerados seres do mesmo tipo e o homem, pelo prisma da ética não é, de maneira alguma, comestível, então o cão também não é.⁶ Os ingleses separam os animais em quatro categorias comparáveis, sempre relacionado a proximidade dos mesmos com a sua não-comestibilidade. Ou seja, os animais de estimação são sempre fortemente não comestíveis. Os animais domesticados, porém não tão próximos, (de fazenda ou de corte), são geralmente comestíveis. Já os animais não domesticados podem ser classificados como de campo (ou caça) ou selvagens. Na primeira categoria, os animais não são domesticados e são comestíveis somente em circunstâncias específicas. Apesar de viverem sob proteção dos humanos, possuíamos uma relação ambígua de proximidade e hostilidade com os mesmos. Já na segunda categoria, os animais se encontram distantes de nós e não são comestíveis. Dessa distinção binária surge, porém, uma categoria intermediária ambígua, o tabu, através da mediação da distinção. Dessa forma, o valor ritual (tabu), se associa principalmente aos animais de caça e, também, aos animais de estimação. “Se ordenamos os animais familiares numa série, de acordo com sua distância social de um dado ‘eu’ humano, então podemos ver a ocorrência de tabu (valor ritual) como indicação de diferentes tipos de matanças e restrições alimentares, insulto verbal, associações metafísicas, desempenho ritual, intrusão de eufemismo, etc. e que tudo isso não é distribuído ao azar” (p.191). O porco, apesar de viver próximo a humanos (por épocas mais ainda do que o cão), tem como destino final a morte.

Na visão tradicional, o mundo social é exclusividade dos humanos e exclusivo entre humanos, devido principalmente à ausência de linguagem dos não-humanos. TSING (2013) levanta importante questionamento sobre a superação da dicotomia humano/animal ao perguntar “How could it have ever occurred to anyone that living

⁶ Dito isso, ressaltamos que existem exceções a essa regra, pois nem todos os animais se enquadram nessas categorizações em todas as sociedades, como, por exemplo o cavalo, na França, tido como comestível.

things other than humans are not social?... If social means ‘made in entangling relations with significant others’, clearly living beings other than humans are fully social – with or without humans” (*ibid*, p.28). A autora defende que, para sabermos mais sobre relações sociais, precisamos superar a divisão entre humanos e outras espécies e fazer um exercício intelectual difícil que requer não só imaginação como dados e argumentação teórica. É necessário repensar (ou incluir) expressões de sociabilidade como liberdade de ação e forma corporal, evitando as simplificações muitas vezes propostas pela biologia e, em oposição, as ciências humanas. Tsing (2013) afirma que um trabalho que considere o outro como um ser em ação em um mundo multiespécie “might make it possible to understand human sociality neither as conquest of other species nor as a parallel to other ways of being – but instead as an ingredient in social worlds in which both humans and non-humans live together. More-than-human sociality is our world as well as theirs” (*ibid*, p.40). Assim como Tsing, muitos autores já defendem a inclusão de não-humanos no estudo da vida social por serem, também, seres sociais, com os quais inclusive compartilhamos vidas sociais (INGOLD, 2000; IRVINE, 2012; KUHL, 2011; TSING, 2013).

2.1 AS RELAÇÕES DE ESTIMAÇÃO

Cuando juego con mi gata, ¿quién sabe si yo no soy un pasatiempo para ella más de lo que ella es para mí?
(MONTAIGNE, 2003 apud FUDGE, 2014)

O costume de ter animais de estimação, mais especificamente, remonta a milhares de anos e há algumas hipóteses pela preferência de cães e gatos (SWABE, 2005). Sendo o cão o animal doméstico mais socializado na nossa sociedade, destacando-se a ligação afetiva com os animais de estimação é um fenômeno sociológico que merece maior aprofundamento (CALMON DE OLIVEIRA, 2006). O domínio físico destes animais foi alterado, do mundo “lá fora”, para o quintal e, finalmente, para dentro de casa. Mas, há de se considerar se, além deste domínio externo, também não houve (e ainda estão em curso), mudanças significativas no

domínio ontológico ao qual pertencem algumas destas espécies, em especial o cão (DESCOLÁ, 2012). O cão pode ser considerado um ser transicional entre humanidade e animalidade, sendo trazido para dentro das casas como familiar, e não mais animal. A palavra *pet*, do inglês, é definida como “animal domesticado ou domado mantido por prazer ou companhia”, de acordo com o dicionário Oxford de inglês (FUDGE, 2014). Depois, surgiu o termo *companion animal*, que enfatiza a reciprocidade.

Uma situação atual em que a fronteira, inclusive, entre a espécie humana e as demais espécies animais nas sociedades ocidentais é confrontada encontra-se nas chamadas famílias multiespécie, formada por humanos e seus animais de estimação (FARACO, 2008). Conforme a autora, “cavalos, cães e gatos, na sociedade moderna, são referidos como ‘animais de companhia’ por estabelecerem fortes vínculos emocionais recíprocos com os humanos” (FARACO, 2004, p. 02). Segundo Bowen (1978), *apud* FARACO (2004), a configuração familiar multiespécie “sugere a existência de um sistema familiar emocional que pode ser composto por membros da família estendida, por pessoas sem grau de parentesco e por animais de estimação. Neste sistema, o vínculo entre os membros da família são laços emocionais, e não os de sangue” (p.38). A relação multiespécie evidenciada nas relações de estimação demonstra uma nova ordem de sensibilidade, afetiva e de valores. Contudo, não cabe a generalização de que qualquer família com animais não humanos em sua composição familiar é multiespecífica. Não é assim em todos os lugares. Apesar da convivência histórica com animais domesticados, a variedade de tipos e formas de animais de estimação e o próprio conceito de “animal de estimação” variam muito em sociedades humanas (HERZOG, 2014). O conceito de família multiespécie encontra-se ligado à formação de novas sensibilidades, porém nem todas as relações multiespécie são caracterizadas por essas novas sensibilidades. Segundo Herzog (2014), “diferenças culturais e mudanças históricas em padrões na manutenção de animais de estimação, contudo, não sustentam a ideia de que o amor por animais é um traço humano inato” (tradução nossa, *ibid*, p.301). Como exemplo, o autor traz a diferença entre certos subgrupos, como a disparidade da quantidade de animais de estimação entre lares cristãos e muçulmanos na Tanzânia e entre lares de judeus ortodoxos tradicionais e judeus ortodoxos modernos (KNOBEL et. al., 2008 e A. GLICKSMAN, 2014, *apud* HERZOG, 2014). Algumas mudanças de atitudes em relação ao “amor” por certos

animais também são evidenciadas através das diferenças de comportamento em relação ao gato, animal que foi adorado no Egito Antigo e posteriormente perseguido pela Igreja Católica no século XIII, para somente a partir do século XVIII ser visto de forma mais positiva, assumindo atualmente o pódio de animal doméstico mais popular nos lares dos Estados Unidos (Herzog, 2014). Para Berger (1977), por serem esterilizados ou isolados sexualmente, viverem vidas externas limitadas, terem contato com outros animais limitado, se alimentarem de comidas artificiais, são criaturas que vivem o estilo de vida de seus donos. O animal, ao ser tratado de forma tão próxima, *completa* (grifo do autor) o humano, oferecendo respostas a aspectos de seu caráter que permaneceriam outrora não confirmados. Assim, o humano sente que pode ser para seu animal o que ele não é para mais ninguém. O animal oferece ao seu dono o espelho de uma parte sua que, de outra forma, jamais seria refletida. Porém, como nessa relação a autonomia de ambas as partes foi perdida (o homem tornou-se “o homem especial que ele é somente para o animal”, e o animal tornou-se dependente de seu dono para todas suas necessidades físicas), o paralelismo de suas vidas separadas foi destruído. Segundo o autor, os animais de estimação foram “cooptados” para a categoria de família, “but having no physical needs or limitations as pets do, they can be totally transformed into human puppets” (*ibid*, p.15)

O cão é a mais antiga espécie domesticada pelo homem, há cerca de 9.000 a 30.000 anos BCE (BERNS, 2012; SERPELL, 1996). Estudos demonstram que o cão doméstico (*canis lupus familiaris*), em comparação com seu ancestral, o lobo (*canis lupus*), desenvolveu uma ferramenta comunicativa que consiste em olhar a expressão facial de seus companheiros humanos. Este comportamento, segundo os autores, “tem a função de iniciar e manter a interação comunicativa e é congruente com os sistemas humanos de comunicação” (MIKLÓSI et. al. *apud* FARACO, 2003). Pode-se considerar que o contato milenar resultou em uma evolução física e social que levou o cão a desenvolver uma destacada habilidade de compreender e se comunicar com humanos (como responder a comandos, mapear palavras novas e demonstrar emoções) (BERNS, 2012). Ou seja, a domesticação, no caso do cão, não eliminou a barreira de linguagem entre ambas as espécies, porém criou uma forma de comunicação única, desenvolvida devido à estreita ligação entre as espécies. Além da comunicação, há uma forte ligação emocional evidenciada entre os donos de *pets* na

sociedade atual. No campo da neuroanatomia, um estudo pioneiro comparou padrões de atividade cerebral em mulheres que visualizavam imagens de seus filhos e de seus cães de estimação e constatou que há padrões semelhantes de resposta cerebral em regiões ligadas à emoção, recompensa e afiliação (STOECKEL, 2012). Ou seja, apesar do estudo constatar algumas diferenças no padrão de funcionamento cerebral, há semelhanças significativas nos aspectos de experiência emocional ao comparar a ligação entre mães e seus filhos, e mães e seus companheiros caninos. Não é, portanto, exagero ou erro (ao menos na visão da neurociência), dizer que o animal de estimação é “como um filho”. Esta ligação de quase parentesco que estabelecemos com estes animais é evidenciada nos “nomes humanos” dados aos animais de estimação, nas roupas com as quais os vestimos, na linguagem infantil com a qual nos dirigimos a eles. Consideramos o antropomorfismo (atribuição de estados mentais humanos, como pensamentos, sentimentos, motivações e crenças a animais não humanos) uma prática moderna (e, para muitos, algo ridículo ou até mesmo condenável), porém este é um fenômeno antigo que faz parte da evolução do homem (SERPELL, 2003). Na era Paleolítica, o antropomorfismo emergiu como uma consequência direta de uma alteração radical na arquitetura funcional da mente humana (MITHEN, 1996, *apud* SERPELL). O desenvolvimento da chamada consciência reflexiva permitiu aos seres humanos “aplicar suas sofisticadas habilidade sociais - sua habilidade para fazer inferências sobre experiências mentais de coespecíficos - às suas interações com outros animais no mundo natural” (p.85). Esta nova capacidade de penetrar na mente da presa foi valiosa para as técnicas de sobrevivência do homem em seus primórdios de caçador, ajudando a torná-lo um “super predador”. Hoje, porém, o antropomorfismo não é mais necessário à nossa sobrevivência, mas contribuiu para a incorporação de certos animais no meio social humano e para tornar os animais de estimação cada vez mais dependentes de nós. Os excessos do antropomorfismo prejudicam os animais, que sofrem pressão para agradar às nossas preferências estéticas. Banhos em demasia, perfumes, vestimentas, mutilações e reprodução seletiva causam problemas de saúde e servem como exemplos destes excessos (SERPELL, 2003).

Não resta dúvida de que foi observando os animais de estimação que se começou a defender a inteligência e o caráter animais (THOMAS, p. 171). Segundo o

autor, “é no quadro dessa tradição de estima pelos animais que devemos estudar como aumenta, no início do período moderno, a tendência de cientistas e intelectuais a romper a rígida fronteira que os teóricos anteriores procuraram construir entre animais e homens” (p. 173).

Para Fudge (2014), escrever a história dos animais (tarefa agora abraçada por historiadores, sociólogos, antropólogos e zoólogos) significa escrever uma história mais completa da humanidade, pois é impossível compreender a história humana sem considerarmos o papel dos animais nessa história. Para a autora, além de um relato mais completo, uma história que inclua os animais desestabiliza nossa ideia de humanidade, ao passo que rompe com a ideia de que humanos possam ser desvinculados do restante da animalidade e, também, da natureza. Assim, a própria natureza da história é modificada (*ibid*).

A crescente inclusão de certas espécies (principalmente cães e gatos, mas também outras que são adotadas como companhias de estimação, como algumas espécies de aves, coelhos, hamsters, tartarugas, etc.) em nossos lares demonstra uma nova sensibilidade frente a esses animais, evidenciada com um aumento significativo nos movimentos de direitos e bem-estar animal. Conforme Sordi, (2011, p.25), estes movimentos, ao incluírem outros animais na esfera moral (e dignos de consideração ética e jurídica) “estimulam a diluição entre natureza e cultura”. Kulick (2009), ao analisar a epidemia de animais obesos, afirma que a doença transcendeu a fronteira das espécies. Alimentos especiais, medicamentos caros e tratamentos modernos tecnológicos são alguns exemplos destes fenômenos. A linha divisória também se borra ao considerar a incorporação de tecnologias médicas à saúde animal (SEGATA, 2003). Segundo Swabe (2005), nos séculos passados, cães e gatos não mereciam a atenção terapêutica da ciência médica, possuindo função de proteção, controle de pragas e companhia. Possuíam, porém, pouco valor econômico e eram rapidamente substituídos. Para ciência médica, os cães eram utilizados nos estudos de anatomia e fisiologia. A educação veterinária também manteve seu foco, até pouco tempo, no cuidado com animais de grande porte (cavalos, vacas, etc.). A partir do século XIX, contudo, animais de pequeno porte foram ganhando atenção da ciência veterinária na sociedade europeia, acompanhando o crescimento do número destes animais dentro dos lares. Hoje, a influência da tecnologia no cuidado da vida desses animais chegou a

extremos, em situações em que “a qualidade de vida de um animal é significativamente reduzida e o dono se recusa a considerar a eutanásia como opção viável, mesmo que seja de seu maior interesse financeiro e de interesse do animal, no que diz respeito à sua qualidade de vida e condição física” (*ibid*, p.135). A domesticação trouxe a morte da natureza para o campo da tecnologia, sendo direcionada ao dono (e ao veterinário) a responsabilidade, ou melhor, a escolha pelo fim da vida (sacrifício/eutanásia).

Latour (1999) afirma que a tradição científica moderna tratou de separar em domínios ontológicos distintos a natureza e a cultura. O mundo seria mais fácil de compreender se fossem delimitadas fronteiras entre objetos e fenômenos. Porém, com a revolução científica, ocorreu o surgimento de híbridos, sendo necessária sua purificação para que permanecessem separados, como ocorre com a separação entre humanos e animais não humanos. Segundo Segata (2012), o cão, enquanto animal de estimação, seria um híbrido, resultante do processo de tradução humano/animal. Segue o autor: “dessa maneira, manifestações protagonizadas por humanos, que também são animais, em favor de animais, que se quer como humanos, dão provas de que só há híbridos. O nós humanos e eles animais sugere a purificação, mas ao mesmo tempo, enquanto associação, há a produção de uma nova entidade - um animal que não é tão apenas um animal e um humano que não é tão apenas um humano” (*ibid*, p.26). Segundo o autor, a fragilidade ontológica dos animais de estimação estabiliza e reafirma a nossa.

Uma alternativa aos estudos humano/animal, em vez de tentar fixar os híbridos, seria explorar como/quando se é um humano/animal, e não definir o que é cada um. Conforme Segata (2013), um reposicionamento de foco etnográfico seria tratar das coisas como relação, não fixar em uma ponta do binômio. Segundo o autor, é importante observarmos como essas relações produzem modos de caracterização daquilo que definimos como humanidade e animalidade e, como em certos contextos, essa linha fica nebulosa. Kohn (2007), observando as relações de povos amazônicos com animais, aponta para a preocupação com uma antropologia para além do ser humano como objeto de estudo dentro de um quadro de análise que é exclusivamente humano. Uma etnografia transespécie romperia com o foco exclusivamente humano, “que apaga precisamente aquilo que é distinto para humanos (linguagem e cultura e,

por extensão, a especificidade histórica de nosso engajamento com outros tipos de seres) e tende a presumir que a única coisa que temos em comum com não humanos são nossos corpos” (*ibid*, p.18). Muitos autores, inclusive, atestam ser necessária a inclusão de seres vivos não humanos na composição de agrupamentos sociais. Ao fazer uma etnografia da rede sociotécnica que envolve os projetos de conservação de onça no pantanal sul (abrangendo pesquisadores, fazendeiros, caçadores, cães, onças e gado), Sussekind (2010, p. 330) afirma que, além de seu importante papel como fonte de matéria prima para a indústria, o gado pantaneiro também pode ser produtor de cultura “no sentido de que fabrica o ambiente, produz o pantanal tal qual ele é conhecido pelos fazendeiros. No mesmo sentido, poderíamos falar em culturas caninas, em ambientes próprios constituídos pelo fardo. O reconhecimento, nos mestres, de habilidades e talentos específicos é a forma de associação cooperativa que conduz os humanos até as onças.” Conforme Kulick (2009, p. 499), “os companheiros humanos de animais de estimação sabem há muitos anos – bem como os vendedores de produtos para animais de estimação – o que acadêmicos só agora começam a entender, a saber que, a linha divisória entre animais de estimação e pessoas não é nada clara”.

Com a disponibilidade de novos recursos e tratamentos médicos aos animais, surge a também questão da geriatria dos pets. Nossos cães e gatos nunca viveram tanto tempo quanto agora. O aumento da incidência de doenças crônicas e surgidas com a idade, como câncer, algo antes raramente visto, levam os seus donos a se confrontar com situações incomuns para as gerações mais antigas. A morte, até então uma realidade fora das mãos humanas, relegada à esfera natural, é muitas vezes agora decisão dos donos e médicos veterinários, na esfera da ciência, com a escolha da eutanásia.

Fudge (2014) refuta a ideia do *pet* como “menos” animal, ou um animal degenerado, aquele que perdeu as qualidades de autossuficiência e desenvolveu outras, como docilidade e dependência. Para a autora, o que há de tão intelectualmente interessante no *pet* é a condição de criatura que se situa entre o animal selvagem e o humano. Ao termos que compartilhar a vida com outro animal cujo mundo não temos pleno acesso, nossa posição de autoridade e controle do mundo, enquanto humanos, é desafiada. Somos obrigados a reconhecer a potência do

outro. Conforme a autora, “los animales son um elemento central dentro del esceptismo porque el poder humano se desentrena con mayor claridade cuando enfrentamos lo no humano” (FUDGE, 2014, p.106).

Ao comparar cães e gatos, Fudge (2014) afirma que o cão é mais fácil de domesticar que um gato e, assim, contribui na construção de nossa ideia de lar, com inúmeros exemplos na cultura popular, como o livro *Lassie*. Para a autora, “em realidade, podría decirse que, em lugar de construir la esfera domestica, um gato la desafía” (p.104). O gato é o animal doméstico mais apto a estimular nosso exercício intelectual e filosófico acerca das nossas concepções de mundo, incluindo aí a divisa humano/animal. Para a autora, “la negativa de um gato a satisfacer las expectativas y deseos humanos lo convierte em la mascotas ideal para que contemple el filósofo, mientras desafía las certezas de la tradición dogmática” (*ibid*, p.105). A segurança oferecida em nossa relação com o cão é desestabilizada pelo gato, pois “en el mito y en la filosofia, el perro aponta claridade. El gato, em cambio, ofrece algo muy diferente (*ibid*, p.106).

Fudge (2014) atenta para a necessidade de se pensar em como nos adaptamos para viver com esses animais; a atenção e observação necessárias para fazermos os ajustes necessários para uma coabitação harmoniosa. Esses ajustes podem ser considerados um aprendizado de vários sentidos: de *viver com* o outro, de enxergar o mundo e, por fim, de enxergar a nós mesmos . Esse outro ser “nos ayuda a hacer de nuestro mundo lo que es: así como decimos que los entrenamos para vivir em el hogar, podríamos decir que ellos nos entrenan a nosotros para vivir em el mundo” (*ibid*, p.24). Segundo a autora,

Cuando observamos a nuestras mascotas, descubramos algo más sobre quién es esa persona que creemos que somos. Podríamos decir que um análisis sobre las implicaciones de tener una mascota comienza al mirar a um perro, y termina com la contemplacion de la naturaleza del ser humano (*ibid*, p.24).

Precisamos ir além dos debates rasos sobre se o animal de estimação é, em verdade, um “humano postigo”. Seriam eles ocupantes não-humanos de uma posição de afeto que deveria ser ocupada por humanos? Ultrapassada a questão do papel que o *pet* cumpre na vida de uma pessoa, chegamos à realização de que naquela relação

há, de fato, um afeto e o que implicaria esse tipo de afeto. Esse tipo de amor confere aos pets um status diferenciado? (FUDGE, 2014, p.60). Como afirma HARAWAY, valores como responsabilidade e respeito também são considerados características do amor em nossas relações entre humanos. Logo, se nossas relações de estimação são calcadas nesses princípios, por que não chamar isso de amor?

A relação próxima das pessoas com seus *pets* faz com que elas afirmem que conseguem se comunicar – ou travar algum tipo de comunicação – com seus animais. A comunicação, contudo, não é verbal, é visual, um jogo de interpretação corporal, de avisos sonoros, troca de olhares. Ou seja, há uma comunicação interespecie. Segundo Fudge (2014), nessa comunicação, somos observadores e, ao mesmo tempo, atores. Observamos os sinais dados pelos animais, e aprendemos a responder a eles. A autora diz que, ao invés de defendermos a incapacidade dos animais (como ausência de linguagem), devemos reconhecer suas capacidades e nossas limitações enquanto humanos.

Uma das interlocutoras, ao falar sobre a relação com seus cães, relata a troca de olhares como forma de comunicação, conforme relatou em trecho da entrevista transcrita:

“[...] mas o meu outro cachorro come ração comum. Só que a minha mãe burla. Antes ele era um cachorro que não era ligado em comida, mas agora se tu vai comer, tu senta na mesa e o S. enlouquece, porque a minha mãe ensinou o S. a comer comida. E ela fica dando bolachinha e ele fica deitado olhando tipo "por favor, me dá". Eles são muito espertos (Entrevista M., diário de campo, 05 de julho de 2015).

A comunicação entre os animais de sua própria espécie existe, nós é que não sabemos acessá-la. Assim, condição indispensável para convivermos em harmonia com os pets pressupõe deixarmos de lado nossa crença de pertencermos a um status superior. Os animais de estimação não nos proporcionam segurança ontológica alguma, pelo contrário, a ameaçam.

Las mascotas son seres complejos: quebrantan y reconstruyen las fronteras; nos revelan tanto la fragmentación de los humanos como su poder; seres a los que les hablamos y nos muestran cuán inadecuadas son nuestras formas de comunicación; que nos hablan y nos revelan nuestra incapacidad para comprenderlos (FUDGE, 2014, p.98).

Assim, “interpretar el lenguaje del perro es abrir la posibilidad de una comunicacion com outra espécie que no desdena la diferencia sino que la celebra” (FUDGE, p.87). De formas mais ou menos óbvias, muitos humanos com relações de estimação corroboram a tese da comunicação interespécie, ou algo parecido com isso. Na consulta homeopática da cadela maltês T., a tutora afirma “Ela parece uma pessoa, ela fala comigo, ‘eu sou uma pessoa’, diz com uma voz que simula a voz da cadela (Caderno de campo, 01/07/2015).

2.2 O MERCADO PET

Hoje, principalmente em um contexto ocidental urbano, um animal de estimação é visto como membro da família. E, como tal, demanda certos cuidados. Há um número crescente de produtos e serviços direcionados a esse público. Segundo dados de 2012, o Brasil fica atrás somente dos Estados Unidos em gastos com animais de estimação, movimentando mais de R\$14 bilhões nesse segmento. De acordo com pesquisa do IBOPE, em 2013 os brasileiros gastaram mais de R\$6 bilhões no consumo domiciliar, ou seja, as compras de pessoa física junto a varejistas do ramo, incluindo compra de animal doméstico, vacina, banho e tosa, gastos com veterinário, ração, xampu, brinquedos e acessórios.⁷ São cerca de 21 milhões de gatos (a segunda maior população do mundo) e 37 milhões de cães nas casas dos brasileiros, e a tendência esperada é de crescimento, com previsão de que a população de gatos alcance a de cães. Comparativamente, ficamos atrás apenas dos EUA, onde atualmente há cerca de 80 milhões de gatos e 65 milhões de cachorros⁸. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet), a previsão para 2014 era de um faturamento de R\$ 16,4 bilhões, um crescimento de 8,2% em relação a 2013⁹.

⁷ Disponível em: <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Gastos-com-animais-de-estimacao-vao-movimentar-mais-de-6-bilhoes-no-Brasil.aspx>.

⁸ Disponível em: <http://portal.cfmv.gov.br/portal/noticia/index/id/4064>.

⁹ Disponível em: <http://abinpet.org.br/sem-categoria/brasil-esta-entre-as-principais-forcas-motrices-do-mercado-pet-mundial-ressalta-abinpet/>.

Em levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados referentes ao ano de 2013, constatou-se que o número de cães em lares brasileiros supera aquele de crianças de até 14 anos.¹⁰ No país, 44,3% das residências do país têm ao menos um cachorro. Isso representa 52 milhões de cães em contraste com 45 milhões de crianças. Já os gatos estão presentes em 17,7% dos domicílios: são 22 milhões de felinos nas casas brasileiras. Segundo reportagem da revista *Veja*, de junho de 2015 (figura 01), “os bichinhos são frequentemente a alternativa escolhida para preencher o vazio em lares com pouca gente”. De acordo com o texto, algumas possíveis explicações para esse fenômeno seriam: a queda de fecundidade feminina, o aumento da população idosa, a síndrome do ninho vazio, o aumento dos domicílios com arranjos unipessoais, o aumento de renda das famílias e o alto custo de ter filhos.

Figura 01 – Capa da edição de 10 de junho de 2015 da revista *Veja*.



Fonte: <http://veja.abril.com.br/acervo/home.aspx>.

O que há algum tempo poderia gerar brincadeiras e risadas incrédulas, é parte do dia a dia de muitas pessoas (creches para animais, *spas*, funerárias, doação de sangue, planos de saúde). O luto, antes destinado somente a perdas humanas,

¹⁰ Disponível em:

http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_tematicas/Insumos_agropecuarios/79RO/IBGE_PAEB.pdf.

também acompanha agora a perda dos não-humanos. Com ele, vêm os serviços destinados a esse fim: cremação, funerárias, cemitérios. Os animais domesticados, mesmos quando não cumprindo o papel de animais de estimação, se fazem presentes em outras tarefas compartilhadas com humanos (cães guia, cães policiais, cães de resgate, etc.).

Os animais de estimação podem, dessa forma, serem vistos como seres transicionais, que acabam por não pertencer totalmente à humanidade, nem à animalidade. Vestígios de sua animalidade “pura”, como os latidos, as fezes, o mau cheiro, a reprodução descontrolada, são inibidos por humanos com adestramento, saquinhos de plástico, banhos e perfumes, e castração.

Em consulta com uma veterinária homeopática, a tutora de uma cadela é questionada a respeito de alguns hábitos alimentares do animal.

Uma mulher entrou sozinha no consultório com uma cachorrinha no colo, era uma maltes branca com um laço rosa na cabeça. Ela se sentou, a cachorrinha permaneceu no colo e a consulta começou.... A veterinária pergunta de problemas intestinais e ela comenta que a cadela teve uma gastroenterite com sangue. Comentou que ela não gosta de ficar sozinha ‘eu viajo e é o caos, dá diarreia, urticária.’ A mulher disse que a cadela fica com o irmão ou a vizinha (que tem um poodle) e continua ‘Eles não dão coisas diferentes (de comida), parece que querem domesticá-la. A veterinária responde, sorrindo ‘querem trata-la que nem cachorro?’ ‘É....’ diz a tutora, enquanto ri. (Consulta da cadela T, caderno de campo, 01/07/2015)

A tutora estranha não ser dado à cadela liberdade na variação de alimentos, enquanto que a veterinária, ao que aparenta, estranha o tratamento humano dado ao animal. Esse embate entre o que deveria ser propriamente humano e animal é evidenciado em outros registros de campo, a serem mais detalhados nos capítulos a seguir.

3. PROBLEMA

A pergunta que norteia esta pesquisa é como se configuram as relações entre humanos e animais não humanos, mais especificamente entre humanos e os animais

de estimação, constituindo *relações significativas multiespécie*. Pretendemos levar em consideração a contribuição dessas relações na formação de uma nova cultura e moralidade. As novas sensibilidades para com os não-humanos são elementos de uma nova cultura, evidenciada nas relações de estimação e em diferentes espaços: nas ruas, nos hospitais veterinários e até nas políticas públicas. Também se observa a inserção da questão animal no currículo, através da educação humanitária e em uma educação para evitar crueldade, para sensibilidades. Em Porto Alegre, onde a educação humanitária foi proposta como temática curricular obrigatória nas escolas municipais por um Projeto de Lei¹¹, observa-se ainda que a questão animal também figura entre os interesses do poder legislativo.

O adoecimento de um animal, e, conseqüentemente, sua internação em um hospital veterinário, resulta em uma experiência formativa para o dono do animal, ou também poderíamos chamá-lo “seu humano responsável”. É preciso aprender o que é um animal doente e, conseqüentemente, o que é ser um humano responsável por um não humano. As orientações veterinárias e o acompanhamento em consultas também fazem parte desse processo formativo. Ao passo em que o ambiente hospitalar ensina, ele pode ser considerado uma espaço pedagógico. Os espaços pedagógicos são aqueles que educam e moldam nossa conduta, nosso pensamento e nossa forma de agir. Utilizamos, na construção desta dissertação, a ideia de pedagogia cultural (STEINBERG, 2001), ou seja, compreendemos que a educação não se limita a espaços pedagógicos institucionalizados e que podem também serem considerados espaços pedagógicos “todos os espaços socioculturais em que o poder se organiza e se exercita, como mídia televisiva, filmes, jornais, revistas, brinquedos, catálogos, propagandas, anúncios, videogames, livros, esportes, *shopping centers*, dentre outros” (STEINBERG, 2001 *apud* SÁ-SILVA e EGGERT, 2013). Assim, consideramos o hospital veterinário um espaço educativo: é necessário aprender a lidar com a doença do animal, a se comportar no ambiente hospitalar veterinário e, mesmo após a alta, a lidar com os sintomas, os medicamentos e o tratamento. Não é o foco desta pesquisa, contudo, destacar as relações de poder das outras relações sociais em jogo nesses

¹¹Disponível em:

<http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao.aspx?SiglaTipo=PL&NroProposicao=168&AnoProposicao=2015&Origem=Dx>.

ambientes, mas sim reconhecer que diferentes espaços socioculturais incluindo suas relações assimétricas de poder e hierarquia intra e interespecie, são espaços educativos, na medida em que são formadores de novas sensibilidades culturais.

4. OBJETIVO GERAL

Explorar as relações entre humanos e seus animais de estimação; neste caso, cães e gatos nas famílias multiespecie, observando a dimensão educativa implicada nestas relações onde humanos e não humanos são objetos de vários dispositivos pedagógicos que operam na constituição de uma sensibilidade, uma ética e uma moral especificamente voltada para regular estas relações.

4.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Analisar as implicações das relações de humanos e animais de estimação tomando o processo de adoecimento, tratamento e, quando for o caso, eutanásia do animal de estimação, como situação crítica que evidencia os laços e as sensibilidades que desejamos estudar.

Discutir em que medida uma ética da responsabilidade com os animais está sendo ensinada e aprendida nos ambientes como clínicas veterinárias.

Identificar os dispositivos pedagógicos envolvidos nas relações de humanos e animais de estimação no contexto urbano contemporâneo, particularmente nas clínicas veterinárias como lugares privilegiados de produção e reprodução de uma “cultura pet”.

Analisar se há diferenças nas relações humano-animal de estimação nas diferentes composições familiares. Ou seja, como a diversidade humana afeta (ou não) a relação interespecie.

5. METODOLOGIA

A pesquisa contou com uma abordagem qualitativa, utilizando a técnica de observação participante e entrevistas semiestruturadas, além do levantamento bibliográfico.

A abordagem qualitativa trabalha “com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” e cabe ao pesquisador ir além da simples observação e decifrar o significado da ação humana (QUEIROZ, 2008). Nossa postura se valerá, também, dos ensinamentos da antropologia, particularmente da prática etnográfica no sentido de que ela ultrapassa o ato de meramente observar, sendo crucial a interação e a imersão do pesquisador no contexto social investigado para que possa se questionar sobre a construção dessa realidade social específica e “compreender a interpretar tais transformações da realidade desde seu interior.” (ECKERT e ROCHA, 2008, *ibid*, p.22)

Foi realizado o uso da técnica de observação participante para uma maior aproximação com os proprietários de animais internados. A observação participante é o processo pelo qual o pesquisador passa a ser observador de uma situação social, ficando em contato direto com seus interlocutores, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa (MINAYO, 2009). Segundo QUIVY (2005, p. 98) “os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos”. Assim, há também a vantagem de um material de análise que surge de forma relativamente espontânea e autêntica.

Para observar a relação de donos de animais de estimação, optou-se como campo o Hospital Veterinário Lorenzoni (HVL), por possuir salas de internação e autorizar a visita dos donos. As observações foram feitas no horário de visitas (das 13h às 14h, de segunda a sábado), de 3 a 4 vezes por semana. Como o intuito da pesquisa é observar a relação das famílias multiespécie, achamos importante um ambiente em que houvesse uma interação mais prolongada e com certa frequência, algo que é possibilitado em tratamentos mais longos e na internação. A composição familiar, também, não foi restrita a um número específico de indivíduos, pois será considerada

uma família tanto indivíduos que moram sozinhos com seus pets, quanto núcleos familiares maiores (duas ou mais pessoas).

Ademais, o contexto do hospital veterinário, com animais (em sua maioria) doentes e em tratamento médico, também evidencia a sensibilidade dos humanos para com seus companheiros, pois geralmente encontram-se em um estado de saúde debilitada ou de estresse e, em alguns casos, ocorrendo o óbito (com intervenção da eutanásia ou não). A eutanásia, apesar de ser prática regulamentada pela resolução nº 714 do Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV, 2002) e constar no artigo 6º do juramento do médico veterinário, é ainda tema polêmico e abordado de diferentes maneiras de acordo com cada clínica ou hospital veterinário. No HVL, a eutanásia nunca é sugerida pelo médico veterinário. Somente após o dono do animal abordar o tema, é que o médico veterinário analisa o caso em questão e, caso ache adequado, autoriza o procedimento. Como são esses novos protocolos ao lidar com a eutanásia do animal e a decisão de prolongar a vida? O que acontece quando o animal morre? Quando os animais adoecem, o que está disponível para as famílias? Muitos dos animais internados têm idade avançada, alcançando um tempo de vida antes raramente presenciado. Assim, foi possível explorar como as pessoas estão lidando com o envelhecimento e a perda de seus pets. Além disso, existe o enfoque de como os humanos aprendem a lidar com seus animais e seu adoecimento.

A pesquisa também contou com entrevistas semiestruturadas, com pessoas que tiveram uma perda recente de animal de estimação ou têm histórias recentes com seus animais doentes e com histórico de tratamento e/ou internação hospital. Escolhemos o momento crítico do adoecimento e da morte por serem situações críticas em que esse laço se manifesta. A priori, os casos a serem acompanhados seriam os do HVL, com anuência do hospital e do proprietário do animal, após a assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido individual. Porém, após algumas conversas e considerações com a coordenação do hospital, optou-se por buscar interlocutores externos, para que não gerasse nenhum constrangimento ou desconforto dos clientes com o HVL.

Também foram entrevistados três veterinários que atuam em contextos e atendem a públicos distintos: uma veterinária de uma clínica veterinária de classe média alta; um veterinário do Hospital de Clínica Veterinária da Universidade Federal

do Rio Grande do Sul (HCV – UFRGS), que possui em seu público uma classe menos favorecida e uma veterinária homeopata, que também atua em clínica particular, porém com um público diferenciado em busca de tratamentos não convencionais. A conduta do veterinário no atendimento do humano é crucial ao acompanhar diversos momentos críticos, pois se torna uma crise familiar. Assim, o profissional veterinário acaba por adotar uma conduta de terapeuta, exercendo um procedimento de terapia de apoio. O sofrimento animal é acompanhado do sofrimento humano, ao passar pela terminalidade da doença, a tomada de decisão da eutanásia (quando for o caso), o protocolo da eutanásia, o destino do corpo, etc.

Devido à sua importância na atuação de políticas locais, também foi feita uma visita à sede da Secretaria de Especial dos Direitos Animais (SEDA). Também observamos um curso de formação de professores promovido pela SEDA e acompanhamos a visita da equipe pedagógica da Secretaria a uma escola estadual que desenvolve projetos de educação humanitária. Lá, alunos de uma turma de séries iniciais assistiram à apresentação da coordenadora pedagógica do projeto.

A revisão da literatura foi feita a partir de diferentes fontes e serviu de aporte teórico para a pesquisa. As leituras foram distribuídas em livros, periódicos (portal Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Scientific Electronic Library Online (SCIELO) Google Scholar), anais de congresso, e teses e dissertações disponíveis online.

5.1. HOSPITAL VETERINÁRIO LORENZONI

O hospital veterinário Lorenzoni foi o local que escolhemos como nosso campo de estudos. Na busca por um local onde eu pudesse interagir de forma mais próxima com pessoas e seus animais de estimação, busquei descobrir, com uma amiga veterinária, sugestões de clínicas e hospitais veterinários em Porto Alegre que tivessem internação de animais e permitissem visitas dos proprietários. Ela sugeriu contatar uma colega da faculdade que fez o trabalho de conclusão sobre eutanásia em um hospital veterinário, o Hospital Lorenzoni. Coincidentemente, o Hospital ficava muito próximo à minha residência, de forma que dei prioridade a esse local. Caso não

desse certo, procuraria outro. Fiz meu primeiro contato por telefone no fim de dezembro e, com a indicação da minha amiga, pedi para falar com a veterinária S., a responsável administrativa do hospital. Após me apresentar, disse que uma conhecida veterinária havia realizado seu trabalho de conclusão de curso no local (descobri que agora ela faz parte da equipe do Hospital) e expliquei que era uma bióloga, fazendo Mestrado em Educação e que me interessava estudar a relação atual de humanos e seus companheiros de estimação. A partir dessa conversa, marcamos um horário para conversar melhor, ocasião na qual levei uma carta de apresentação (Anexo 1) e detalhei meus objetivos com a pesquisa e perguntei um pouco sobre a rotina no local. A S. disse achar a proposta interessante e inclusive compartilhou diversos relatos de situações curiosas testemunhadas por ela e pela equipe do hospital. Após essa primeira conversa, marcamos um próximo encontro no qual eu levaria o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 2), para que ela pudesse discutir com o proprietário e gerente do Hospital a possibilidade de realizar as observações no local. Após algumas semanas, tive o retorno da S., autorizando a realização das observações. Nesse mesmo dia, fui apresentada à equipe e realizei um pequeno *tour* das dependências do hospital. A S. entraria de férias em alguns dias, sendo necessário conversar com a médica veterinária que a substituiria como responsável administrativa durante esse período, a T. Após uma semana, consegui conversar com a T. e repassar a conversa que tive com a S., para que ela tomasse conhecimento da situação. Assim, iniciei as observações no fim do mês de janeiro.

O HVL foi inaugurado em 1953, quando iniciou como um consultório na garagem da casa do médico veterinário Rheno Lorenzoni. A administração passou para o seu filho Onix e, hoje, é do seu neto, Rodrigo (ambos médicos veterinários). O local funciona de segunda a sábado, das 07h30min às 20h. Das 20h às 7h30min e aos domingos, é feito somente atendimento de plantão. O hospital conta com uma infraestrutura para diferentes serviços e procedimentos¹², com sete veterinários trabalhando no horário comercial de segunda a sábado, e um médico veterinário e um

¹² Disponível em: <http://www.hospitallorenzoni.com.br/>. De acordo com o site do Hospital, os serviços incluem: atendimento clínico, cirúrgico e ambulatorial, clínica geral, cirurgia geral, ortopedia, oftalmologia, odontologia, cardiologia, oncologia, fisioterapia, anestesia, radiologia, eletrocardiografia, ecografia, laboratório de análises clínicas, atendimento de animais silvestres, comportamento animal, acupuntura, estética, farmácia veterinária, hospedagem, tele-busca, atendimento 24 horas, ecodopplercardiograma, fluidoterapia, fluidoterapia com bomba de infusão.

estagiário durante os horários de plantão. Ao contrário das atuais tendências de expansão do mercado *pet* com foco em lojas e serviços de banho e tesa, o local é um hospital veterinário e, portanto, se destaca por uma atuação mais forte em consultas clínicas, cirurgias e diagnóstico e tratamento de doenças. O público que frequenta o hospital é, em sua maioria, uma clientela de alto poder aquisitivo.

Figura 02: Fachada do Hospital Veterinário Lorenzoni, Porto Alegre.



Fonte: Página oficial do Hospital Veterinário Lorenzoni¹³

Ao todo, 35 funcionários trabalham no hospital, incluindo a equipe de limpeza, equipe administrativa, funcionários do banho e tosa, recepcionistas da loja e do consultório, veterinários da internação e de consulta, veterinários especialistas, veterinário do laboratório e auxiliar técnico.

O hospital situa-se no andar térreo da casa onde o consultório foi inaugurado originalmente e conta com mais três construções anexas. Na primeira, está o setor administrativo, na segunda, o setor de radiologia, o laboratório de análises clínicas, o estoque de medicamentos e materiais hospitalares, o canil, o canil acústico, o isolamento e a cozinha e, por fim, na terceira construção, a estética.

O HVL possui frente ampla, com garagem (onde costuma estar o carro de propriedade do estabelecimento, utilizado para serviços de “tele-busca” de animais) e

¹³Disponível em: <http://www.hospitallorenzoni.com.br/>.

duas entradas: uma à esquerda, na qual fica a recepção do setor clínico, e uma à direita, em que está localizada a loja. Os dois ambientes se encontram em um espaço ao fundo, onde, em direção à frente, fica um dos consultórios, onde são feitos exames e consultas de rotina. Do lado de fora da sala há uma balança para pesar os animais.

Na entrada do lado esquerdo, há um sofá e duas poltronas para os clientes aguardarem o atendimento. Mais ao fundo, há um balcão para atender quem chega. Na entrada do lado direito, há apenas uma poltrona ao lado esquerdo, assim que se entra. O meio do ambiente é livre de móveis enquanto as paredes, de ambos os lados, possuem estantes com diversos produtos direcionados ao setor *pet*, distribuídos em prateleiras. Estes produtos incluem ração para cães e gatos, vestimentas para animais, brinquedos, medicamentos, camas, petiscos, potes para água e comida e “acessórios” (laços, fitas, etc.). O espaço é comprido e relativamente estreito. Ao fundo do espaço, há um balcão com caixa registradora. No espaço onde se encontram à esquerda, a sala de espera do consultório, à direita, a loja e, atrás, o consultório, segue-se um longo corredor com múltiplas portas em ambos os lados.

No corredor há um banheiro à esquerda e, em seguida, a sala de imunização e quatro consultórios. Do lado direito, a primeira sala é o bloco cirúrgico, onde são realizados os procedimentos cirúrgicos nos animais. A última sala é a sala de recuperação felina (ou “gatil”), com quatorze boxes, onde ficam os pacientes felinos em observação pós-operatório, internação ou hospedagem.

Ao fim do corredor, abre-se uma porta para os fundos do hospital, uma área aberta, com as construções anexas distribuídas no entorno. Há um pequeno espaço, com concreto, um pouco de grama e um banco de madeira, no centro. Fui informada de que o local está sendo reformado para se tornar um lugar “mais amigável”, permitindo que os cães e seus donos possam passear um pouco e interagir enquanto os animais estão internados.

O primeiro ambiente da construção anexa à esquerda é uma das salas de recuperação canina, na qual ficam os animais que passaram por algum procedimento clínico ou cirúrgico que necessita de observação e cuidados. Ao todo são sete boxes para cães de porte pequeno. A sala é pequena, possui ar condicionado, suportes de soro, uma mesa de exames e um armário com medicamentos, prontuários e equipamentos médicos. Todos os boxes possuem uma placa com as seguintes

informações: nome do animal, felino ou canino, raça, pelagem, temperamento, procedimento realizado, nome do proprietário e veterinário responsável. Após essa sala, seguindo em direção aos fundos do terreno, há a copa à esquerda, com geladeira, fogão e forno de micro-ondas para os funcionários fazerem suas refeições. Depois, está a sala de diagnóstico por imagem e, seguindo, há a segunda sala da internação canina. Essa sala também possui ar-condicionado e é longa, estreita e com dez boxes à direita, divididos em dois andares, onde ficam os cães internados. Essa sala de recuperação possui boxes para cães de porte médio e grande. À esquerda estão diversos equipamentos veterinários como apoio para soro, oxigenadores, sondas, etc. e dois balcões compridos. Do lado de fora da sala há mais 04 boxes.

Em frente a esta sala de internação fica o laboratório de análises clínicas. A sala é simples, há um balcão, um armário e duas geladeiras (que armazenam as amostras biológicas). No balcão, há alguns equipamentos de análise para realização de exames de sangue, urina (somente os exames histopatológicos são enviados para um laboratório externo).

Neste espaço do terreno, em frente à segunda sala de recuperação canina e o laboratório de análises clínicas, há a construção que abriga o setor administrativo, com escritórios.

O último espaço do lado esquerdo é a de isolamento canino, porém não pude entrar devido ao risco de contaminação biológica (tanto minha pelos cães, tanto dos cães por mim). O último espaço à direita, nos fundos do terreno do hospital, é o dedicado ao banho e tosa, local que os animais recebem banho e são tosados por profissionais (geralmente não são médicos veterinários, mas sim pessoas capacitadas para este fim). É um ambiente de tamanho médio, com boxes de tamanhos variados à esquerda e uma divisória antes da cuba para banho e mesa para tosa.

O hospital permite visita aos pacientes internados, de segunda a sábado, das 13 às 14h. O horário de visita é limitado a cerca de 10 a 15 minutos por proprietário e geralmente há um técnico ou veterinário para acompanhar a visita. As visitas ocorrem no canil e gatil simultaneamente, com duas pessoas no máximo por vez. Conforme me foi informado pela veterinária S., antes quando não havia limitação de tempo, de número máximo de visitantes e nenhum acompanhamento mais próximo da equipe do hospital, havia muitas pessoas nas salas de recuperação, os animais ficavam agitados

e, às vezes, os proprietários acabavam mexendo com os outros animais, bem como em equipamentos médicos e, por vezes, levavam comida de fora, algo proibido dependendo da dieta prescrita para a recuperação. “Havia, inclusive, comércio de sachês”, ela comentou, referindo-se a pessoas que levavam alimentos de fora e negociavam com outros visitantes. Dessa forma, a administração do hospital achou melhor impor algumas restrições, pois, da maneira que estava “trazia mais problemas do que benefícios”.

Após cada visita, o veterinário responsável pelo paciente internado conversa com o proprietário sobre o diagnóstico e a evolução do quadro. Isto inclui explicações detalhadas (geralmente com muitas perguntas dos donos) a respeito da doença (ou qual for o quadro clínico), os medicamentos utilizados, a alimentação, a frequência urinária e de evacuação, o estado de espírito, a previsão (ou não) de alta, a continuação do tratamento e recomendações futuras.

Uma ocorrência muito comum entre os proprietários, “a maioria, na verdade”, disse a veterinária plantonista, é a vontade de levar o animal para casa antes da liberação médica ou a relutância em interná-lo. Assim, o hospital possui dois termos: um termo de alta médica assistida e um termo de responsabilidade. O termo de responsabilidade é entregue e assinado pelo proprietário quando, após a consulta e avaliação do médico veterinário, não há concordância em internar o animal. Dessa forma, o hospital exime-se caso a recuperação não seja bem sucedida ou em caso de óbito. De forma similar, o termo de alta médica assistida é assinado pelo proprietário quando, contrariando a indicação médica, o animal é levado para casa antes da alta. Em relação à responsabilização médica, a responsável técnica do Hospital também comentou que muitos dos processos ajuizados contra médicos e clínicas veterinárias atualmente não estão relacionados com procedimentos mal feitos ou diagnósticos incorretos, mas sim com o trato do profissional e o proprietário e/ou seu animal. Ela comentou que há muita falta de um treinamento pessoal e de sensibilidade dos profissionais, “é uma questão de tato”.

5.2 CUIDADOS ÉTICOS NESTA PESQUISA

Para a realização da observação participante, foi entregue um termo de consentimento livre e esclarecido à administração e direção do Hospital Lorenzoni. A anuência com os visitantes foi feita de forma verbal, me apresentando como bióloga, mestranda em Educação e interessada em pesquisar a relação das pessoas com seus animais de estimação. Também ficou estabelecido que a equipe médica teria liberdade para restringir o acompanhamento da visita devido a quaisquer limitações do animal ou motivos pessoais do proprietário.

Quanto aos relatos dos entrevistados, todos os nomes (de humanos e não humanos), foram omitidos, sendo que utilizamos somente as iniciais para identificação dos mesmos.

6. ANÁLISE DOS DADOS

No HVL, acompanhamos pessoas em visitas aos seus animais de estimação que lá estavam internados pelos mais variados motivos: mal estar repentino, doenças graves ou crônicas, atropelamentos, suspeitas de envenenamento, etc. Foi muito comum, em praticamente todas as visitas que acompanhei, que o técnico veterinário ou a veterinária plantonista viessem avisar que o tempo de visita havia chegado ao fim e que as pessoas precisavam se retirar. Geralmente, era dado um “aviso prévio”, anunciando que havia mais 5 minutos. Quando chegava ao fim dos 10-15 minutos da visita, as pessoas eram convidadas a se despedirem do seu animal, sempre com o aviso de que ele seria bem cuidado pela equipe do hospital. Às vezes, quando havia pouco movimento (poucas visitas em cada sala de recuperação), era permitido estender a visita por entender que não estava prejudicando nenhum dos pacientes internados ou impedindo a entrada de outro visitante, já que pode haver somente duas visitas por sala, no máximo.

Em alguns casos, foi possível acompanhar a mesma pessoa em mais de uma ocasião. A interação, contudo, muitas vezes era limitada ou até mesmo interrompida, dado que muitas das pessoas se encontravam em estados emocionais frágeis. A interação entre os humanos e seus animais não humanos foi um momento em que foi

possível vislumbrar essa nova ordem de sensibilização, na qual os animais de estimação estão incluídos em outros modelos de afeto, fazendo parte das mais diversas composições familiares.

Em visita ao seu cão C., um lhasa-apsó, de oito anos, a visitante comentou que, após a morte de seu pai, sua psicóloga sugeriu adotar um cão. Ela não tem filhos, porém é casada. Disse que o C. ocupa esse lugar afetivo. Ela faz música e disse “ele gosta quando eu toco, canta junto”. Disse que a vida dela e do marido gira muito em torno do C. “se ele morrer nem sei se a gente não se separa”. Comentou que ele nunca ficou tanto tempo assim sozinho. Que ele é um cão que gosta de ir pra praça socializar (Caderno de campo, 12/02/2015).

A interlocutora, M., relata que percebe uma grande variação no tratamento dado aos animais de estimação em sua família: “meus pais nunca... não é que eles não eram de cuidar de cachorro, eles não maltratavam os cachorros, mas era aquela relação bem... deixa o cachorro lá no canto, dá ração e aquela coisa toda na rua assim... é, uma coisa assim, tá e morreu, morreu, enterra e tá” (Entrevista M., caderno de campo, 05/07/2015).

Em outro relato, a vinda para o Brasil não impediu a A. de trazer seu cachorro S., da Colômbia. A possibilidade de não poder embarcar com o cachorro causou um transtorno emocional, além de logístico.

Eu tinha que passar pelo Rio. E aí era Bogotá-Rio de Janeiro a viagem. E já tinha marcado pra reservar também a vaga do cachorro, que tem que reservar também e eles ‘sim, tudo bem, não tem problema, só tem que ligar três dias antes da viagem, pra reconfirmar’ e eu ‘sim, tá bem, três dias antes eu liguei e eles falaram ‘Não, é que nós não levamos cachorros. As políticas mudaram e agora não estamos levando cachorros nos voos que sejam mais longos que 2 horas’. Mas como assim? Eu comprei essa passagem porque eu queria viajar com meu cachorro e tem esse serviço, é por isso que eu comprei não sei o que”. Foi horrível, eu comecei a chorar assim um monte ‘aí o que eu vou fazer’. E a minha mãe tava assim ‘mas é só um cachorrinho’. E eu “sim, *mas é meu cachorrinho*”, já tava tudo planejado pra viajar com ele e três dias antes não da pra mudar. O que que eu vou fazer, vou deixar ele com quem? (Caderno de campo, 18/09/2015)

Nas visitas do HVL, observamos que havia sempre um contato físico com o animal (quando possível), e os humanos estavam em constante comunicação verbal com seu animal. Segurando o animal, estando ao seu lado ou mesmo através das grades da gaiola, as pessoas passavam a mão e faziam carinho em seus cães e gatos,

conversando com seu animal e fazendo perguntas e estimulando-os a terem uma rápida recuperação.

De acordo com Segata (2012), ao mesmo tempo em que se observa na clínica veterinária a educação dos humanos via veterinários, uma transposição da ideia de família multiespécie (tutores no papel de pais e mães), ocorre também uma educação do animal no sentido de uma orientação comportamental, educação como amansamento, etc. Dessa forma, podemos dizer que se educa a domesticação afetiva e moral do ser humano (LEWGOY, 2015). Nas relações de estimação, o humano sente a relação animal de maneira específica, não é mais um animal de trabalho ou uma fonte de alimento ou matéria: é um amigo, familiar, filho. É um afeto.

A indústria cultural também já demonstra autoridades rústicas desse diálogo interespecie: domadores, adestradores de cães e gatos e terapeutas animais. Os psicólogos de animais exercem a função, em verdade, de adestradores do ser humano. Se o humano responsável por seu animal não cultivar certos hábitos e atitudes no coletivo de humanos e não humanos, o animal não estará apto a conviver com esses seres humanos. Seguindo a lógica implicada nesse processo, um animal mal adaptado ao convívio humano não decorre da natureza do animal, mas sim da falta de capacidade de adaptação do humano. Nesse caso, o conceito de domesticação está atrelado à ideia de educação (ou adestramento) do humano.

A M. comentou também que a personalidade do S. é diferente, que a da sua outra cadela era muito melhor. Disse que "não deu muita bola" para a B. no início da vida dela, mas que agora com o S. é diferente (ela abre a bolsa e tira uma garrafa de água e um pote para ele beber água). Agora eu ando com isso (mostra o pote de água) na bolsa, coisa que eu nunca fazia antes, não era uma pessoa cachorreira". Mostra a meia calça rasgada e diz que também é obra do S., mas que não se importa, é assim mesmo (Entrevista M., Caderno de campo, 05/07/2015).

Assim, o humano molda seu comportamento para melhor atender às necessidades do seu animal. F., que possui um cão da raça *Golden retriever*, de sete anos. O R. apresentou um problema dermatológico e, por isso, seu tutor foi em busca de um tratamento homeopático, após diversas tentativas falhadas com medicamentos tradicionais. Assim, F. relata os cuidados necessários para que a doença seja mantida sob controle, incluindo as alterações em seu dia a dia.

Sim, parte do tratamento é isso. Aliás, essa foi a primeira coisa que a gente fez, foi tirar a ração. Nada, nem uma bolinha de ração. Então ele come arroz, todo dia ele come arroz, carne, legumes e aí uma verdura, um negocio assim. Às vezes pode botar ovo. Ele adora, porque a ração era um dor assim porque ele não comia né. Então eu botava no prato e pra ele comer tinha que botar alguma outra coisa junto, tipo uma salsicha, senão ele não comia. Bah e quando trocou pra comida assim ele chega a ficar com o focinho, a minha cozinha fica que é só arroz. Mas ele come numa felicidade, chega a andar com o prato, ele lambe tudo, ele gosta. Mas emagreceu bastante também, ele perdeu quase dez quilos em três meses. Ele tava muito gordo. E, enfim, é um trabalho assim, é um trabalhão, função assim, potinho, geladeira, já faço tudo e separa as porções, congela, e não sei o que. É um saco, tipo, *é uma coisa que pra mim eu não faço*. Mas aí pra ele tem que fazer, porque também não da pra deixar o bicho, tava muito feio (Entrevista F., Caderno de campo, 11/09/2015).

Uma pessoa educada para uma relação de estimação, nesse caso, aprende e se adapta para aquilo que o animal precisa. Percebe-se, na fala acima, que a rotina do humano é ajustada para melhor atender ao animal de estimação.

D., ao ser entrevistada sobre sua convivência com seus 20 gatos, explica como foi a adaptação do espaço para que fosse um ambiente compartilhado por humanos e não-humanos. D. chegou a ter 24 gatos ao mesmo tempo no apartamento, porém 04 desses animais já faleceram.

Eu nunca planejei ter 24 gatos, ai que legal, vou começar meu grupo amanhã. E eu sempre morei aqui com eles. No inicio eu tinha carpete, tudo de bom né? Daí lá pelo décimo gato, eu não sei como eu aguentei tanto, eu troquei o carpete por uma forração de madeira, laminado. Aí com o tempo o laminado ficou podre, e eu falei não, vou colocar um porcelanato. A primeira tela que eu tive na sacada era uma tela de náilon, que rressaca e dura pouco. Botei uma de aço, que é quase igual, esteticamente, é a mesma trama só que dura pra sempre. Então a adaptação foi acontecendo aos poucos, assim. O meu primeiro sofá eu peguei um sofá velho e fiz um arranhador gigante com cordas de sisal em volta. Foi bem legal, durou um monte. Só que aí uma hora, sujou, as cordas partiram de tanto eles afiarem as unhas. Daí pensei nesse aqui, que eu acabei na verdade...porque antes de fazer veterinária eu quase me formei em Design, eu também trabalhei com design de moveis, tem um outro lado meu. Eu larguei o design e faltavam 13 cadeiras, faltava um ano pra me formar. Enfim, e aí eu desenhei as peças, desenhei todo o móvel, mandei recortar o sofá em lâminas, montei, eu e meu ex a gente montou na mão esses sofás. E eles são tipo caixas de lenhas eles abrem e são armários dentro. Tem uns 10 anos esses sofás, tão bem velhos já. Isso aqui (ela aponta pras almofadas) foi tudo feito com o tecido mais à prova de gatos possível, o teflonado, que daí não entra xixi e não entra líquidos, não entra unha, é fácil de lava rápido. E aí embaixo dessa capa, a espuma é coberta com plástico também, pra não estragar. E foi isso, fui adaptando. O quarto deles também era um depósito que eu fui arrumando. Coloquei as prateleiras, coloquei a bancada, fazendo os estoques de ração ali. Foi aos poucos, não foi uma coisa assim a partir de hoje...Os arranhadores também eu coloquei rodinha porque como tu acabou de ver eles mijam né. Eu pedi pro fabricante colocar pra mim né, é

uma rodinha de *roller*. É uma maneira de, porque essa madeira é USB, uma madeira do inferno, ali impregna qualquer coisa e nunca mais sai. Dai o que acontece é que se eles mijam fica no chão e eu consigo limpar o chão, não detona o arranhador. Tem coisas que tu vai percebendo com teu dia, teu uso, com a tua convivência com eles, e foi assim. Os armários da cozinha bem ou mal acabaram virando um circuito pra eles pularem porque eles são aéreos, mas isso era uma parte que não era pra eles, mas acabou virando também um circuito então. E basicamente isso. E também não acho a minha casa *tão* adaptada no sentido... eu adoraria ter uma casa com aqueles paredes cheias de prateleiras (Diário de campo, 23/10/2015).

Para além da questão do afeto, os animais de estimação enquanto membros da família causam adaptações também no espaço físico dos humanos. Desse relato, é possível observar a agência não humana (nesse caso, dos gatos), nas constantes alterações no espaço físico da casa.

Durante as observações feitas no HVL, diversas situações demonstraram as diferentes formas nas quais os animais faziam parte de suas famílias humanas.

Ao buscar uma cadela que havia feito uma cirurgia de correção na pata, a veterinária responsável pelo caso avisou uma tutora que sua cadela não poderia se agitar ou pular, com risco de causar lesões à pata. A tutora, ao levar a cachorra embora, olha para ela e diz “viu filha, não pode pular” (Caderno de campo, 24/01/2015). Em outra ocasião, uma cadela, C., que havia sido internada devido a um atropelamento, recebeu a visita de duas mulheres. Ao chegar na baia da C., tiram fotos e comentam que são amigas da tutora, que está viajando. Por isso, tiram fotos pelo aparelho celular e mandam “para a mamãe, que deve estar ansiosa para saber notícias da filhota” (caderno de campo, 23/01/2015).

Em outra ocasião, uma família formada por mãe, pai e filho fizeram uma visita a uma *daschund*, M.

A M. foi internada com um tumor e, durante a visita, foram para a área externa do HVL e fizeram uma roda em volta da cadela, fazendo carinho e conversando entre si e com ela. Eles comentaram que o tumor apareceu “da noite pro dia” e deitam a M. no chão e me mostram a cadeia mamária e a região aumentada, onde está o tumor. A M. está internada após a descoberta do tumor mamário para aguardar a cirurgia, que será feita em poucos dias. Porém, a veterinária responsável comentou com a família que a M. fica muito agitada e estressada quando está internada e que o melhor seria ela ir para casa durante o final de semana e retornar segunda-feira, quando será realizada sua cirurgia. A veterinária comenta que em breve o horário de visita estará acabando, mas que a família poderá vir buscá-la no final da tarde. Aí, então, surge uma dinâmica para conciliar os compromissos familiares e organizar quem será o responsável por buscar a M.. Discute-se quem sai do trabalho a qual hora, quem vai conseguir se liberar, quem vai

conseguir vir de carro. Falam que terão que mudar seus planos “mas a gente dá um jeito, alguém vai vir buscá-la” (caderno de campo, 23/01/2015).

Já há hospitais humanos que permitem a “visita” de animais de estimação e outros animais domésticos a humanos que lá se encontram. Em uma das observações do HVL, uma visitante comenta que “se as pessoas visitam animais no hospital, os animais também deveriam visitar humanos no hospital” (caderno de campo, 24/01/2015). Em 2013, o Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, foi pioneiro nesse tipo de iniciativa no Brasil, através do cumprimento de regras de uma Certificação Internacional de Humanização¹⁴. Notícias e reportagens a respeito do número crescente de locais que possibilitam esses encontros surgem em todo local. Em hospital da região metropolitana de Porto Alegre, o Hospital Centenário, em São Leopoldo, o projeto Visita Pet proporciona a interação entre humanos internados e animais como cães, coelhos e até um cordeiro, ou mesmo seus próprios animais de estimação¹⁵. Outros hospitais da Grande Porto Alegre também estão seguindo essa tendência¹⁶. Abrir o ambiente hospitalar para não humanos e adaptar protocolos sanitários demonstra a recepção para novas sensibilidades, em que se pesa que os benefícios para os humanos enfermos ultrapassem os possíveis riscos à saúde dos mesmos. De acordo com a coordenadora do projeto, também diretora de enfermagem do hospital, há um protocolo específico, contudo, para os animais que são permitidos no hospital: eles devem apresentar comprovação de vacinas e saúde em dia. A percepção do benefício foi alterada, conforme fala da psicóloga e voluntária do projeto, em reportagem veiculado em jornal local no ano de 2015¹⁷, ao afirmar que “o contato com animais diminui o estresse, a ansiedade, o medo e o tédio. Isso acelera o processo de recuperação e dá disposição para o paciente”. Apesar da controvérsia a respeito dos reais benefícios da interação humano-animal (HERZOG, 2014), o discurso que reafirma os efeitos positivos dessa relação permeia a fala dos envolvidos nesse

¹⁴Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/04/1256381-albert-einstein-libera-bichos-de-estimacao-para-visitar-pacientes-em-sp.shtml>.

¹⁵ Disponível em: <http://gaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia-aberta/pacientes-poderao-receber-visita-de-caes-e-gatos-em-hospital-de-sao-leopoldo-113192.html>.

¹⁶Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/10/mulher-com-cancer-ganha-visita-de-cao-de-estimacao-em-hospital-no-rs.html>.

¹⁷Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/08/hospital-centenario-em-sao-leopoldo-retoma-a-visita-pet-4830969.html>.

projeto “Deixa os pacientes mais tranquilos e relaxados. Pode ocorrer também a estabilização da pressão sanguínea e dos batimentos cardíacos. Eles vivem em um momento de estresse muito grande e o corpo está em estado de alerta total. Tudo muda com a interação com os animais”. Nesses casos, fica claro que a forma como se percebe o animal é diferente, conforme relato da coordenadora do projeto, “Temos de entender que os tempos mudaram. Hoje, os animais são parte da família”.

Em uma visita a um cão idoso, o B., mãe (já idosa) e filha me contaram que o cão, na verdade, foi um presente para o filho da senhora ali presente. O filho, contudo, veio a falecer, mas pediu para que cuidassem do cão, que agora já tem 18 anos e está com elas há sete. A ausência do B., inclusive, já é sentida pelo restante da família.

O B. teve um câncer de boca há um tempo e operaram, mas optaram por não fazer a quimioterapia, pois teria muitos efeitos colaterais e afetaria a qualidade de vida dele. Mãe e filha moram no mesmo prédio e comentaram que, de animal, só têm o Beethoven em casa. A filha tem uma gata, mas que não se dá bem com outros animais, por isso o B. fica com a mãe. Hoje levaram um miojo com guisado para ele comer, pois ele estava desde sexta-feira internado sem comer. Foi internado com diarreia, mas falaram que ele teria alta no mesmo dia. O cão ainda estava no soro, mas queriam dar um banho nele antes dele ir pra casa. Comentou que o telefone não para de tocar em casa, pois as pessoas querem saber como ele está. (Caderno de campo, 29/01).

Em outras visitas, também foi possível observar o impacto que a distância entre o humano e seu animal de estimação causa no seu tutor. No caso em questão, o M., um gato já idoso, foi internado e afastado do seu tutor, o senhor A., também já idoso.

Um dos gatos que acompanhei durante sua internação, o M., estava no hospital, pois estava obeso e com lipidose hepática. O M. é um gato preto e branco de 12 anos de idade, já considerado idoso. Seu tutor, um senhor já de idade, auxiliou no parto do gato, “eu que pari ele”, comentou. Enquanto o M. ficava na gaiola, deitado e bem apático, seu tutor passava a mão nele e comentava “tu tem que comer mais, M., pra ficar bem logo.”. Ele me comenta das preferências alimentares do gato, que o M. “nunca gostou de ração úmida, somente seca”. Disse também que ele não dá muita bola para ratos, mas que gosta de ir atrás de passarinho. Ele chora e se emociona muito na hora de embora, diz pro M. ficar bem logo. O gato em questão ficou vários dias internados e, durante esse tempo, pude acompanhar a visita da irmã idosa e a ex-mulher do tutor do M. Sua irmã, que mora em outra cidade, comentou que veio visita-lo, pois ele estava muito abalado com a internação do gato, ficou deprimido. Dessa vez, levaram comida caseira (frango e carne) para estimulá-lo a comer. Me falaram “tá todo mundo esperando ele voltar pra brincar”. A irmã do tutor me comentou que escreve versos para o M. “eu escrevo chorando, mas faz bem”. Após alguns

dias, o M. veio a falecer. À veterinária responsável pelo caso, os tutores entregaram uma foto do gato com dedicatória para a veterinária pelo caso. No verso da foto, agradecem o esforço para cuidar do M. e dizem que ele também está grato por todo o trabalho da equipe para cuidar dele (Caderno de campo, 24/01/2015).

A presença de animais de estimação está, inclusive, chegando ao local de trabalho. Diversas empresas estão estimulando essa prática, ao argumentar que a presença dos animais não só melhora o bem estar dos funcionários, como inclusive aumenta o seu rendimento, apesar de existirem alguns aspectos negativos na interação humano-animal nesse contexto¹⁸.

Consoante com essa percepção está a possibilidade de humanos visitarem seus animais de estimação quando estes últimos estão em ambientes hospitalares. Os protocolos de visita são semelhantes, porém aí já há uma controvérsia a respeito dos benefícios para o animal. O técnico do veterinário do hospital comenta que, muitas vezes, os animais se agitam ou se machucam com a excitação da visita do humano. Nem sempre a visita é positiva para o animal, ao contrário do seu efeito no humano.

A dona sem querer atropelou a pata traseira com o carro no sítio (levou sábado). Tem mais dois vira-latas que foram castrados. Ela ficou 02 dias até ir no vet. Vai ter que operar e depois ter alta. Comentou que não levou na UFRGS porque o hospital fecha 6ª de tarde e 2ª de manhã. Mãe e filha, a filha é a “mãe” da M. Tirou fotos para mandar para o resto da família. Beijam e abraçam a M. várias vezes e se despedem na hora de ir embora. Dizem que querem ir embora rápido, após se despedirem, para a M. não perceber que foram embora e ficar agitada (Caderno de campo, 26/01/2015).

De forma similar, as entrevistas também permitiram perceber a proximidade na qual se desenvolvem as relações de estimação, nas quais surge o afeto interespecie.

Visita ao B., gato sem raça definida. A dona, que estava visitando o gato, é pedagoga, ‘mas queria fazer uma mágica pra virar veterinária’. Ao ir embora, a dona disse ‘fica com S. Francisco’. Saiu chorando, abraçando o técnico veterinário, que disse que iam cuidar bem dele. ‘Não dá pra ver ele assim e não fazer nada’ (Caderno de campo, 06/03/2015).

¹⁸ Para estudos que analisam a percepção e interação de humanos e animais de estimação no ambiente de trabalho, ver WELLS, M; PERRINE, R. (2001; 2006)

Em situações de adoecimento e morte, o humano aprende a cuidar do animal. Conforme o relato de L., cuja gata G. de 13 anos, teve um problema de saúde e teve que ser internada.

Eu ia visitar ela todos os dias. Dava pra visitar ela por uma hora, todos os dias, tinha horário de visita. Eu ficava lacrado uma hora lá dentro. (Ela diz que tem fotos da internação, caso eu quisesse utilizá-las). Na verdade só podia ficar 15 minutos, mas eles tinham tanta pena, que eu fazia tanto... que eles viam que eu era tão apegada que eles deixavam eu ficar a hora inteira lá. E eu ficava uma hora cantando pra ela, eu tenho uma musiquinha, foi aí que eu inventei a musiquinha, que até hoje acalma ela. E né, ia todo dia, saía do trabalho mais cedo pra poder pegar o horário de visita e ficava lá com ela. Quando ela voltou pra casa, os cuidados que eu tive que ter com ela foi que assim, no 1º dia... no 1º, 2º dia ela teve que ficar dentro da caixinha. E isso, né, pra ela, tadinha, é um saco. Mas eu botei um casaco meu, que tinha meu cheirinho, dentro da caixinha, e deixava a caixinha sempre perto de mim. Ia dormir, a caixinha sempre do lado, né. Procurava ficar o máximo de tempo em casa pra poder cuidar dela. Porque nesses dois primeiros dias ela não podia nem tentar caminhar né. E depois disso, ela teve que ficar uma semana dentro do *box*. Daí tinha que pegar e botar aquelas fraldas de chão, tipo de cachorro quando o cachorro é novinho, porque ela né, não conseguia se mexer, não conseguia...nem fodendo que ela entrar numa caixinha de areia, assim. Então ela realmente... Tinha que deixar ela naquela coisa. Tinha que trocar várias vezes por dia, era uma coisa assim de cuidado bem constante. E isso por uma semana. Depois disso ela já podia... eu deixava às vezes ela sair um pouquinho, só pra.... porque eu sentia que ela ficava muito agoniada de... tinha que botar ela na caixinha quando eu ia tomar banho, porque né ela ficava dentro do *box*. Daí tinha que tirar toda...todo o "ninho" que eu tinha feito pra ela, tirava, daí tomava banho, daí tinha que secar tudo, botar tudo de volta, botar ela dentro. Então era assim uma função diária (Caderno de campo, 15/09/2015).

Com a análise dos dados, não foi possível chegar a uma única definição ou delimitação de qual esse tipo de novo afeto. Os laços afetivos nas relações de estimação são diversificados. Não cabe, aqui, a simplificação de que os animais de estimação "ocupam" um lugar humano, que são "substitutos" de um afeto que nunca lhes coube. Por conseguinte, as relações de estimação são muitas vezes consideradas inferiores às relações "reais" entre humanos.

E eu acho que muito do gato tem assim da coisa da criação. Se é criado como um membro da família, vai ser um membro da família. Eu não vejo como um bichinho de estimação. Porque eu acho que isso faz parecer um acessório sabe. Então eu acho que é muito mais coisa de amizade, de mãe e filha. E a L. (gata) ela era como uma irmã. Quando eu nasci ela já existia. Ela morreu eu tinha 21, então ela era dois anos mais velha que eu. Era uma irmã. E eu chorei durante uma semana quando ela faleceu. Pra

tu ver como tinha essa diferença ser uma gata da família, quando o R. (meu irmão) era pequeno, ele teve que fazer um desenho na escola da família, daí ele desenhou todo mundo e a L. Daí a professora disse 'mas isso é um animal de estimação, não é família'. E ele disse "os outros gatos são animal de estimação, a L. é da família" (entrevista I., caderno de campo, 15/09/2015).

Algumas pessoas, se pode dizer, tratam o animal como filho, já outros usufruem da sua companhia depois que os filhos, já crescidos, saem de casa. Tem quem não trate o animal como filho, justamente pelo cão ou gato ser de outra espécie. Conforme a visão da educação humanitária, esse cuidado do humano com o animal não humano pode ser alargado para que se crie a consciência de uma consideração moral e ética para com toda a forma de vida.

Diversos relatos colocam o animal de estimação na condição de filho, conforme fala dos interlocutores.

Porque não adianta só ter ela aqui mas ela não tá bem. Eu sou meio preocupada demais com ela mas...ao mesmo tempo é a minha filha né. 13 anos do meu lado. E pra mim nenhum gasto com ela...sabe eu não sinto que eu gastando quando é com ela. Não me dá dó de comprar ração premium, não me dá dó de gastar com veterinário do mundo animal que é mais caro que outros veterinários porque eu sei que ela vai tá sendo bem cuidada, então visita regulares ao veterinário pra ver se tá tudo bem, também.[...] ainda mais pela G. ser tão, tão parceira assim. eu chego em casa e ela tá me esperando na porta, eu vou no banheiro, ela vai junto, durmo e ela dorme comigo na cama, então ela tá sempre junto assim tipo, só assim o ronronar dela já é uma coisa que já me acalma, fazer carinho nela já é uma coisa...e eu acho que tem a questão assim de tu ser responsável por um ser vivo te faz ter uma....porque pra mim ela é minha filha então me dá um senso de propósito porque tá se acontecer alguma coisa comigo, se eu não tivesse mais aqui...claro que iam ter pessoas que iam cuidar dela mas não ia ser a mesma coisa porque ela é muito apegada comigo (Entrevista L, tutora da gata G., caderno de campo, 15/09/2015).

Visita ao cachorro daschund S.. É um cão já idoso e com câncer de boca. A tutora optou por não fazer a quimio. A tutora disse 'nunca mais vou ter outro bicho depois dele', pois sofreu muito com a doença dele. Disse que 07 anos atrás a mãe dele morreu e foi cremada. Disse que quer que o S. morra em casa com as coisas dele. Em todas as visitas, levou as comidas preferidas dele. Também sempre abria a grade do box para fazer carinho nele, mesmo que o único movimento dele consistia em mexer a cabeça e, às vezes, levantar. O S. já estava bem magro e não conseguia se mexer muito, porém às vezes bebia água quando recebia sua visita. O técnico veterinário comentou 'é só a Sra. vir que ele bebe água'. Ela também sempre perguntava se ele tinha comida, bebido água e feito xixi. [...] Na segunda visita, disse que quer levar ele pra casa. Falou que já se informou sobre eutanásia, não quis fazer a quimio, agora só quer dar remédio para que ele não sinta dor. Falou novamente que não quer mais ter um animal depois do

S. "é como um filho". Quando voltei à clínica na próxima semana, o S. não estava mais lá. Falaram que ele foi pra casa, pois não havia muito mais o que fazer, só manter a medicação paliativa. Mas que a dona voltou com ele alguns dias depois e ele faleceu (Caderno de campo, 06/03/2015).

De forma similar, a perda do animal se assemelharia à perda de um filho, conforme relato de C., que possui uma cadela daschund de 17 anos, já com diversos problemas de saúde devido à idade.

Eu fico muito triste em saber que ela não vê. Ela não sabe onde é a caminha dela, ela se perde na sala. Com essa infecção nos dentes, ela perdeu o faro...e perdeu o faro, perdeu tudo. Eu tento me preparar para o dia se isso acontecer mas eu não consigo. O meu marido pergunta "tá, mas e se ela morrer tu vai querer enterrar ela aqui no pátio, vai querer cremar?" e eu disse 'tu tá perguntando pra uma mãe o que ela vai fazer quando o filho morrer. Não né?' Eu não sei ainda se eu teria coragem de fazer eutanásia, não sei mesmo (Entrevista com C., Diário de campo, 10/07/2015).

A mesma interlocutora, ao lembrar um período de internação de sua cadela de estimação, comentou que "a doutora, que é a veterinária que atende ela desde sempre, me disse agora 'olha, só amor de mãe mesmo pra salvar, porque a gente achou que ela não ia segurar'"

O status do animal enquanto membro familiar altera não só a dinâmica dos relacionamentos humanos, mas também suas separações. Conforme o relato abaixo da interlocutora,

Quando eu me casei, saí de casa, com 23 anos. E aí no casamento a gente ganhou a R., que era uma beagle. Mas o meu casamento não deu certo. E, quer dizer, não deu certo, né, foram nove meses de casamento e a gente se separou e eu fiquei com a R. Eu disse 'cara, eu vou pra justiça se for o caso'. Eu ia pro cartório porque eu sentia o clima que ele ia querer me tirar a R. Eu digo 'negativo, te dou tudo, pode levar o que quiser, mas a minha cachorra não' (Entrevista de A., Caderno de campo, 18/09/2015).

O animal, agora tendo tratamento de familiar (ou filho), também está sujeito a disputas conjugais, em que o importante não é somente das posses materiais, mas também afetivas, em que o animal se enquadra. Outra interlocutora relata que, após a separação com seu namorado, o cachorro que ganhou de presente dele acabou por se tornar alvo de disputa dos dois.

Agora a gente tem uma guarda compartilhada. Só que assim, o combinado era, quando a gente terminou, que o S. quando tivesse grande, porque ele mora em apartamento, que ele fosse pra minha casa.... A gente tá se dando bem até pra cuidar do S., não tem briga. Mas rola um pouco de ciúmes assim, tanto dele quanto meu, sabe, com o S. A gente disputa um pouco, sabe, pra ver quem ele gosta mais... e eu ate tava pensando assim, é como se eu tivesse um filho com meu ex-namorado (Entrevista de M., Caderno de campo, 05/07/2015).

Para os que optam por não ter filho, afirmar que um animal de estimação é um “substituto” de um filho humano chega a ser algo paradoxal. Primeiramente, porque parte-se do princípio de que, ao optar por não ter um filho, simplesmente não se tem um. Ademais, não encontramos evidências de pessoas que gostariam de ter filhos e, impossibilitados de os terem, adotam ou compram um animal de estimação para cumprir esse papel. Por fim, querer encaixar a relação de estimação em qualquer categoria humana não faz muito sentido. Não por se tratarem de espécies diferentes, mas sim porque as relações são individuais e se fazem entre sujeitos em contextos específicos, com peculiaridades daquela relação.

However, because people have very powerful relationships with their companion animals does not mean they are substituting animals for humans or that they are incapable of forming intimate attachments with people. The human–canine bond is a different kind of relationship, but no less authentic (GAVRIELE-GOLD, 2011, p. 92).

Acredito que seja necessário enxergar nossas relações de afeto com os não humanos por outro viés do que um que seja meramente “substitutivo”. Uma das veterinárias entrevistadas, que atende principalmente a um público de classe média e alta, opinou que “as pessoas usam os animais como bengala emocional, no novo estilo de família as pessoas agora adiam a decisão de ter filhos ou nem têm mais, e essa relação é preenchida com o animal” (Entrevista E., Caderno de campo, 18/07/2015). Acreditamos, porém, que por mais tentador que seja, essa abordagem nega muitas variáveis e, mais do que tudo, nega a subjetividade daqueles implicados naquela relação, tanto o humano quanto o não-humano.

Talvez, parte do receio de admitir que esse afeto e amor sejam reais advenha do medo de reconhecer que temos muito mais em comum com outros animais do que

possamos conceber, nos afastando daquele trono da superioridade humana alto e distante (GAVRIELE-GOLD, 2011). Em essência, nossa comunicação nas relações de estimacão é não verbal e nos priva daquilo que há tanto argumentamos que nos torna diferentes. Entretanto, a comunicacão interespcie acontece e, talvez, é justamente a auscncia de linguagem que a torna tão valiosa.

Em uma visita ao seu cão, que estava internado por suspeita de ter ingerido uma planta venenosa, mãe e filha me falaram da relacão que tãem com seu novo animal, o M., um yorkshire. A família, composta por mais dois filhos homens, já havia tido outros animais, antes do M. A mãe, já com seus 40 e poucos anos, comentou que perdera o marido ano passado. O marido passava o dia trabalhando de casa e a cadela, então, passava o dia com ele. Meses apõs o falecimento do marido, a cadela que tinham morreu, ela teve que ser sacrificada apõs ficar muito doente, pois “não aguentou ficar sem ele”. Chorando, me relataram que “ela era muito apegada, ela sentiu a falta dele” (Caderno de campo, 07/02/2015)

A proximidade relatada é uma relacão que é construída em intimidade e convivcncia, independente da auscncia de linguagem. Essa comunicacão é demonstrada em outro relato pela mesma família, ao explicaram o porquẽ que seu cão havia sido internado.

O M. vai para a creche todos os dias, porẽm esse dia souberam que algo estava errado porque “as tias da creche falaram que ele pedia muito colo, “e ele não gosta de colo”. O M., no segundo dia de sua internacão, recebeu mãe e filha novamente, que já estavam ansiosas para sua liberação. Elas comentam com a veterinãria plantonista que já gostariam de leva-lo para casa, falando entrei si que” dá pra ver que ele não quer ficar aqui. Ele fica nos escalando.” As duas revezam segurando o M. no colo, ao passo que a veterinãria avisa que irá tomar os prõximos passos para providenciar a alta, que incluem tomar banho e retirar o acesso. Ao serem avisadas de que a alta sõ seria realizada no fim do dia, a filha diz pra mãe “Eu não quero deixar ele aqui sozinho, ele tá muito agoniado.” Quando a plantonista volta, a mãe avisa “Eu quero falar com a veterinãria responsãvel primeiro. Vocẽs entendem nẽ? Eu sõ quero sair daqui quando ele for embora.” Apõs a liberação ser acertada, elas comentam que, daqui em diante, “Vai ter sempre alguẽm com ele agora pra ele não ficar sozinho”, referindo-se à possibilidade dele ter comido um galho de pimenteira, que ocasionou o mal estar. Ao se despedirem, as mulheres me comentam que preferem ter que trazer o M. todos os dias para receber soro e medicacão do que deixã-lo internado, pois ele nunca passou tanto tempo longe delas (Caderno de campo, 09/02/2015).

A A., ao relatar sobre sua vinda ao Brasil, contou que quando chegou no Rio, foi à praia de Ipanema com o cão na coleira. Para o seu pavor, o cão escapou e saiu

correndo na praia. Assim, ela contou, “eu disse ‘oh não, S., não faz isso comigo agora’, e acho que ele entendeu. Ele parou, olhou pra mim e voltou. Acho que eles reconhecem as coisas que a gente faz por eles” (Caderno de campo, 18/09/2015).

We are developing a greater understanding that dogs offer a way to communicate on a basic level, bringing us closer to being in nature and to a sense of oneness in the world. There is a power in nonverbal contact and in the companionship dogs offer. The point is perhaps not to argue about whether love of a dog is a substitute for human love, but rather to detach the notion of “substitute” from its presumed inferiority to the “real thing.” The uniqueness of the human–canine relationship is in the communication that acknowledges that dogs are intimates because they cannot talk. They say no words that hurt, offer no advice and ask no questions, keep their silence, yet they bear witness (GAVRIELE-GOLD, 2011, p. 104).

À medida que essas relações ocupam uma posição de destaque na vida das pessoas, cabe perguntar de que forma esses novos afetos vão fazer parte de um novo repertório afetivo. Quais são as implicações para o campo educacional e como essas questões estão (ou não) inseridas nas escolas, através dos currículos e da formação de professores?

Devido a esses questionamentos, achei pertinente acompanhar um turno do curso “Formação de Professores em Educação Humanitária – Esta Escola é o Bicho”, para professores da rede pública promovido pela SEDA em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SMED)¹⁹. O curso era aberto a professores da rede municipal, mas também participaram professores de fora do município. No dia, havia duas professoras de Rio Grande. O público era composto majoritariamente por mulheres. Na lista de chamada, constavam apenas três homens. Havia, também, pessoas usando camisetas de ONGs de proteção animal. O curso foi ministrado na SMED, no Centro de Porto Alegre, iniciando pela manhã e terminando no fim da tarde. Participei somente da primeira metade do curso. Foi entregue um CD com material didático para os participantes. Uma série de palestras abriu as atividades do dia. De acordo com a programação, após as palestras seria exibido um vídeo de sensibilização e seria feita uma dinâmica de encerramento, com a entrega do material pedagógico em seguida.

De acordo com o site da prefeitura, “O curso tem como objetivo proporcionar, aos professores da Rede Municipal de Porto Alegre, conhecimentos teóricos e práticos

¹⁹ Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/seda/default.php?p_secao=54.

sobre Educação Humanitária para o bem-estar animal, incentivando e contribuindo para estes discentes pensarem práticas/propostas pedagógicas em suas escolas que contribuam para a formação de seres-humanos que desenvolvam valores éticos e humanitários”. A primeira palestra que assisti era chamada “Os animais e nós: história, cultura, sociedade e educação assistida por animais.” Essa primeira apresentação fazia um breve histórico da relação humano-animal e o papel dos animais na sociedade urbana ocidental atual, incluindo sua inserção no contexto educacional. Ao abordar o porquê a relação com os animais tem ganhado destaque nas escolas, a palestrante afirma que “se as coisas estão aparecendo na educação, é porque estão aparecendo na sociedade”. Já as falas sobre a educação humanitária reforçam a ideia de que o trabalho com os animais, nesses casos, acaba por melhorar a própria espécie humana, conforme os excertos a seguir: “estamos fortalecendo os valores humanos ao trabalhar com animais” e “o trabalho com animais, ‘humanitário’, é para retomar a nossa própria humanidade”. Após o encerramento das palestras, duas participantes fizeram questionamentos. Uma pessoa disse que tem a *impressão* que tem gente na proteção animal que não tem empatia com outros humanos. A palestrante concordou com a colocação, ressaltando que o trabalho da educação humanitária, nesse sentido, também é importante. A coordenadora pedagógica do curso, nesse momento, pediu a palavra e disse que muitas das pessoas reclamam do trabalho com animais, ao argumentar que esse enfoque deixa de lado questões mais importantes como crianças, moradores de rua e pessoas em situação de vulnerabilidade, “muitas dessas pessoas não ajudam nem crianças, nem idosos, nem ninguém, só criticam”, e que havia espaço na sociedade para se trabalhar com todo tipo de questão. Em seguida, afirmou que “a educação humanitária tem que ter o tripé humano, animal e meio ambiente, senão não é humanitária”.

Durante a palestra, havia dois cães soltos e que passeavam por entre as pessoas e às vezes subiam no palco. Sempre que passavam as pessoas estendiam a mão e faziam comentários “olha que lindo”. A coordenadora do curso disse que eram cães que trabalhavam com crianças em uma escola e que, em seguida, haveria a palestra com as educadoras desse lugar. A segunda palestra era “Educação assistida por animais – Relato do Projeto Biblio Pet Terapia: Um mundo de possibilidades”, projeto realizado todas as quartas-feiras na Escola Municipal Especial

Prof. Luiz Francisco Lucena Borges, de Porto Alegre. A escola recebe alunos em sua maioria autistas ou com necessidades especiais e, para realizar o Projeto, apresentou primeiramente o projeto para a SEDA (foi estabelecida uma parceria com o órgão) e depois o submeteu para aprovação da SMED. Uma a uma, as professoras que participam do projeto subiram no palco e contaram suas trajetórias pessoais e onde começou sua relação pessoal com animais. Ao subir no palco, uma apresentação em forma de imagem era projetada. Todas as imagens continham fotos da pessoa e animais. Assim, as palestrantes contavam um pouco sobre suas histórias de vida, trajetória profissional, como acabaram na escola e sua relação com os animais de estimação.

Após as apresentações individuais, a coordenadora pedagógica do projeto contou a história dos dois cães que participam do Projeto Biblio Pet Terapia. Os cães, contudo, moram com duas das professoras e vão para a escola somente no dia do projeto. Ou seja, os cães na verdade são de uma professora, mas vão à escola “fazer esse trabalho pedagógico”, conforme foi relatado. “No início foram adotados com intenção pedagógica”, porém agora “os cães são ‘funcionários’ da escola, cada turma e aluno têm um planejamento específico do trabalho com os cães: desenvolvimento motor, de fala, de controle de agressividade.” A coordenadora do projeto, ao descrever o trabalho dos animais, afirmou que “os *pets* às vezes entendem como as coisas funcionam melhor que a gente”, ao relatar os limites com os quais é necessário trabalhar com crianças especiais e animais de forma conjunta. A coordenadora relatou o caso de um aluno que “perdeu o ímpeto de bater, pois era muito agressivo, e passou a olhar ‘olhos nos olhos’”. O aluno em questão conseguiu demonstrar interesse em alfabetização e a sair mais da sala de aula. Um vídeo da interação desse aluno com os cães também foi exibido, momento em que as participantes do curso se emocionaram e trocaram palavras sobre o encantamento que sentiam com as imagens. Ao fim da palestra, uma educadora e psicóloga disse que apoia e tem interesse na iniciativa, mas se preocupa com a possibilidade de professores tomarem atitudes precipitadas, como colocar os cães para dentro da sala de aula sem a devida preparação ou formação. O questionamento é recebido de forma defensiva pelas professoras da escola, e todas dizem que essa ação foi planejada de forma intensiva e que não houve nenhum risco aos alunos nem aos animais, que o

bem estar dos animais é priorizado, por isso as atividades só ocorrem uma vez por semana. Eles também afirmaram prestar atenção no tipo de cachorro que tem o “perfil” mais adequado para servir a determinados tipos de atividades e que estão sempre atentos a sinais de estresse e cansaço dos cães. A palestra é encerrada e todos saíram para o intervalo de almoço.

Na ocasião, a palestra descrita anteriormente foi interrompida pela chegada de Regina Becker, mulher do prefeito de Porto Alegre e deputada estadual e ex-secretária da SEDA. A deputada, responsável pela criação do órgão, falou do Projeto de Lei do Estado Nº 168/2015, que propõe a inclusão da temática ‘Educação Humanitária’ no conteúdo programático das Escolas da Rede de Ensino Estadual do Rio Grande do Sul. Disse que a educação humanitária prega “o respeito a todas as formas de vida” e lamentou que as leis brasileiras não incentivassem a empatia e a solidariedade. Afirmou, também, que Porto Alegre é a primeira cidade do Brasil a ter políticas públicas para animais de famílias de baixa renda e na linha da miséria.

6.1 PORTO ALEGRE – UMA CIDADE EDUCADORA PARA COM AS RELAÇÕES COM OS ANIMAIS?

A pesquisa foi realizada em um contexto muito específico, a cidade de Porto Alegre, em espaços frequentados majoritariamente por pessoas de classe média e alta. Acreditamos que a cidade, devido a características peculiares, tanto de seu espaço geográfico quanto contexto socioeconômico e político, é um local privilegiado para o estudo das relações de estimação. Por isso, é importante salientar os aspectos que tornam a cidade um espaço que favorece relações de estimação interespecie, inclusive em espaços públicos.

Porto Alegre é uma cidade que, a exemplo das demais cidades brasileiras, possui um mercado *pet* em crescimento, segundo a Secretaria de Indústria e Comércio (SMIC) da Capital. De 2010 para 2011, praticamente dobrou o número de

estabelecimentos comerciais voltados aos animais de estimação (ou pets) na cidade. O número de licenciamentos passou de 219 em 2010 para 426 em 2011²⁰.

No estado do Rio Grande do Sul, já há clínicas que fazem coleta de sangue de animais para transfusões de sangue. Em Porto Alegre, já há serviço de cremação para animais de estimação, que inclui serviço de busca do animal, sala de despedida, cremação, memorial para depósito das cinzas ou urnas artesanais para retirada das cinzas e um bosque, enquanto há outras duas empresas privadas que oferecem o serviço no Estado. Fora esses serviços, os rituais de luto se estendem agora, aos *pets*. Ao relatar a morte de um cadela que estava internada no HVL, a S. me contou do procedimento adotado pela equipe do hospital. A cachorra C., uma poodle já idosa, “vivia” no Hospital pois sua tutora, já idosa, não tinha mais condições de cuidar dela.

A T. comentou que a C., faleceu. A proprietária não entendeu que a cadela havia morrido. A equipe velou o corpo, rezou, e ligou para a família da Sra. para que os procedimentos de lidar com o corpo da C. fossem conduzidas. A T. comentou que as pessoas lidam de forma muito diferente com a morte. Há pessoas extremamente emotivas, porém outras bem objetivas, apesar de sentirem a dor da perda. Comentou de uma proprietária que, após perder sua cadela, marcou um horário para ir buscar o corpo, agradeceu e foi embora. Disse que chorou muito no dia, mas que depois decidiu tocar a vida porque não havia mais o que fazer. Ou seja, lidou de maneira bem diferente que a dona da C. (Caderno de campo, 20/01/2015).

Em outro relato, A. fala da morte de sua cachorra, também já idosa e do impacto da morte do animal de estimação na sua vida.

Ai eu fui viajar de férias, deixei ela com a veterinária. Ai ela disse tá, vamos fazer só um exame assim, exame de imagem pra ver como ela tá. Daí, gurria, fui fazer a ecografia e o medico veterinário, muito delicadamente, se é que existe jeito delicado de falar isso, disse ‘olha, sacrifica ela hoje, porque ela tá sofrendo, ela não tem mais nada pra fazer aqui, tu vai deixar uma bomba relógio na mão da veterinária’. Só que eu sabia que ela não tava sofrendo. Porque eu tava dando tramal pra ela. Remédio pra dor, super punk, é um antes da morfina. Tava dando, ela tava fazendo uso direto desde setembro do ano passado, então por isso que ela veio se mantendo. Então assim troquei as medicações, todas as outras eu não dei mas o remédio pra dor tava tomando. E eu observava assim, eu tentava diminuir o remedio pra dar e ela ja bah...deitava, ficava quietinha, já tava com aquela carinha. Voltava a dar o remédio, ela voltava. Nao queria ver a C. sofrendo. Já que não tinha o que fazer, não tinha como fazer cirurgia, porque assim, ela fez cirurgias, tirou linfomas, quando ela veio eu castrei ela logo no primeiro cio...que mais..mas eu acho que cirurgia não. Foi mais esses problemas endócrinos, de metabolismo sabe, e essas coisas assim. Ai...mas aí claro que a veterinária que ficou com ela né, junto com a minha irmã que é sócia dessa

²⁰Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/trabalhador/2012/06/02/a-hora-e-a-vez-das-pet-shops/?topo=52,1,1,,186,e186>.

veterinária, agora...elas disseram não, a gente vai ficar com a C., óbvio. E aí eu deixei ela pedindo pra ela me esperar voltar né. Só que ela não me esperou. Ela faleceu três dias antes de eu voltar. Eu vinha embora...eu fui ficar três semanas e eu vinha embora na segunda feira. Não, sábado, daí na verdade foi na sexta feira que ela teve, passou muito mal e faleceu assim. Elas tiveram que sacrificar ela né. Mas não teve mais o que fazer, ela teve uma hemorragia de novo, ficou muito fraquinha, convulsionando. A minha irmã me avisou na hora. Porque eu cheguei a pensar em pedir pra elas não me avisarem, mas não tinha como, porque eu fui viajar e eu só pensava nela. Então eu combinei com elas que elas iam me avisar quando acontecesse. A minha irmã me ligou no final da tarde, foi na sexta-feira, lá já era sábado. E eu tava cheia de planos pro último final de semana, tipo vou fazer isso, aquilo que faltou, não sei o que. Não consegui fazer nada. Fiquei o dia inteiro atirada na praia...mas tudo bem, atirada na praia lá, naquela praia maravilhosa. E aí quando eu voltei, voltei segunda feira. Daí foi meio, foi muito punk. Eu ainda não tô legal na real. Não sei assim como esse processo... tá sendo ainda. Aí eu voltei, um dia fui lá na veterinária e ela me deu... não, daí eu peguei o A. Só um cachorro eu peguei de volta, sabe, do hotel. Daí foi horrível. Daí depois eu peguei as cinzas dela. Daí depois outro dia ela me devolveu uma foto que tinha lá. Eu já me desfiz das roupinhas dela, eu doeiei tudo pras gurias da vet. [...] Então assim, sinto muita falta dela. Esses dias fui ver uma fita, uma gravação que eu fiz lá em casa de um mapa astral e ela tava latindo no fundo e o A. levantou as orelhas, bah...é brabo, é muito complicado. Mas ao mesmo tempo, não é muito complicado, né. Porque ela já tava velhinha e ela descansou. Ela tava sofrendo também, eu sei que ela tava sofrendo, apesar da medicação, dos remédios e tudo. É complicado também, ela tinha problema já de caminhar e dificuldade...mas ah...só lembranças boas que ficam e...sempre vontade de ter mais bicho. [...] Então, então é isso. Adoro bicho. Se pudesse vivia ligada nos bichos, mas ah, essa relação com a C. terminou assim e eu ainda choro, eu ainda sinto, não sei quando que isso vai...ao mesmo tempo sinto que não adianta ficar chorando, ela tá melhor agora. Faz duas, vai fazer três semanas. Sim, tanto que eu nunca tava a fim de fazer nada no meu aniversário, tão me azucrinando, queria ficar em casa...ninguém entende. Mas ok, algumas pessoas não entendem mesmo (Entrevista com A., Caderno de campo, 18/09/2015).

O luto também é mencionado em outra entrevista, conforme relato abaixo:

Teve o final de semana que a B. morreu, [...] e eu tava super fragilizada e eu tava muito mal, muito mal, nossa eu acho que foi...claro que eu senti mortes da minha família e tal, mas eu senti como se fosse alguém da minha família (Entrevista com M., Caderno de campo, 05/07/2015).

Ao mencionarmos a relevância da perda do animal, constatamos que os cuidados com sua saúde também aumentaram. Já é possível contratar um plano de saúde animal. Em 2006, foi ofertado o primeiro plano de saúde animal do RS, que afirma contar com cerca de mil clientes e 20 clínicas cadastradas. Outros serviços outrora reservados a crianças, como babás e creches, agora se estendem a animais que ficam em casa durante o dia enquanto seus donos passam o dia na rua. Profissionais que se denominam *cat-sitters* e *dog-sitters* (em referência a *baby-sitter*,

babá em inglês), além dos hotéis e hospedagens para animais, seguem crescendo. Também podemos citar os *dog-walkers*, profissionais que passeiam com os cães, e os spas para animais.²¹ Entrevistei, então, uma dessas novas profissionais, uma *cat sitter*. N., possui 30 anos, é casada, tem quatro gatos e assumiu há pouco essa função, após abandonar sua antiga carreira na área de contabilidade, pois estava insatisfeita em seu emprego. O trabalho de *cat-sitter* consiste em visitas pré-determinadas na casa daqueles que viajam e têm que deixar seu gato de estimação sozinho. Nessas visitas, o animal recebe água, comida e é feita a higiene da caixa de areia.

Aí, eu disse ‘não, ou eu dou um jeito na minha vida ou continuo nessa forma que eu estava na contabilidade’, não tão mais contente ou eu tinha que dar um basta.” Aí até conversando com o meu marido...e na realidade foi uma amiga minha que me deu essa ideia. Eu tava conversando com ela, dizendo da minha situação que eu não tava gostando mais e ela disse assim ‘mas tu não gosta de trabalhar com gato, tu não gosta de gato’. E eu disse ‘sim, gosto’. E ela ‘sabe, tu nunca pensou em cuidar de gato?’ E eu disse ‘olha, eu adoro gato, mas eu nunca pensei em fazer disso uma profissão, né.’ E ela disse assim ‘olha, dá uma olhada porque tá começando isso...eu já vi várias matérias’. Inclusive ela me disse ‘tenho conhecidos que estão fazendo isso. Não só de gatos, mas de cuidar de animais em geral. Mas como tu gosta de gato, é um mercado diferente do cachorro (Entrevista com N., caderno de campo, 25/10/2015).

A entrevistada disse que a profissão é encarada com resistência, principalmente por parte daqueles que não têm animal de estimação,

Sabe, eles ainda veem a gente não como uma profissional, sei lá, passando o tempo talvez, eu não sei o que pensam muitas vezes, né. Quando tu fala, as pessoas dizem “tá, mas tu é babá de gato?”. Sim, eu sou babá de gato. Ainda quando tu fala o que tu faz eles não levam muito a sério, sabe? Realmente, quem te leva a sério é aqueles que têm outra visão de seu animal, é que trata o animal realmente como uma parte da família, que tu gasta com ele, tu leva no veterinário, tu vacina, tu dá cuidados básicos pra ele, tu te preocupa com o bem estar dele, né (Entrevista com N., caderno de campo, 25/10/2015).

Dessa forma, afirmou que buscou dar um ar “mais profissional” ao trabalho, para que fosse vista com mais seriedade e respeito. Fez, inclusive, um curso de auxiliar veterinária para que tivesse um “diferencial” para oferecer a seus clientes. O trabalho com o cliente inclui um contrato de prestação de serviço, espelhado em modelos

²¹Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2014/09/1523951-caes-e-gatos-ganham-plano-de-saude-de-ate-r-200.shtml>.

norte-americanos, onde a profissão possui já associações desse tipo de trabalhador A N. afirmou que no contrato “tem tudo que o cliente me autoriza ou não a fazer, então eu faço conforme tá no contrato. Isso é uma segurança que *eu* tenho e que o cliente tem também né. Então isso, ele tem um profissionalismo. Tu vê, o cliente, quando me contrata vê que é um trabalho sério.”

Para N., a busca por esse tipo de serviço se deve à nova visão da sociedade perante os animais de estimação.

Porque as pessoas já estão vendo como um membro da família [...], as pessoas deixam de comprar pra si pra comprar pros seus bichos. Então assim por isso eu acredito que muitas vezes são famílias solteiras, que têm essa visão, porque tu deixa de comprar pra *ti* pra comprar pro teu filho. Mas e se tu não tem um filho e tu tem um pet , o pet tá fazendo as vezes dos filhos. Então tu vai deixar de comprar pra ti pra comprar pro teu pet. Então, ou são casais que não têm filho, que tem essa dedicação muito grande com os pets e/ou são pessoas solteiras. Tanto homem quanto mulher que têm essa dedicação. Tô falando com relação a quem tem gato, com relação a quem te cachorro eu já não saberia te dizer. Mas em função disso, realmente é porque está sendo visto como um membro da família (Entrevista com N., caderno de campo, 25/10/2015).

A região Sul é a campeã em número de lares com cachorros e, de acordo com o estudo, 56% dos lares da capital gaúcha têm animais de estimação. Esse número supera a quantidade de crianças presentes nos domicílios da região sul e também no país inteiro. No Brasil, já existem mais lares com cachorros do que crianças: são 52 milhões de cães contra 45 milhões de crianças²². A capital do Rio Grande do Sul é uma cidade cerca de 1,4 milhão de habitantes, segundo estimativas de 2013 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²³. Em levantamento feito em 2009, Porto Alegre consta como a capital com mais casas com animais de estimação²⁴. Como muitos outros centros urbanos, a população cresce em tendência vertiginosa, porém a cidade possui muitas praças, parques e outros “refúgios verdes” do concreto. De acordo com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a cidade possui 616 praças

²²Disponível em: http://www.agricultura.gov.br/arq_editor/file/camaras_tematicas/Insumos_agropecuarios/79RO/IBGE_PAEB.pdf.

²³Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2013/estimativa_2013_dou.pdf.

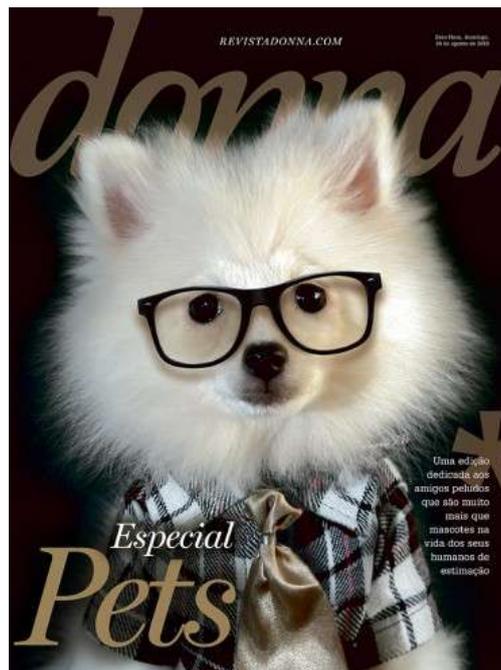
²⁴Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,MUL1237597-5598,00-PORTO+ALEGRE+TEM+MAIS+CASAS+COM+ANIMAIS+DE+ESTIMACAO+DIZ+PESQUISA.html>.

urbanizadas, ocupando uma área total superior a quatro milhões de metros quadrados.²⁵ Assim, podemos observar muitos espaços na cidade que se constroem em função do interesse com os animais. A cidade possui, inclusive, três unidades de conservação. Dentre esses ambientes, cercados ou não, dos quais que a população usufrui principalmente do espaço verde, há vários que abrigam áreas com uma função particular, os “cachorródromos”. Em todas as praças e parques da cidade, em horários variados, surgem aos poucos pessoas sozinhas ou famílias, com seus cachorros com guia e coleiras. Descidas dos seus apartamentos na cidade cada vez mais verticalizada, saem para que seus cães possam desfrutar do ar livre, caminhar, correr, fazer suas necessidades. O Parque Farroupilha (ou Redenção), a Praça Carlos Simão Arnt (Encol), o Parque Germânia e a Praça do DMAE possuem espaços reservados àqueles que levam seus cães para passear. Curiosamente, não são somente os cães que utilizam desse espaço para sua socialização, mas também os humanos que os levaram até lá.

Em duas reportagens veiculadas em um jornal local, em 29 de agosto de 2015, foram veiculados relatos de entrevistas que *“quem tem pets que são muito mais do que animais de estimação”* (Figura 03). O mesmo jornal já havia veiculado reportagem semelhante em 03 de agosto de 2013, sob a chamada *“Paixão animal: histórias de afeição que une pessoas a seus animais”* (Figura 04).

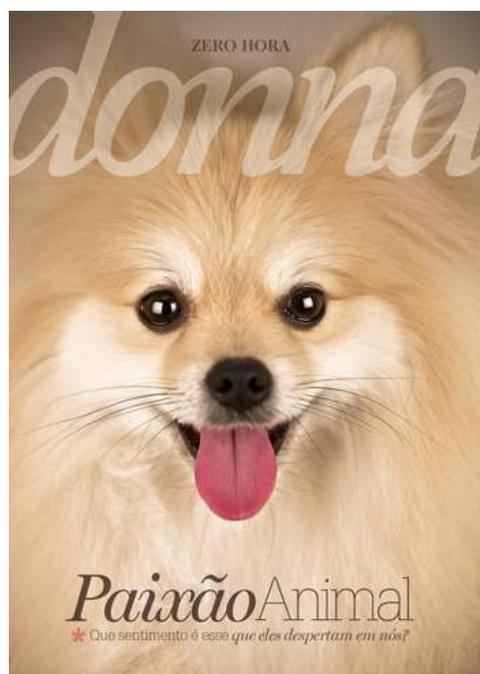
²⁵ Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam/default.php?reg=5&p_secao=160.

Figura 03 – Capa da Edição Especial do Caderno Donna do jornal Zero Hora, de 29 de agosto de 2015.



Fonte: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/comportamento-2/quase-como-gente-historias-de-quem-tem-pets-que-sao-muito-mais-que-animais-de-estimacao/>

Figura 04 - Capa do caderno Donna do jornal Zero Hora, de 03 de agosto de 2015.



Fonte: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/paixao-animal-historias-da-afeicao-que-une-pessoas-a-seus-animais/>.

Na cidade, há inclusive centros espíritas que prestam atendimento espiritual aos animais. O serviço não é sempre feito de forma presencial. Há, contudo, o atendimento à distância, em que uma série de instruções devem ser seguidas para que o tratamento espiritual tenha um melhor resultado²⁶.

Nas entrevistas, dois casos de atendimento espiritual foram relatados.

Pedi atendimento espiritual pra ela também, na internet, na São Francisco de Assis. Eu fiz o atendimento pra ela em casa, isso foi quando ela teve esse tumor em setembro do ano passado. Fiz o atendimento pra ela em casa, com água fluidificada, depois ela ficou tomando... Tu tem que ficar junto, bonitinho, fazer as orações, deixar a garrafinha d'água, depois tu vai dando durante aquele mês aquela água. E eu fiz pra ela, foi muito legal. A gente se sentiu também super acolhida com isso (Entrevista A., 18/09/2015).

Outra interlocutora fala de um centro espírita, em Porto Alegre, que também faz atendimento presencial a animais de estimação, aos sábados. O animal pode ser levado ao local, mas também há uma “caixinha de irradiações”, para humanos e não humanos. Nessa caixinha, pode-se colocar uma roupa ou o nome do animal que necessita de atendimento espiritual.

“Casualmente eu tava indo pra lá pensando em levar uma roupinha dela e me lembrei dessas sessões que tinham no sábado, dos relatos, de pessoas. Tinha uma senhora desesperada porque o cachorro tinha uma cirurgia na semana seguinte, porque ele tinha engolido não sei o que lá e não achavam o que tinha feito mal nele. E ela já tinha feito ecografia, feito não sei o que e não achavam, o veterinário não encontrava e o cachorro tava muito mal. E o veterinário propôs então que abrissem para ver o que estava acontecendo. E aí ela levou ele no centro, dois sábados, e ele tinha uma cirurgia marcada pra última semana depois que ela foi. E no último sábado ele expeliu a coisinha que tava incomodando, não precisou fazer cirurgia. Já tinha uma idade também.” (Entrevista C., 10/07/2015)

Outros tipos de tratamentos alternativos agora também se estendem aos animais de estimação, na busca por um alívio de diferentes dores e sintomas de doenças.

[...] O Reiki é uma energia através das mãos, dos pontos que tu abre. Nos cursos assim quando tu abre os pontos, estimula na mão.[...] Eu pensei “ah,

²⁶ Disponível em: <http://www.cele.com.br/animais.html>.

porque eu não aplico né, porque eu não faço o tratamento em casa?”. Daí eu me comprometi a fazer todos os dias e daí eu comecei e ela tremia muito quando eu fazia isso, porque ela sente, enfim, ela tremia que nem vara verde assim. Mas aí ficou bem, não vomitou nem nada. Acordou duas vezes só na noite, uma e meia da manhã, outra quatro e meia da manhã, porque antes era 1:30, 2:30, 3:30, 4:30 (Entrevista C., 10/07/2015).

Esse tipo de serviço, contudo, a cidade não é pioneira. Em São Paulo, capital, há o 1º centro espírita voltado exclusivamente ao atendimento de animais e a procura por esse atendimento espiritual é expressivo²⁷. Em ambos os casos, porém, ressalta-se que esse tipo de tratamento não dispensa a procura a um médico veterinário, é somente uma complementação.

A cidade conta com uma Secretaria Especial dos Direitos Animais (SEDA), criada em julho de 2011 pela Lei Municipal 11.101, que tem por objetivo “estabelecer e executar políticas públicas destinadas à saúde, proteção, defesa e bem-estar animal” e tem, ainda, a perspectiva de inaugurar um hospital veterinário público na região de Porto Alegre²⁸. Entre as atividades realizadas pela Secretaria estão o atendimento veterinário a animais de famílias de baixa renda, feiras de adoção, fiscalização a denúncias de maus tratos e promoção de atividades pedagógicas em escolas locais. A Secretaria promove ações de bem-estar animal, tais como feiras de adoção de animais abandonados, mutirões de castração, fiscalização a maus tratos e projetos de educação e conscientização infantil. Recentemente, foi aprovada pela Câmara Municipal de Porto Alegre uma proposta de Indicação ao Executivo da criação de um “SAMU” veterinário, serviço já existente na capital catarinense.²⁹ Outro projeto de lei, criado pela Prefeitura e aprovado no ano de 2015, também ressalta a atenção dada pela política local aos animais de estimação. O texto da Lei Municipal 11843 /2015 “autoriza o transporte de animais domésticos de pequeno ou médio porte, acompanhados por seus responsáveis, nos meios integrantes do sistema de transporte coletivo, seletivo ou individual de Porto Alegre” de forma gratuita, em horários pré-

²⁷Disponível em: <http://www.asseama.com.br>; <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/08/centro-espírito-para-animais-faz-cirurgias-espirituais-e-psiografia.html>.

²⁸Disponível em: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/seda/usu_doc/decreto__17.190_-_regulamenta_a_seda.pdf.

²⁹Disponível em: http://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2015/02/noticias/rio_grande_do_sul/126096-camara-de-porto-alegre-aprova-criacao-de-samu-veterinario.html, <http://animaisensacionais.com.br/2014/bicharada/florianopolis-cria-samu-para-socorrer-animais-acidentados/>.

definidos, em caixa de transporte e com carteira de vacinação atualizada. A consideração destes temas sendo levados à esfera legislativa é um grande indicativo da importância, na esfera pública, que tem se dado aos animais.

Devido à importância, ao menos simbólica, de um órgão público com foco exclusivo em animais e em especial animais domésticos, decidi fazer uma visita à sede da SEDA. Após uma troca de e-mails, agendei uma visita com B., coordenadora na SEDA para uma sexta-feira de manhã. A Secretaria não fica no prédio da Prefeitura, mas em outro prédio bem próximo, no Centro da cidade. O local ocupa metade de um andar inteiro e possui espaço amplo dividido em setores como administrativo, registro de ocorrências, fiscalização, comunicação e assessoria e setor pedagógico. Após aguardar um pouco na recepção, fui recebida pela B.. Fomos até sua sala, onde há cartazes com as metas previstas e atingidas, divididas por setores. Ela comentou que a educação é a parte que tem mais problemas para atingir as metas, pois há defasagem de pessoal, só tem uma pedagoga no momento, mas que já estão revertendo esse quadro para atingir a meta até o final do ano.

Ela perguntou sobre o meu trabalho e expliquei um pouco do que eu estava pesquisando e disse que sabia também que a Secretaria fazia ações junto a escolas municipais e que isso também era interessante para minha pesquisa. Ela comentou que, naquele sábado, haveria o encerramento do primeiro curso de formação da SEDA para professores municipais. Achei que seria uma ótima oportunidade comparecer e conversar um pouco com os profissionais que estavam fazendo o curso. Após a B. dizer que não teria problemas assistir à formação e conversar com os professores, combinamos que eu iria lá no sábado. Ela falou, também, que me colocaria em contato com a coordenadora pedagógica da SEDA, responsável pelas ações realizadas nas escolas.

Ela mencionou, também, sobre o estudo promovido pela Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) em parceria com a SEDA e o Ministério Público (MP), que visa traçar o perfil psicológico de acumuladores de animais³⁰, ressaltando que "não descobrimos um trabalho sequer no mundo sobre o perfil psicológico dos acumuladores de animais. Nós cuidamos

³⁰ Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/08/estudo-da-pucrs-vai-tracar-o-perfil-dos-acumuladores-de-animais-4818832.html>.

dos bichos, mas tem que ter alguém que saiba tratar essas pessoas." Ela pediu para passarmos para a sala ao lado, onde assisti uma apresentação sobre a Secretaria e um vídeo institucional. Na apresentação, foram exibidas as metas de castração, fiscalização, adoção e de educação (palestras em escolas) estabelecidas pela Secretaria. As metas são anuais, porém há um controle mensal. Os gráficos são divididos em: meta, número atingido, porcentagem. A cada três meses, é realizado um encontro com o Prefeito para falar do andamento das metas. Ela disse que SEDA foi pioneira no Brasil e na América do Sul na proteção constitucional dos animais. Disse também que o objetivo das ações nas escolas é "um ensino humanitário, que respeite os animais". Em um dos vídeos institucionais, uma colaboradora da SEDA afirma que "os animais são parte da natureza, assim como nós". A B. falou que o importante é respeitar a vida e saber que os animais fazem parte da comunidade. Comentou dos dois caminhões da SEDA (Bicho Amigo I e II, que são hospitais veterinários móveis). Ressaltou que somente a população que comprova que é de baixa renda e inscrição Número de Identificação Social (NIS) é atendida. Os animais são vacinados ("as vacinas são importadas, não usamos vacinas nacionais"), vermifugados, castrados e microchipados, tudo gratuitamente. A meta para 2015 é concluir 50% do primeiro hospital veterinário totalmente gratuito (para a população carente, ela enfatiza) do RS (o primeiro hospital veterinário gratuito foi inaugurado em São Paulo, SP, em 2013). Sobre o financiamento da obra, comentou que "a doação foi feita integralmente por um empresário que ama animais, não será utilizado nem um centavo de dinheiro público". O hospital será onde hoje é a Unidade de Medicina Veterinária, na Lomba do Pinheiro (divisa com a cidade de Viamão). Falou ainda do trabalho desenvolvido com os carroceiros, os brechós de arrecadação de dinheiro, as feiras de doação, etc. Ela comentou também que há uma lei que permite animais nas escolas, porém, como a lei é municipal "ainda tem muita resistência das escolas estaduais. É uma pena, acho que é um retrocesso", diz ela, mas que estão trabalhando para que isso mude. Ao afirmar que há escolas que têm animais na dependência, destacou que, inclusive, em uma escola que permite animais na sala, o rendimento dos alunos aumentou. No vídeo exibido, a diretora da Escola Saint Hilaire disse que o trabalho com os animais ajuda a sensibilizar os alunos a respeito da importância de não maltratar os animais, da compaixão, é um trabalho humanitário, e "se isso não faz parte do que a escola

deveria ensinar, eu não sei o que é". No vídeo, aparecem colaboradores e profissionais da Secretaria, alunos e professores das escolas e moradores da região. Além disso, falou da lei que permite o acesso de animais de estimação no transporte público (aprovada recentemente na câmara dos vereadores, em junho). Depois, fizemos um pequeno tour pela Secretaria e conheci as diferentes salas e cumprimentei os funcionários das diferentes áreas. O local tem muitos pôsteres e quadros com a temática de adoção, castração e prevenção aos maus tratos, inclusive advertindo sobre o uso de fogos de artifício. Saí de lá com cinco folders diferentes e dois adesivos "Adote um amigo". Despedimos-nos e a B. falou "muito obrigada pela visita, é muito importante e adoramos conversar com quem se interessa pelo nosso trabalho".

6.2 PEDAGOGIAS NÃO-HUMANAS

Neste trabalho, consideramos que os espaços e contextos em que interagimos com animais de estimação também podem ser considerados espaços pedagógicos. Paralelamente, refletimos sobre os aprendizados que podem vir à tona com e através dos animais, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Faz-se necessário reforçar que a variedade de interações e relações do humano, não apenas com algumas espécies, mas com a animalidade de uma forma geral, não se esgota nas reflexões propostas nesse trabalho. Da mesma forma, não partimos do pressuposto de que as relações de estimação aqui apresentadas sejam ilustrativas de todas que se encontram na nossa sociedade atual. Casos de maus tratos, abandono e abuso ainda são comuns e observados diariamente.

Elias (1990) afirma que “embora os fenômenos humanos – sejam atitudes, desejos ou produtos da ação humana – possam ser examinados em si, independentemente de suas ligações com a vida social, eles, por natureza, nada mais são que a concretizações de relações comportamento, materializações da vida social e mental” (p.124). Nesse sentido, nossas relações de estimação com animais, por mais banais e naturalizadas que pareçam, revelam profundas transformações que não podem ser ignoradas no campo da Educação, por demonstrarem mudanças de valores

e desestabilizarem conceitos fundamentais da nossa sociedade como, por exemplo, família e afeto.

Nossa relação com os animais pode proporcionar o surgimento de novas oportunidades até então ignoradas no campo da educação. Acredito que não se pode ignorar, ao se tratar de educação e relações de estimação, a formação daqueles profissionais aos quais cabe o cuidado dos animais de estimação. O novo local do animal não-humano, agora em uma relação de afeto e posição de familiar, levanta algumas problemáticas na formação do veterinário, algo salientado em todas as entrevistas com esses profissionais. Foram três entrevistados: uma veterinária e também professora universitária, com formação em Biologia e Medicina Veterinária, que atende em uma clínica para um público de classe média e alta, no bairro Higienópolis. Segundo essa profissional, “Ser bióloga, além de veterinária, acho que é um diferencial. Me percebo muito diferente dos meus colegas. Acho que devido à formação em Biologia, tenho muito mais respeito pelas diferentes espécies, respeito essas diferenças também”. (Entrevista E., caderno de campo, 18/07/2015). Segundo ela, o novo status quase humano do animal de estimação não é algo positivo afirmando que “às vezes, com essa humanização, acontece até das pessoas perderem a referência e tratarem bicho melhor do que gente”.

Acho que a humanização trouxe muitos riscos para os animais. Antigamente, o animal ficava no pátio, na rua. Era um membro da família, mas era de subgrupo. O animal morria e a gente aprendia sobre a morte ali. Ainda era um animal, e gente ainda era gente (Entrevista E., caderno de campo, 18/07/2015).

Os malefícios dessa visão do animal têm consequências negativas inclusive para a saúde do animal, conforme fala abaixo.

Tem muita medicalização pelos proprietários, hoje em dia, com o tio Google, as pessoas jogam ali e já chegam com o diagnóstico próprio. Só que eles serão sempre animais por mais que seu comportamento pareça humano. As pessoas chegam com diagnóstico humano. Elas (as pessoas) medicalizam e usam medicamentos de humanos. Eu até posso usar alguns medicamentos de humanos em animais, mas eu estudei isso, eu sei a diferença. As pessoas esquecem que têm diferenças de espécie, de tamanho, dosagem. Elas dão bolachinha e recompensa pra criança e fazem a mesma coisa com os bichos, só que chocolate, uva, são coisas que são tóxicas para os animais. Os donos fazem isso com comida, essa regulação, como se fossem a mesma espécie

que a nossa. Assim como dão besteira pra criança, dão para o animal. O comportamento (do animal) é igual o nosso por motivos diferentes, e às vezes tem comportamentos diferentes por motivos iguais. Por exemplo, uma cliente veio dizer que o cachorrinho dela tava deprimido porque o outro cão morreu e que queria que receitasse um antidepressivo. E eu perguntei “mas ela viu o outro cachorro morto? não. ele morreu na clínica? sim. então ele n sabe que o outro morreu, ele tá com ansiedade, ele n sabe pra onde o outro cachorro foi e fica esperando ele voltar. só que o tratamento para depressão é completamente diferente da ansiedade. os medicamentos têm efeitos diferentes.[...] (Entrevista E., caderno de campo, 18/07/2015).

Apesar de criticar a falta de responsabilidade dos tutores para com seus animais, a interlocutora ressalta que, às vezes, falta uma flexibilidade do profissional em compreender as limitações da rotina do humano.

Têm pessoas que dizem que o estilo de vida não permite um certo tratamento. Por exemplo, eu receito um remédio que tem que administrar de 12 em 12h, e a pessoa me diz “ah mas eu não consigo, só de 24 em 24”. Querem transferir a responsabilidade do tratamento para o veterinário/outro familiar. Só que quando tu compra ou adota o animal, tu tem uma responsabilidade, ele vai ficar velho, fedido, vai dar despesa, vai morrer. Tu tem que saber que tu vai ser responsável dele pelo resto da vida dele. Criança tu sabe que tu vai ter que cuidar até os 17, 18, anos mas depois ele se cuida sozinho, animal não. Aí eu acho também que falta preparo dos veterinários, de saber quais as outras opções. tem medicação que eu sei que tem outro parecido que pode dar de 24h/24h, ou se a pessoa não tem condições de comprar. Tem que saber se tem alternativas (Entrevista E., caderno de campo, 18/07/2015).

Em relação à nova composição familiar que agora inclui os animais de estimação, é feita a ressalva a pessoas idosas terem mais animais, também. E os transtornos causados após sua morte.

Como tem mais idosos agora com animais, e é difícil para o veterinário, porque o idoso às vezes mente, ou a memória não é muito boa. Por isso que gosto de ir pra casa das pessoas, porque ela vê como é e eles demonstram como estão seguindo as instruções. Muitas coisas o idoso não tem força pra trazer pro veterinário, ou fazer alguma coisa com o tratamento, e a responsabilidade acaba sendo transferida para o familiar. Às vezes o idoso morre e o animal, “que era antes um membro da família, passa a ser um estorvo”. Isso quando não jogam na rua. Disse que é muito mais comum “se livrarem” de gatos. Falou do exemplo das protetoras, que têm muitos animais e quando morrem geram um problema social” (Entrevista E., caderno de campo, 18/07/2015).

Na entrevista, falou também da distancia entre pesquisa e sociedade e que o veterinário deveria fazer um esforço para se aproximar da realidade do cliente.

Muitos veterinários não sabem usar a linguagem certa com os clientes. É claro que a veterinária é uma área específica e tem que dominar a língua desse universo. Mas também tem que dominar a língua do cliente, senão ele não te entende, não vai saber seguir as instruções, não vai entender a doença. Por isso que eu dou a receita e peço para o cliente repetir, passo instrução de como administrar a medicação. Tem gente que pega o cachorro no colo (para dar medicamento líquido) e causa morte por medicação por via errada. As pessoas seguram como se fosse um bebê, só que bebê humano pode amamentar assim. Cachorro tu já viu mamando assim de barriga pra cima? Não, eles ficam deitados (Entrevista E., caderno de campo, 18/07/2015).

A fim de explorar outro contexto de trabalho, em que fossem atendidas pessoas de outros níveis socioeconômicos, realizamos uma entrevista com o médico veterinário e também professor universitário D., que trabalha no Hospital de Clínicas Veterinárias da UFRGS (HCV-UFRGS). O Hospital foi inaugurado em 1956 e está localizado no bairro Agronomia, perto da divisa de Porto Alegre com a cidade de Viamão. Conforme informações no *site* oficial, o local é “sem dúvida o local de maior casuística do Rio Grande do Sul e uma das maiores da América Latina, com aproximadamente 20.000 atendimentos por ano, entre a clínica de pequenos e de grandes animais. Como um órgão auxiliar da Faculdade, serve de apoio às aulas práticas de pequenos e de grandes animais, oferece estágios curriculares a estudantes de graduação, participa de atividades de pesquisa em nível de graduação e pós-graduação, além de prestar serviços médico-veterinários à comunidade em geral.”³¹

³¹Disponível em: <http://www.ufrgs.br/hcv/>.

Figura 05 - Entrada do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



Fonte: http://www.ufrgs.br/hcv/index.php?id_pagina=36&diff=20160127155238

Apesar de não oferecer atendimento gratuito, os preços são mais acessíveis à comunidade por se tratar de um hospital escola. O valor de uma consulta com clínico geral é de R\$60 e, com especialista, R\$70. Nas clínicas particulares, esses valores chegam a dobrar. Os clientes, contudo, são variados, conforme o interlocutor, “o tipo de cliente é bem variado, desde os de baixa renda até os de maior poder aquisitivo, a clientela é bem eclética, não tem como fazer uma distinção”. As especialidades incluem cardiologia, clínica de felinos, dermatologia, fisioterapia, nutrição, odontologia, oftalmologia, oncologia, ortopedia e traumatologia e medicina de animais silvestres. O hospital tem diversas salas de clínica geral e outras onde são feitos os atendimentos especializados. As consultas são feitas com hora marcada. Os clientes, ao chegarem no hospital, pegam uma ficha de atendimento e depois seus animais passam por uma triagem. O atendimento é feito por ordem de chegada e há um número máximo de atendimentos por dia, após atingir esse número, o atendimento é encerrado. No Hospital, é permitida a visita a animais internados, durante uma hora no turno da tarde e uma hora no turno da manhã, crianças com menos de 12 anos de idade não são permitidas.

Para esse profissional, o animal enquanto membro da família traz à tona situações que antes não eram comuns no dia a dia do veterinário.

Ele comentou que o animal como parte da família faz com que tenha mais pressão dos tutores e que recaia mais responsabilidade em cima do médico veterinário, há mais cobrança. Disse, também, que a Faculdade pensa em reformular o currículo (pois já é meio antigo), para que inclua alguma prática/aula que aborde como lidar com os clientes. Que o que ele passa para os alunos é nas aulas práticas, situações que ele já viveu, exemplos, mas que não tem nenhuma instrução formal sobre isso, que ele vê que isso faz falta na formação. Não é abordada como são as situações reais, como lidar com clientes, dos mais variados tipos. Disse que a integração do animal como parte da família exige mais respeito por parte dos veterinários, tem que ter mais tato, mais sensibilidade, "está mais exigente"... (Entrevista D., caderno de campo, 04/07/2015)

Uma situação em específico em que o veterinário enfrenta dificuldades é ao lidar com as frustrações dos tutores, especialmente nos casos de morte do animal.

Informou que está em estudo a possibilidade de fazer um trabalho/projeto multidisciplinar com o pessoal da área da saúde (Psicologia), para fazer um trabalho com os estagiários e residentes (também comentou que os alunos não são obrigados a passar pelo HCV, é opcional) para eles aprenderem a lidar com a parte emocional do atendimento, com o luto, a dor da perda.

Disse que uma área bem problemática é a da triagem, que fica o profissional que faz o primeiro atendimento, recebe o cliente e avalia o animal e depois ele é encaminhado para a consulta. Só que, é essa a pessoa que deve informar aos que estão esperando quando os atendimentos são encerrados (há um número máximo de consultas por dia, é por ordem de chegada). Disse que "as pessoas ficam brabas, xingam, choram quem está na triagem e muitas vezes o veterinário não reage da melhor maneira profissional e ética. Muitas vezes esse veterinário daí recebe uma advertência e é instruído como melhor o seu atendimento". Reforçou que "é um setor muito complicado, ninguém gosta de ficar lá".

Após a eutanásia, afirmou que as reações dos clientes são variadas, "tem paciente que fica revoltado, uns ficam muito tristes, choram, uns se arrependem no meio do processo", "um cliente saiu esmurrando as paredes, acontece de tudo" (Entrevista D., caderno de campo, 04/07/2015).

Em contrapartida à visão de total sensibilidade para com os animais, relatou casos de abandono e maus tratos testemunhados no Hospital. Em alguns casos, a aproximação do animal de estimação no núcleo familiar não implica necessariamente na valorização da sua vida.

Disse que ainda é comum o abandono de animais no local (problema histórico), mesmo após a colocação de avisos que dizem ser crime essa prática. "Às vezes, o cliente vem para a consulta e diz que vai no banheiro e nunca volta". Ou, então cliente que chega já pedindo eutanásia, não faz consulta, o animal não tem um diagnóstico, mas o tutor não quer fazer nenhum exame. "Ele só quer se livrar do animal". [...]: Contou de um caso de um cliente que fez a consulta, pediu pela eutanásia e os veterinários discordaram. "ele disse, se tu não fizer eu vou ali fora e dou um tiro na cabeça dele". Nesse caso, se pensa no que vai ser melhor pra esse animal, como vai ser a qualidade de vida dele se não for feita a eutanásia, se ele vai ser abandonado no meio da estrada, coisas que já aconteceram). Outro erro é as pessoas acharem que os efeitos colaterais da quimio são os mesmos em animais que são na pessoa ("como as pessoas perdem cabelo, eles acham que os animais vão perder o pelo"), perda de apetite etc. porém os efeitos são outros. (Entrevista D., caderno de campo, 04/07/2015"

Também houve uma ponderação a respeito da necessidade de flexibilização do veterinário, pois afirmou que "é necessário sempre ponderar as opções de tratamento para cada diagnóstico levando em consideração o estilo de vida e condições financeiros de cada cliente, que é necessário ter essa flexibilidade até para o bem estar do animal."

Nos hospitais e clínicas veterinários visitados, oferece-se um tratamento alopático tradicional. Em oposição a essa abordagem, entrevistei também uma médica veterinária homeopata que atende pacientes na Liga Homeopática do RS, no bairro Menino Deus. Após conversar com a médica veterinária, também ficou combinado que eu poderia acompanhar algumas consultas, após a anuência dos clientes.

Figura 06: Fachada da Liga Homeopática do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.



Fonte: <http://www.ligahomeopaticars.com.br/website/bancoimg/t151216005538DSC03829.JPG>

De acordo com informações oficiais de seu *site*³², “A Liga Homeopática do Rio Grande do Sul (LHRS) é uma instituição sem fins lucrativos, que tem como objetivo a congregação de pessoas interessadas na divulgação, prática e ensino da Homeopatia.” A Liga foi fundada em 1941 e, além de oferecer consultas a humanos e animais não humanos, também é sede para prática de eventos e cursos. O valor das consultas é de R\$60, e, conforme é divulgado, “a LHRS oferece consultas a preços acessíveis, atingindo uma parcela da população que não tem acesso a consultas particulares nem plano de saúde”.

Após se formar em Medicina Veterinária, a veterinária começou a se interessar pelo campo da homeopatia quando começou a trabalhar com dermatologia, pois, “aprendi que não existe como tratar problema dermatológico, alopacia não resolve”. Como homeopata, afirmou que não consegue ver as coisas de forma separada. Ela prefere fazer consultas a domicílio porque diz muito mais sobre a doença e o animal, “a casa diz muita coisa. A pessoa pode falar uma coisa no consultório, mas em casa a realidade é outra”.

³²Disponível em: <http://www.ligahomeopaticars.com.br/website/textos.php?id=344>.

A alopatia não trata de verdade nenhuma doença, porque não vê o todo. As pessoas usam homeopatia como último recurso. Quando chegam aqui é porque já tentaram tudo que é tipo de tratamento. O tipo de pessoa que busca a homeopatia é diferente, geralmente são pessoas que já usam homeopatia na própria família. Geralmente, quando o animal apresenta algum comportamento 'problemático', há influência/ação do proprietário, que muitas vezes nem se dá conta. Um problema de saúde não é algo isolado, sempre tem outra coisa relacionada (Caderno de campo, 01/07/2015).

Também quis saber, sob a ótica da medicina veterinária “alternativa”, como ela via a mudança no *status* do animal de estimação. Ela afirmou que “a humanização dos animais faz mal, aquilo que é um instinto natural é reprimido (latir, marcar território)”. Disse também se sentir incomodada com a parte estética do tratamento com os animais pois, além de ser desnecessário o uso de perfumes, lacinhos e roupas, muitas vezes isso causa um incômodo ou transtorno para o animal que o seu tutor nem percebe.

A humanização, conforme citado nas entrevistas, é algo que preocupa os veterinários e acaba por criar alguns conflitos ou divergências com os clientes. Porém, não são só esses profissionais que têm essa visão. Muitos humanos com relações de estimação também repudiam esse tratamento “humanizado” dos seus animais. A A., entrevistada sobre sua vinda ao Brasil com um cachorro de estimação, disse que percebe, no Brasil, uma humanização muito maior dos animais do que na Colômbia, seu país de origem.

Sempre a pessoa faz uma projeção de si mesmo como cachorro, das coisas que a gente precisa, isso é óbvio que vai acontecer. mas eu acho que aqui tem...nossa eu vejo muitas coisas aqui é óbvio que sim, por exemplo. Se um casal não tem filhos e tem cachorro, é óbvio que eles vão projetar toda essa carência dos filhos nos cachorros. Mas, tem pessoas então, que ficam gastando dinheiro assim em pintar as unhas, botar aqueles brilhantes, que aqui as pessoas adoram, sapatinhos, roupinhas. Claro, eles, precisam de roupa no inverno mas não é porque eles precisam mudar várias roupas cada dia com a gente. Mas aqui tem pessoas que são obcecadas em comprar assim muitas coisas pros cachorros. Uma vez eu vi na República uma mulher levando os cachorros num carrinho de bebe. Tipo os cachorros precisam *caminhar*... é uma loucura, esses *spas*, creches, fazem aniversário, cobram muito dinheiro pra fazer uma carne em forma de osso, é mais pro dono (Caderno de campo, 18/09/2015).

Apesar de afirmar que os humanos projetam suas carências nos animais, a interlocutora ressalta que ela faz uma clara distinção de humano e animal.

Eu também falo que é meu filho, mas eu sei que ele é um cachorro. Eu sei que eu falo como se ele fosse meu filho e eu sei que faço muitas coisas que um cachorro não teria que fazer, mas eu tenho claro um limite né. Então por isso talvez pras outras pessoas eu seja ridícula, mas já levar os cachorros num carrinho de bebê e fazer as unhas... (Entrevista A., Caderno de campo, 18/09/2015)

MacPherson (2011), ao narrar sua relação de oito anos com um cachorro de estimação, explora justamente o surgimento de uma educação advinda da relação próxima com seu cão. Ela argumenta que os laços afetivos e a necessidade de cuidado de um “outro”, de um mundo além de humano, pode evocar uma consciência sobre outros seres vivos e questões urgentes na educação ambiental, como por exemplo, a perda de biodiversidade e as extinções em massa da fauna e da flora, o que a autora chama de “petagogy” (ou pedagogia do pet, uma pedagogia do animal de estimação). Assim, aprender a cuidar da vida de outra forma de ser (e, nesse sentido, ser o humano responsável pelo seu bem estar) evocaria um senso de compaixão pela vida e morte de outras espécies. Essa teoria é especialmente relevante para (mas não só) o campo da educação ambiental, pois ficaríamos mais cientes do nosso impacto no mundo, tanto o humano quanto o não-humano. Segundo a autora, “using a petagogy of companion animals to promote our ability to respond to the greater-than-human world challenges not only the boundaries of environmental education but also the boundaries of education itself.” (p.77).

Interessada na questão da educação humanitária e no aprendizado que envolveria humanos e animais de estimação, acompanhei a visita do Programa Esta Escola é o Bicho, pela coordenadora pedagógica da SEDA a uma escola na periferia de Porto Alegre. A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof. Larry José Ribeiro Alves está localizada no bairro Restinga, na zona sul da capital.

A escola foi escolhida pois já realizada trabalhos com os alunos com animais domésticos e educação humanitária. Conforme a coordenadora pedagógica do projeto,

A abordagem varia de acordo com a faixa etária dos alunos. Pra os alunos mais novos, é abordado principalmente bem estar animal e adoção dos animais, sem entrar muito em questões mais pesadas e sérias. Com os mais velhos, tópicos como senciência e maus tratados são incluídos na

abordagem. Perguntei se as escolas buscavam a SEDA para realizar esse tipo de trabalho ou se a SEDA ia atrás de escolas dispostas a participar. A T. responde que, no início do ano, entra em contato com escolas municipais, estaduais e particulares para falar do trabalho da SEDA nas escolas. Mas que às vezes, também, a secretaria também é procurada por escolas para desenvolver trabalhos.” (Caderno de campo 08/10/2015)

Na entrada da escola, há algumas casinhas de madeira com cobertores para cães comunitários, juntamente com potes de água. Quando chegamos à escola, havia três cachorros dormindo tranquilamente nesses lugares.

Figura 07: Entrada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves, Porto Alegre.



Fonte:

<https://www.facebook.com/sedapoa/photos/a.1015183705190504.1073741933.263212903720925/1015186025190272/?type=3&theater>

No momento da nossa chegada, os alunos foram liberados para o recreio. Nos corredores e no pátio da escola, passavam alguns cachorros. Algumas crianças nem notavam a presença dos animais, outras passavam a mão neles ao passarem. No corredor que dá acesso à escola, há salas dos dois lados e cartazes cobrem toda a extensão do corredor. Há fotos, desenhos e frases de animais que contemplam temas como adoção e abandono animal, terapia assistida por animais, maus tratos, conservação da biodiversidade. Algumas frases do tipo “Não matar as baleias.

Ninguém deve deixar o mar”. E “você gostaria de ser maltratado e abandonado?”, com desenhos feitos pelas crianças, colagens e fotos retiradas de revistas e jornais.

Figura 08 – Cartaz produzido por alunos após ação da SEDA.



Fonte: <http://bancoimagemens.procempa.com.br/visualiza.php?codImagem=149169>

Figura 09 – Cartaz produzido por alunos após ação da SEDA

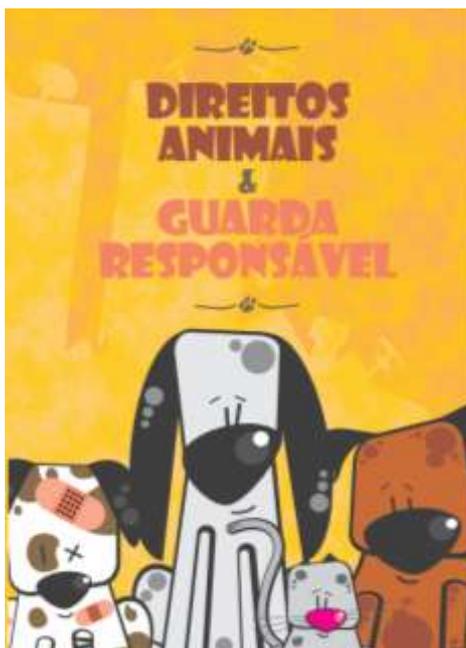


Fonte: <http://bancoimagemens.procempa.com.br/visualiza.php?codImagem=149170>

Nessa visita à escola, foi feita uma palestra a duas turmas de ensino fundamental. Ao todo, eram cerca de 20 alunos com idades entre seis e sete anos. Duas professoras acompanharam a palestra, que integra o Projeto promovido pela SEDA.

A atividade inicia após duas turmas de pequenos entrarem na sala e sentarem nas cadeiras. As duas professoras acompanham. Todos muito agitados e dispostos e curiosos. A T. havia comentado, no carro, que devido à idade dos alunos, não dava pra os deixar fazerem muitas perguntas durante a apresentação, que isso seria deixado pro final, senão eles interrompiam a toda hora falando de histórias que já presenciaram etc. A T. informa às crianças que hoje eles terão uma conversa em que ela vai mostrar fotos e imagens de animais. Devido a um problema no computador, a exibição de imagens atrasa, mas após alguns minutos é exibida. As imagens na verdade são uma apresentação da SEDA sobre bem estar animal. A educadora diz que vai falar um pouco sobre o que é a SEDA e o que ela faz. Fala com os alunos que ela vai fazer uma série de perguntas e eles terão que levantar o dedo para participar. Os alunos passam o tempo todo levantando as mãos e saindo de seus lugares. Metade das vezes, não é para responder uma pergunta, mas para contar uma história que vivenciaram ou que ouviram de alguém, relacionada a algum animal, às como por exemplo uma aluna que comentou que “a gente tinha um cachorro que vivia amarrado e um dia ele morreu enforcado”. (Caderno de campo, 08/10/2015)

Figura 10: Apresentação e panfleto “Direitos Animais e Guarda Responsável para crianças”, da SEDA.



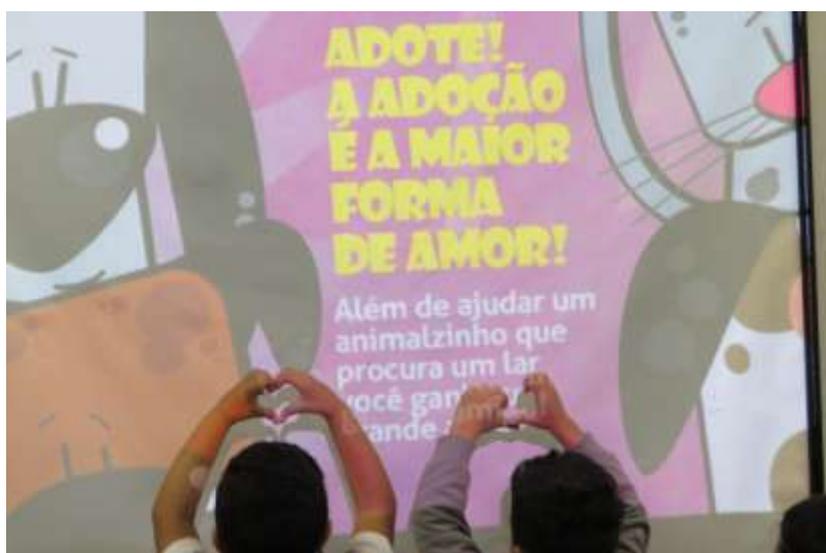
Fonte: http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/seda/usu_doc/folder_adolescente.pdf

Ao longo da palestra, são mostradas desenhos de animais acompanhadas de muitas perguntas a respeito de bem estar animal, castração, adoção, vacinação, etc. Em uma etapa da palestra, a T. pergunta aos alunos “O que fazer ao ver um animal sendo maltratado?”, ao passo em que ela mesma responde “Não pode ir brigar com a pessoa, tem que chamar um adulto que tu confia, porque “Quem machuca um

bichinho pode machucar criança”, ressaltando o aspecto moral que envolve a educação humanitária, em que o cuidado com o animal estaria ligado ao respeito à vida, de forma geral.

Encerrada a atividade, a turma tirou foto com a T. e o assistente da prefeitura fez uma breve entrevista com uma professora para posterior publicação no site da SEDA. A professora afirma que nem todo o corpo docente está atendo à educação humanitária. Comenta que a direção apoia muito o trabalho, mas que enfrentam muita resistência de alguns pais e da comunidade. Há, porém aqueles que apoiam. A escola tem um canil com um total de oito cachorros, que são considerados “escola”. Porém, a escola também tenta doar os animais, as próprias professoras já adotaram alguns cães que apareceram nas escolas. Além disso, são elas que castram, alimentam, vacinam, e dão medicação a esses animais.

Figura 11 – Alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Larry José Ribeiro Alves durante apresentação da SEDA.



Fonte: http://bancoimagemens.procempa.com.br/imgs_m/56166474616124.91994698

No retorno da escola, conversei com a professora e coordenadora do projeto, que é formada em artes visuais, para saber como ela desenvolveu a ideia da educação humanitária nas escolas, a partir de seu trabalho na SEDA.

A T. comentou que já ajudava algumas protetoras em Porto Alegre, mas não era muito envolvida nesse tipo de atividade. Relatou que, após abandonarem filhotes na escola em que trabalhava, tornou-se efetivamente protetor. Com um grupo de amigas, formou o grupo Animal é Tri. Disse,

porém, que não conseguia trazer essa temática para dentro de sala de aula, somente de maneira informal, não pedagógica. Em 2013, sua orientadora sugeriu porque ela não unia a temática da proteção animal ao seu trabalho de conclusão de curso, que trabalhava os conceitos de ética e alteridade nas artes visuais. Disse que enfrentou muita resistência e preconceito dos demais professores do curso. Após, iniciou o trabalho na SEDA com educação humanitária. O trabalho começou com palestras para adultos e adolescentes, em 2013. Fez curso de educação humanitária em São Paulo, no Instituto Nina Rosa. Na escola, ministrava a disciplina de artes e falava sobre ética e animais. Em 2014, virou funcionária do município e também criou o projeto vira-latas na sua escola, a Saint Hilaire, no bairro Lomba do Pinheiro. Falou também que trabalhava com conceitos de ética e alimentação vegana. Mencionou a lei municipal de 2011 permite que qualquer escola tenha animais em sua dependência para fins pedagógicos, “a SEDA se envolve somente para verificar a parte de bem-estar dos animais.” O projeto pedagógico envolvendo os animais é avaliado pela Secretaria Municipal de Educação (SMED). Comentou que sua escola já ganhou diversos prêmios devido ao Projeto “vira-latas, adote essa ideia”. Perguntei sobre o perfil das escolas e a resposta foi que não há um perfil específico. Disse que atendem escolas municipais, estaduais e particulares. São muitas escolas da periferia, pois acredita que os professores não tinham relação com os animais, pois desconheciam essa realidade. Após tomar conhecimento do que passava, ‘não têm como ignorar. Quem se importa começa a modificar a situação, porque vê a realidade.’ Ela disse que se pergunta quando acontece ‘a quebra nas crianças’, que são ingênuas e carinhosas e se preocupam com os animais. Disse que ‘tem que plantar a sementinha. Não adianta só conscientizar, tem que educar a sensibilizar’. Após terem essa consciência, não tem como mudar, ‘a empatia é algo que dói no estômago’ e que o trabalho ‘é para ser mais humanitário, com o ser humano também, ter carinho, afeto.’ (Caderno de campo, 08/10/2015)

Kuhl (2011) propõe uma abordagem diferente daquela tradicionalmente adotada por estudos humano-animal no campo da educação ambiental ou humanitária, em que as questões de pesquisa são relacionadas a como os humanos pensam sobre outros animais e como educadores ensinam sobre a natureza e outros animais. A autora explora a questão da representação animal no ensino e na pesquisa e quais as implicações éticas disso para o papel de educadores ambientais e de educação humanitária. Ela argumenta que, dependendo das representações feitas, acabamos por desconstruir ou reforçar a noção de “othering” (ou “outridade” no sentido do animal ser um “outro”). As escolhas que fazemos acerca dessas representações dos não-humanos podem ter implicações reais e diretas na vida desses animais e, também, de humanos, que por vezes esquecem que também somos animais. Exemplos desse tipo são claros na educação ambiental, ao tratar da imagem

da onça, por exemplo, em projetos de conservação desse carnívoro no Pantanal³³. A imagem de grande predador prejudicial aos rebanhos de fazendeiros é uma representação que projetos de conservação ambiental tentam constantemente desconstruir. Essas distintas representações têm repercussões completamente opostas ao pensarmos nas consequências que caçadores locais ou, em contraste, safáris fotográficos de turismo ecológico podem trazer para as populações dessa espécie. Assim, o pesquisador (ou educador), está imbuído de uma grande responsabilidade ao decidir por qual forma proceder com essa representação, ora mais positiva, ora mais negativa. Porém, não só aos animais selvagens essas representações trazem consequências. Podemos pensar o mesmo para animais de laboratório, animais do agronegócio, animais de estimação, etc. Para todos esses animais, as reais consequências podem se reduzir à vida ou morte.

Representation is by no means neutral. Clearly, however we (as researchers) choose to represent the “other,” we are wielding power as our representations have the ability to change perceptions, and, ultimately, “other’s” future realities. I believe representations will, however, always fall short of the actual animals themselves. Our representations will only ever capture a shadow of the beings who are the subjects of our research. They will only ever be one depiction, a depiction filtered through a lens that has been molded by a particular socially and historically influenced perspective. For the best possible one. When educational and other social science researchers bring other animals into their work and endeavour to create good ethical representations, a philosophical shift (continues to) take place. In so doing, animals besides humans can be understood as thinking, feeling, beings, with lives worthy of consideration, and humans will start making changes that will ultimately benefit animal-others’ material situations—working against circumstances like species extinction, habitat degradation, animal exploitation, and animal cruelty (EISNER, 118).

Timmerman et. al. (2011), ao estudarem a representação animal na mídia infantil (contos de fadas, canções de ninar, desenhos animados, animais de pelúcia, brinquedos, etc.), destacam uma tendência em reforçar o antropocentrismo, antropomorfizando os animais e silenciando sua subjetividade. Ou seja, geralmente o primeiro contato que crianças têm com animais, na cultura ocidental, é através dessas representações. Assim, as autoras identificam como os animais costumam ser representados de maneiras errôneas e deslocadas, enquanto animais exóticos e

³³ Para um estudo sobre as representações da onça e as redes sócio-técnicas que envolvem onças, caçadores e ambientalistas no Pantanal, ver Sussekind (2010)

selvagens são celebrados e os domésticos são, de forma dissimulada, representados como tendo uma vida perfeita.

It diminishes the possibilities for children to know and learn from/with the more-than-human before they learn to read, write, or even speak. Further, young children's media also disciplines parents and early childhood educators, limiting their ability to create spaces for counter-hegemonic stories and experiences (APOL, 2003 apud TIMMERMAN, 2011).

Segundo Timmerman (2011), essas são questões sérias que devem ser levadas em consideração por pais e educadores ambientais, se quiserem transformar as atuais relações humano-animal destrutivas das atuais sociedades globalizadas e industriais, como a exploração animal, a destruição de habitats, o agronegócio, etc.

Kuhl (2011) também argumenta que, no campo dos estudos sociais, é feito esforço para dar voz àqueles que são silenciados, subjugados e marginalizados. As vozes dos animais, também silenciada, não é considerada digna de ser representada. Vários autores compartilham dessa opinião, de que estudos humano-animal são muitas vezes ridicularizados ou não levados a sério, sendo considerados sentimentais ou “menos científicos” (IRVINE, 2012; TSING, 2013). Existem implicações concretas para esses animais, vida ou morte. A autora menciona a dificuldade de se encontrar uma abordagem (*framework*) de pesquisa que consiga romper com a divisão humano/animal, pois a pedagogia ocidental apoia-se em uma base epistemológica de cunho antropocêntrico.

As críticas atuais ao antropocentrismo surgem, inclusive, em textos da educação, como aquelas direcionadas à obra clássica de Paulo Freire, “A Pedagogia do Oprimido.” (1990). Segundo Kuhl (2011, p.109), Freire, ao longo da obra, não só enfatiza a separação entre humanos e animais, como também coloca o humano em uma posição hierarquicamente superior aos demais. Corman (2011) também fala do especismo que ela identifica na obra de Freire, em que somente os humanos possuem o status de sujeitos, enquanto os não-humanos são caracterizados por aquilo que não possuem (linguagem, autonomia, inteligência). Tal obra, segundo a autora, ao falar do oprimido, ironicamente não permite uma compreensão respeitosa ou acurada dos animais.

“I argue that Freire figures nonhuman animals in three main ways: as non-communicative and non-dialogical, as non-agential and non-transforming, and as without history or culture. Within his pedagogical paradigm, humans

alone are understood as Subjects who can achieve liberation. Freire strategically uses the figure of the animal to highlight human potentiality, which is realized by transcending an oppressed/Object/animal state. My critique of Freire is meant to complement humane and critical environmental education approaches that draw on his work (*ibid*, p.29).

Para Freire, os animais não possuem capacidade para o diálogo e, portanto, a condição essencial para serem sujeitos e terem acesso à libertação (Corman, 2011).

Considered collectively, Freire's representations of nonhuman animals are invariably constructed in relation to humans. There is a necessary dual and interdependent construction at play. The essentialized differences between humans and other animals rest on Freire's intertwined assumptions for both groups. Animality is conceived by Freire as a key limit against which humanity can define itself. Animals must be rendered static and debased for Freire's logic to hold: He is most interested in soci-cultural change, such that there is identifiable movement from an oppressed state into a liberated one. Animals serve as embodiments of the first state, in which the achievement of liberation is made visible through ascension from a base animal object state into a fully human elevated one. (CORMAN, 2011, p. 32)

Segundo a autora, o método pedagógico do Freire acaba por reforçar as dicotomias ocidentais que, hoje, tentamos ultrapassar. Do lado da opressão, estão a desumanização e a objetificação (onde os animais se encontram); do outro, a libertação, ao lado da humanização e subjetividade. Ou seja, para os humanos, permanecer no estado de animal/objeto é permanecer desumanizado e oprimido (*ibid*). Para Freire, somente o diálogo possibilita a libertação do oprimido, mas, como os animais não possuem capacidade para diálogo e comunicação, visto que essas são habilidades exclusivas de humanos, a pedagogia do Freire é vista como um discurso, em sua essência, humanista (CORMAN, 2011). Outra crítica relacionada à obra em questão diz respeito à incapacidade do animal de ser ator ou agente de transformação no mundo, sendo retratados como seres passivos e meramente reativos (Bell & Russell, 2000 apud Corman, 2011).

[...] we can see Freire's speciesist bias and his reductive and biologically deterministic construction of animals in his descriptions of the possibility of human development and transformation. Animals and other nonhuman life, such as seeds, develop but they do not transform. (CORMAN, 2011, p.37)

Além de atribuir aos animais a incapacidade de diálogo, o próprio trabalho de Freire não tenta estabelecer nenhum diálogo com os animais: as portas para as epistemologias e ontologias animais permanecem fechadas e imóveis (*ibid*).

By placing animals outside of the possibility of dialogue—indeed they must be outside of dialogue for Freire’s logic to hold: humanity must have something (or someone) to transcend—animals are silenced, objectified, and reduced; the possibility for their voices remains necessarily precluded. Their liberation is a non-possibility; their oppression does not exist. (*ibid*,p.41)

As autoras em questão manifestam preocupação por uma obra clássica da educação propor uma pedagogia que negue ao animal subjetividade e, como consequência, contribua para uma opressão animal. Acredito que essas críticas sejam de extrema relevância em um momento em que animais são incluídos na educação de forma terapêutica e pedagógica e, também, colocados como sujeitos atuantes em uma educação humanitária. Aliado a isso, temos também a questão do animal de estimação contemporâneo como membro da família e ocupando um lugar de relevância afetiva. Acredito que essa visão mais crítica à obra mencionada também pode e deve ser feita a tantos outros textos da educação, se quisermos romper com a visão antropocêntrica e humanista da lógica ocidental dominante, sempre relegando o animal ao segundo plano e à condição de uma humanidade imperfeita. Para Corman (2011), para além das críticas ao especismo e antropocentrismo, Freire “dramatically fails to open himself and others to the incredible diversity of nonhuman animal life imbued with myriad unique qualities” (p.41). Para a autora, a pesquisa em educação deve se esforçar para reconhecer a intersubjetividade humano-natureza. Assim, faz-se urgente um trabalho educacional de “reconexão de mundo e experiência, valores e emoções, mentes e corpos, histórias e mundos de vida” e a necessidade de “abrir espaço para as dimensões íntimas, sensuais e surpreendentes de conhecer a natureza e nós mesmos como parte da natureza (Bell and Russell (1990, p.82) apud Corman, 2011).

Para a autora, é necessário um olhar mais crítico de educadores (e, em particular, educadores ambientais), para que se possa alcançar um ideal de pedagogia que atenda a e respeite todos os não-humanos, sejam eles selvagens, domesticados, uma “pedagogia anti-opressão holística e interseccional” (*ibid*, p.30)

Outras visões de como trabalhar a questão animal também são apresentadas. Uma das sugestões é um processo de co-construção, em que humanos e as naturezas são ambos atores na construção de conhecimento (Russell, 2005, *apud* Corman, 2011), ou ver o método como um processo recíproco de construção de conhecimento (FAWCETT, 2000 *apud* CORMAN, 2011). Se ultrapassarmos a tendência de ver outros animais não como objetos, mas sim como sujeitos com quem compartilhamos experiências, podemos reescrever essas experiências como narrativas (Fawcett, 2000 *apud* Corman, 2011).

These narratives will acknowledge the intersubjective nature of our experiences with other animals, including thoughts, feelings, and sensations. She proposes that with an understanding that all animal subjects share similar and different perspectives of the same lived world, telling and imagining narratives and stories about our intersubjective experiences can help to promote ethical relationships with animal-others. (KUHL, 2011, p. 110)

Essas experiências subjetivas são percebidas em muitos encontros com os animais de estimação internados no HVL.

A P., uma daschund de 12 anos, recebe a visita de sua tutora, uma jovem de cerca de vinte anos. Ela fica sentada no chão fazendo carinho na P. que está no seu colo (está no Box de baixo à direita, enquanto a visita do M. também está na sala, porém ele está no Box de cima, da esquerda). “Ganhei ela porque eu tinha medo de dormir sozinha”. A P. está acordada e parece calma, de acordo com o carinho que está recebendo. A dona cuida ao segurar a princesa, pois ela ainda está com soro. A dona da P. e as visitantes do M. se cumprimentam e perguntam um pouco do histórico do outro animal. Comentam como é ruim eles estarem nessa condição. A dona do M. diz pra dona da P., “agora é tu que não deixa ela sozinha.” Ela responde “ela dorme comigo todas as noites. Ela sempre chora, muito chorona, tô acostumada”, enquanto a daschund choramingava no seu colo. (Observações HVL, Caderno de campo, 09/02/2015)

Consoante com as ideias de Fudge (2014), Shapiro (1997 *apud* KUHL, 2011), apresentou um método fenomenológico empírico chamado de “empatia sinestésica”. Segundo essa teoria como nós, humanos, temos a capacidade de empatia, podemos usar a empatia para decifrar o comportamento, movimento ou postura de outro animal.

Se ela tá limpa, é muito interessante a percepção dela, ela pede colo. Se ela tá suja não pede. Ela só gosto de colo quando tá limpa. Se o meu marido tenta passear com ela, ela não sai, fica olhando pra mim como se tivesse dizendo "e aí, vamo passear, tu vai ficar aí? (Consulta homeopática, caderno de campo, 08/07/2015)

Visita ao P. , cão sem raça definida com histórico de problema na coluna e convulsão. A dona está visitando o P. com uma amiga e com a filha. Elas fazem carinho no P. e tiram ele um pouco da baia para a área externa, com uma coleira. Comenta que ele comeu um rato e o rato arranhou ele na testa. A dona acha que é leptospirose. Pergunta para a filha "tu acha que ele tá bem?" "Ele tá com dor né?", apontando para o P. "Dá pra ver que ele tá com dor". O P. caminha com um pouco de dificuldade e com a coluna não completamente estendida. A dona está bem agitada e retruca a cada resposta dada pela veterinária, está bem inquieta e, me parece, desconfiada. A cada coisa que a veterinária fala, a dona olha para a amiga e pergunta "o que tu acha? (Visita ao cão P., caderno de campo, 07/02/2015)

Para ter uma noção da experiência do animal, o pesquisador pode combinar essa empatia sinestésica com reflexões acerca de como a experiência é impactada por nossas construções do animal (histórica e social) e nossa história de experiências com o animal em particular que estamos estudando (KUHL, 2011, p. 114). Utilizar a empatia como ferramenta imaginativa para termos acesso (ou, ao menos, uma concepção) da percepção de mundo dos animais também é algo defendido por Fudge (2014). Para a autora, esse exercício imaginativo é essencial para vivermos tanto com outras pessoas quanto outros animais, além de ser crucial para alcançarmos a compaixão com todo e qualquer ser vivo. Dessa forma, "contemplar un animal requer un salto imaginativo" (*ibid*, p.24), tarefa auxiliada pela literatura e ficção.

No necesitamos saber cómo es ser perro para reconocer que hay un ser llamada perro que es capaz, tal vez solo de forma tentativa, de comunicarse con nosotros y tenemos que entender esse intento como una auténtica comunicación – como respuesta y no solo como reacción – por que si consideramos que um ladrido es solo um rido sin sentido y que um topetazo felino es un gesto de agresión, nos estaríamos negando a relacionarnos com el animal, algo que no podemos hacer se queremos tener una mascota" (FUDGE, p. 91).

Pedersen (2011) defende uma compreensão pós-humanista do que significa aprender com e através, em vez de sobre, os animais; em que os animais não humanos envolvidos têm espaço não só para emergir como sujeitos, mas em que sua emergência faz parte de um movimento maior, como o caso da libertação animal,

situações de abuso, confinamento, etc. A autora questiona “quantas práticas e conhecimentos de educação formal se alteram ou se transformam na presença física de animais não-humanos?” (*ibid*, p.15).

Affifi (2011), utilizando o exemplo de uma aranha na sala de aula, afirma que esse ambiente raramente (se é que alguma vez é), um espaço de aprendizado unicamente humano, mas sim uma espaço de aprendizado co-constituído por um campo maior de relações. Afetamos e somos afetados por outros seres a todo o momento; aprendemos uns com os outros constantemente, e isso tem impactos em como interagimos, enxergamos, compreendemos e nos relacionamos com eles.

Ao não atentarmos para a dimensão educacional que existe fora das escolas, também nos afastamos de um desenvolvimento educacional interespecie. Nossas experiências de aprendizado para além da escola envolvem outros humanos, mas também inúmeras outras relações que compõem um domínio educacional co-construído com todas as nossas relações (Affifi, 2011).

Tenho que acordar às sete de manhã, tomo café daí saio com ele pra uma caminhada de uma hora pra chegar em casa, tomar um banho e conseguir chegar na aula no horário do negócio. Então dificultou tudo assim. Mas por outro lado é legal né, porque ele tá aqui, é bom, faz companhia, tá sempre aí. E eu gosto da função, eu gosto da função de andar com ele...claro que às vezes fica muito corrido, mas eu curto a função assim de ter o cachorro, tá com ele aqui e tal. [...]. Mas é um amigão assim, o bicho é muito colado, vive junto...às vezes as pessoas me param na rua e perguntam "ah mas tu mora com ele num apartamento?" e eu digo "moro, num JK", e as pessoas "oh que horror" e eu digo não mas é muito tranquilo, ele dorme, ele só faz isso o dia inteiro. (Entrevista F., caderno de campo, 11/09/2015)

Então eu evito dormir fora de casa, porque eu sei que ela sente falta. Se eu viajo, eu peço pra minha mãe daí ...porque eu não gosto de *levar* ela pra lugar nenhum, eu não gosto de tirar ela do ambiente dela...tipo deixar ela na casa da minha mãe, deixar num hotel. Eu não gosto. Eu já fico meio ressabiada até porque, pelo que aconteceu na *petshop*. Isso é outra coisa, nunca mais tosei ela. Isso também gera um pouquinho mais de trabalho porque eu tenho que escovar ela com muito mais frequência no verão. Eu tenho que escovar no mínimo umas três vezes por dia no verão pra ela não engolir o pelo. E são cuidados assim ,que não é nada demais. Os cuidados que eu tive que ter bem ferrenhos foram no pós-operatório. (Entrevista L., caderno de campo, 15/09/2015)

Para o autor, não precisamos saber exatamente como as outras espécies aprendem conosco para que comecemos a aprender com elas, pois só de estarmos conscientes de que estamos sendo vistos e que nossas ações produzem efeitos em um mundo além do nosso, é educativo em si.

Sensitive educators often approach a new classroom with excitement that they will meet all sorts of new people and that unexpected relations will develop. This attitude opens up a classroom space where students feel comfortable in exploring themselves and each other. Continued growth depends on the teacher's ability to keep open this invitation so that students can feel comfortable and accepted throughout their processes of change. In interspecies relations, the situation is no different. What we can teach and learn from other species diminishes if we are not open to seeing them in unexpected and diverse ways. (ibid, p.53)

Segundo Castellano et. al. (2011, p.103), uma ética de afirmação da vida não exige, necessariamente, um discurso único e convergente, o importante é que tais discursos partilhem de uma visão não antropocêntrica do mundo. Os autores defendem uma pedagogia comprometida com uma sustentabilidade social e ambiental, que luta contra a opressão de todas as formas e contras todas as formas de vida, respeitando seu valor intrínseco e seu direito à vida e à felicidade. Os autores argumentam que há evidência clara de convergência entre valores e princípios da educação ambiental e humanitária e que a educação ambiental pode ser uma valiosa ferramenta para alterar a vida de milhares de animais que sofrem e morrem todos os dias.

Nesse contexto, os humanos também devem aprender como cuidar de seus animais de estimação, ou aprender como ser um tutor responsável.

Através de seu site, cartilhas e ações em diferentes bairros, a SEDA orienta a população em como receber o atendimento gratuito dos serviços oferecidos pela Secretaria. São orientações a respeito de quem pode solicitar o atendimento, quais serviços oferecidos e como agendar consultas. Ficam estabelecidos, também, deveres de quem recebe esse atendimento. A pessoa atendida pela SEDA, denominada tutor do animal, precisa cumprir algumas exigências pré-estabelecidas, tais como prazos de cancelamento de consultas e para retirada do animal após receber alta de algum procedimento. O material informativo do órgão divulga que a esterilização é a ação

mais eficaz para evitar o abandono de animais doméstico e reduzir o número desses animais na rua. A adoção desses animais é considerada “um ato de amor”. Assim como a adoção é considerada um ato de amor, outros materiais trazem as atitudes e hábitos que os tutores devem ter para serem considerados tutores responsáveis; uma pedagogia do humano responsável. Junto a comportamentos que o humano deve ter, mencionam-se as consequências negativas de sua omissão. O folheto é um material que não só informa, mas ensina. A SEDA divulga suas ações em escolas de nível fundamental e médio, pois afirma que um dos objetivos das instituições de ensino é, justamente, ensinar crianças e adolescentes a respeitarem os animais.

Atos comuns há poucos anos, como a compra de animais, já é visto como moralmente inaceitável. Inclusive, vários interlocutores, ao relataram que seus animais haviam sido comprados, ressaltaram que essa prática já é “ultrapassada”. A mercantilização de animais e seu *status* de mercadoria deu lugar a uma relação de afeto, que supera os laços sanguíneos. Delimita os bons e os maus comportamentos: há uma moral que regula esse afeto. (LEWGOY, 2015). Durante as observações no HVL, um pai e filho (com cerca de 30 anos) visitaram o S., um cão sem raça definida de 14 anos, internado por já ser idoso e ter problemas cardíacos. O pai afirmou que o cão “foi comprado na Redenção, quando ainda tinha filhotes para vender no parque, “hoje em dia nem tem mais isso né” (Caderno de campo, 29/01/2015). Outra interlocutora, durante entrevista, também reforçou essa visão “Aí... a C., eu comprei a C.,. Naquela época era normal né, a gente fazia isso. Hoje em dia não se admite, assim, a gente não admite mais fazer isso né, tem tanto cachorro pra adotar e...mas, a C. eu comprei, então.[...] eu fui pra zero hora, procurei nos classificados (Entrevista A.,18/09/2015).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos esta dissertação demonstrando como a questão animal se faz presente na nossa cultura e na educação. Consideramos importante falar das pedagogias que se encontram fora das instituições de ensino e, também, dos aprendizados proporcionados pelas relações interespecíficas.

Em seguida, fizemos um breve histórico da relação humano-animal e, em especial, a relação com os animais de estimação. Ressaltamos a importância dada aos animais de estimação, no contexto da nossa sociedade ocidental e urbana atual. Consideramos nossa interação com esses animais não humanos uma *relação de estimação*, uma relação forjada na reciprocidade e no afeto, em oposição ao termo “animais de estimação”, em que o animal não humano perde sua condição de sujeito.

A fim de situarmos o contexto da pesquisa, consideramos importante caracterizar a cidade de Porto Alegre, por acreditarmos que o local tenha condições especiais que proporcionam o afloramento das relações de estimação e os aprendizados que aí surgem. A partir dos dados levantados na observação participante, saídas de campo e entrevistas, ressaltamos o local predominante do animal de estimação em uma posição familiar e de afeto. Percebemos que a categorização do animal de estimação em posição de filho, familiar ou amigo é incapaz de dar a devida importância a essa relação. Cada relação de estimação possui suas peculiaridades e acreditamos ser importante evitar classificações advindas das relações humanas, por não conseguirem abarcar as complexidades desse novo tipo de relação. Vimos que o lugar proeminente do animal de estimação na vida familiar também traz implicações ao papel do professor e da escola.

Chamamos a atenção, também, para as dificuldades dos profissionais veterinários em lidarem com essas mudanças de paradigma e da necessidade de incluir essas questões na formação veterinária, a fim de melhor atender os humanos, assim como seus animais.

Por fim, tentamos demonstrar como uma pedagogia aprendida com e através dos animais não humanos pode contribuir com uma ética em um mundo além de humano e interespecífico.

Ao longo do trabalho, foi feito um esforço para não nos prendermos a um pensamento dicotômico. Conforme Segata (2012), em trabalhos acerca da relação humano-animal, é preciso resistir à tentação de nos fixarmos em uma ponta do binômio, e sim atentarmos para a relação em si. Apresentou-se como desafio, ao longo do trabalho, não cair em pensamentos classificatórios, pois, como o título do trabalho menciona, ainda estamos presos a velhos conceitos como o não humano.

Se a questão do afeto, em determinados contextos da pesquisa humano-animal não pode ser ignorada, faz-se necessário indagar como esse afeto afeta (ou não) a produção de conhecimento resultante das pesquisas com animais³⁴. Segundo Despret (2004), a objetividade almejada ao ignorarmos nossos vínculos com outros animais não acrescenta ao trabalho, ao contrário, o empobrece.

To de-passion knowledge does not give us a more objective world, it just gives us a world 'without us'; and therefore, without 'them' – lines are traced so fast. And as long as this world appears as a world 'we don't care for' it also becomes an impoverished world, a world of minds without bodies, of bodies without minds, bodies without hearts, expectations, interests, a world of enthusiastic automata observing strange and mute creatures; in other words, a poorly articulated (and poorly articulating) world (p.131).

Nosso interesse e envolvimento, em diversos níveis, com animais, sejam eles de estimação, de trabalho, em contextos pedagógicos ou terapêuticos, não pode (nem deve) ser retirado totalmente de cena ao focarmos em nossa questão de pesquisa.

Despret (2004), ao avaliar a interação humano-animal em experimentos científicos conduzidos por humanos que envolvem animais, afirma que “learning how to address the creatures being studied is not the result of scientific theoretical understanding, it is the condition of this understanding” (p.131). Precisamos, assim, fazer um esforço para estarmos abertos a novos aprendizados e a uma nova compreensão de mundo ao trabalharmos com aqueles sujeitos (nesse caso, os animais) o qual não compreendemos plenamente.

A ética não é abstrata, ela é calcada em relações reais com indivíduos reais (Fudge, 2014). Pensar seriamente sobre as relações entre seres humanos e cães (e acredito que podemos estender esse pensamento aos demais animais de estimação) pode nos ensinar uma ética e uma política comprometida com o desenvolvimento de uma alteridade significativa (HARRAWAY, 2003). Segundo Fudge (2014), se queremos afirmar que existe amor entre humanos e não-humanos, e que esse amor é legítimo, “tenemos que concebir uma ética para las relaciones entre humanos e mascotas que no dé por sentado que la única condicion de sujeto posible es las condicion humana e

³⁴ Fala de Guilherme José da Silva e Sá, no Seminário Temático “Animais não humanos, redes e pesquisas”, durante a V Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia (REACT), na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, em maio de 2015.

que acepte, em cambio, la condicion animal de los animales” (*ibid*, p.88). Repensar essas categorias tão enraizadas é algo que acreditamos que seja parte da tarefa da pesquisa em Educação. Uma educação calcada em princípios éticos que respeite todas as formas de vidas também é algo que deve ser um de nossos objetivos enquanto educadores.

Oakley (2011) ressalta a necessidade de, no campo da educação, se questionar modelos de pensamento ultrapassados, assim como as estruturas políticas, representações, ideologias e discursos que cercam as ideias acerca do que é “humano” e “animal”. Para que seja possível um paradigma interespécie, segundo a autora, é necessário questionar pressupostos epistemológicos e ontológicos sobre outros seres e as maneiras pelas quais os representamos no ensino e na pesquisa, enquanto simultaneamente permanecemos abertos ao que podemos aprender de e com outros animais. Conviver com um animal de estimação requer se abrir às diferenças, não tentar ignorá-las. Conforme FUDGE (2014), “tener un animal domestico, tanto como ser compassivo, requer imaginación. Traer un animal a vivir con uno, aceptarlo como um membro más de la familia, no solo es ignorar la diferencia; es embarcarse en um proceso continuo de traducción” (p.92).

Aquilo que não compreendemos nas relações de estimação (e nos próprios animais não humanos) não deve ser utilizado como argumento para descartar essas relações como menos importantes, ou não darmos a devida consideração para aquilo que podemos aprender com eles. Concordamos com FUDGE (2014), quando a autora afirma que “las dificultades de representación y comprensión no excluyen la posibilidad de uma amistad sino que, por el contrario, revelan nuevas maneras de ser y convivir em el mundo” (*ibid*, p.96).

Ao iniciar meus estudos no Mestrado, com a minha formação prévia em Biologia, acreditava firmemente em um mundo guiado por conceitos e ideias pré-definidas. A minha incursão pela Educação me fez ver que, para que a pesquisa seja enriquecedora, precisamos nos abrir a novas possibilidade de mundo. De forma paralela, acredito que não foi por acaso que as relações de estimação entraram no tema desta dissertação. Sempre me vi às voltas com animais não humanos, seres que nos obrigam a conviver em mundo compartilhado no qual não temos total domínio. Acredito que tanto a pesquisa quanto a relação com os animais nos forçam a

trilharmos um caminho desconhecido, no qual temos que abrir mão de crenças e pré-conceitos.

If you define a 'belief' in terms of 'what is', you always run the risk of ending up with notions of error, deception... By contrast, if you define 'beliefs' in a pragmatic way, not in terms of 'what they are', but of 'what they make', the scene has completely changed: it becomes a site full of new active entities that articulate differently. This will be the pragmatic definition that will lead our work: a belief is what makes entities "available" to events (DESPRET, 2004, p.122)

Não acredito que, após esta pesquisa, tenhamos chegado a respostas definitivas a respeito das nossas relações de estimação e o impacto destas na educação. De qualquer forma, não podemos ignorar seu impacto no interior das nossas vidas e nas instituições de ensino, uma vez que essas relações têm um papel cada vez mais de destaque no contexto atual. Assim, acreditamos que seria prejudicial para a educação e para nós, enquanto espécie, nos fecharmos para essas novas possibilidades de aprender e conviver no mundo.

8. REFERÊNCIAS

- AFFIFI, Ramsey. 2011. What Weston's Spider and My Shorebirds Might Mean for Bateson's Mind: Some Educational Wanderings in Interspecies Curricula. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 46-58.
- AMARO, Alexandra et. al. A educação e o movimento de defesa dos animais não humanos em Portugal na transição do século XIX para o Século XX. Revista Tempos e espaços em educação. Vol. 6, N.10, 2013: 9-25.
- BARRETT, Mary Jeanne. 2011. Doing Animist Research in Academia: A Methodological Framework. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 123-141.
- BERNS, Gregory S. et al. 2012. **Functional MRI in Awake unrestrained dogs**. PLoS ONE 7(5), e38027.
- BOWEN, Murray. **Family therapy in clinical practice**. New York: Jason Aronson, 1978.
- BULLIET, Richard. 2005. **Hunters, herders and hamburgers : the past and future of human-animal relationships**. New York: Columbia University Press.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 117p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 255 p.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 02 mar. 2015.
- CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/com_conj_edu_ensipdf>. Acesso em: 02 mar. 2015.
- CALMON DE OLIVEIRA, Samantha Brasil. 2006. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ.
- CASSIDY, Rebecca & MULLIN, (eds.). 2007. **Where the wild things are now: domestication reconsidered** Oxford: Berg.
- CASTELLANO, Lauren. 2011. Impossible Subjects: The Figure of the Animal in Paulo Freire's *Pedagogy of the Oppressed*. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 29-45.

- CLEMENTS, Paul T. et. al. 2003. Support for Bereaved Owners of Pets. Perspectives in Psychiatric Care. Vol.39, No. 2, April-June, 2003: 49-54.
- CORMAN, Seonaigh. 2011. What Tashi Taught Me: “Petagogy” and the Education of Emotions. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 76-92.
- DESCOLÁ, Philippe. 2012. **Más allá de naturaleza e cultura**. Buenos Aires: Amorroutu.
- DESPRET, Vinciane. 2004. The Body We Care for: Figures of Anthro-zoo-genesis. *Body & Society*. Vol. 10(2–3): 111–134.
- DIGARD, Jean-Pierre. 2012. A biodiversidade doméstica: uma dimensão desconhecida da biodiversidade animal. **Anuário Antropológico**. p. 205-223.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iluminuras**. V.9, n.21, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>>. Acesso em: 08 fev. 2015.
- FARACO, Ceres Berges & SEMINOTTI, N. 2004. **A relação homem-animal e a prática veterinária**. Revista do Conselho Federal de Medicina Veterinária, Brasília, v. 10, n. 32, p.57-62.
- FARACO, Ceres Berger. 2008. **Interação humano-cão: o social constituído pela relação interespécie**. (Tese). Porto Alegre: PUCRS.
- FEIJÓ, Anamaria G. 2005. **Utilização de animais na investigação e docência: uma reflexão necessária**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- FUDGE, Erica. **Pets**. 2014. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós.
- GAVRIELE-GOLD, Joel. 2011. The human–canine bond: new learnings and a changing rationality from a psychoanalytic perspective. **The psychoanalytic review**. Vol. 98, No. 1, February 2011
- GREIF, Sergio. 2003. **Alternativas ao uso de animais vivos na educação pela ciência responsável**. São Paulo: Instituto Nina Rosa.
- HARAWAY, Donna J.. 2003. **The companion species manifesto**. 2014. Chicago: Prickly Paradigm Press.
- HERZOG, Harold A. 2014. Biology, Culture and the Origins of Pet-Keeping. **Animal Behavior and Cognition**. 1(3):296-308
- HEWSON. 2014. Grief for pets Part 1: Overview and update on literature. **Veterinary Ireland Journal**. Volume 4 Number 7: 380-385.

- KOHN, Eduardo. 2007. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transpecies engagement. **American Ethnologist**, vol. 34, n.1, p.3-24.
- KUHL, Gail J. 2011. Representing Animal-Others in Educational Research. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 106-122.
- KULICK, Don. 2009. “Animais Gordos e a Dissolução das Fronteiras entre as Espécies”. **Mana** 15 (2): 481-508.
- INGOLD, Tim. 1995. Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, ano 10, n. 28.
- _____. 2000. **The Perception of the Environment** : essays in livelihood, dwelling and skill. London: Routledge.
- IRVINE, Leslie. 2012. Sociology and Anthrozoology: Symbolic Interactionist Contributions. **Anthrozoös**. Volume 25: 379-393
- LATOUR, Bruno. 1994. **Jamais fomos modernos**: ensaios de antropologia simétrica. Rio de Janeiro, Editora 34.
- LEWGOY, et. al. 2015. Domesticando o Humano para uma Antropologia Moral da Proteção Animal. **ILHA**, v. 17. n. 2: 75-100.
- MACPHERSON, Seonaigh. 2011. What Tashi Taught Me: “Petagogy” and the Education of Emotions. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 76-92.
- MARTINS, Maurício Correia. **Educação e ambiente: a relação entre humanos e não humanos em zoológicos urbanos**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre, 2012. 89 f.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: teorias, estratégias e técnicas. In: **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2006
- MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* 2009. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes.
- MORRIS, Patricia. 2012. Managing Pet Owners’ Guilt and Grief in Veterinary Euthanasia Encounters. *Journal of Contemporary Ethnography*. 41(3): 337-365.
- OAKLEY, Jan. 2011. Animality and Environmental Education: Toward an Interspecies Paradigm. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 8-13.
- PASTORI, Erica Onzi. Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Dissertação

- (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social– Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. Porto Alegre, 2012. 106f.
- PEDERSEN, Helena. 2011. Counting Affects: Mo(ve)ments of Intensity in Critical Avian Education. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 14-28.
- QUIVY, Raymond. & CAMPENHOUDT, Luc Van. 1992. Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.
- QUEIROZ, Daniela Teixeira, Vall J., Souza AMA, Vieira NFC. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. *R Enfermagem*, UERJ, Rio de Janeiro, 2007 abr/jun; 15(2): 276-283.
- RAYMUNDO, Márcia M. 2010. História da ética animal In: **Animais na pesquisa e no ensino: aspectos éticos e técnicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- RODRIGUEZ, C.F. **Falando de morte nas escolas**. (Tese de doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RUDIO, FV. Introdução ao projeto de pesquisa científica. Petrópolis (RJ): Vozes; 1986
- RUSSELL, Nerissa. 2002. The wild side of animal domestication. **Society & animals**, 10:3, p. 285-302.
- SEGATA, Jean. 2012. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação**. (Tese de doutorado). Florianópolis: PPGAS-UFSC.
- _____. 2011. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. **Anuário Antropológico**, II: p. 177-204.
- SERPELL, James A. 2002. Anthropomorphism and Anthropomorphic Selection—Beyond the "Cute Response" **Society and Animals**, 10 (4):437-454.
- SORDI, Caetano. 2011. O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais. **Cadernos IHU ideias**, ano 9, n. 147.
- STEINBERG, S. R. **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- SÁ-SILVA, J.R., EGGERT, E. **Homossexualidade, medicina e educação: a construção de uma pedagogia dos manuais médicos**. 36ª Reunião Nacional da ANPEd, Trabalhos GT23 – Gênero, Sexualidade e Educação. 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2739_texto.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2015.

STOECKEL, Luke E. et. al. 2014. Patterns of brain activation when mothers view their own child and dog: an fMRI study. **PLoS ONE** 9(10): e107205.

SÜSSEKIND, Felipe. 2010. **O Rastro da onça: etnografia de um projeto de conservação em fazendas de gado do Pantanal Sul**. (Tese). Rio de Janeiro: UFRJ/ Museu Nacional/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

SWABE, Joanna. 2005. **Animals, disease and human society: human-animal relations and the rise of veterinary medicine**. London: Routledge.

THOMAS, Keith. 2010. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras.

TIMMERMAN, Nora, OSTERTAG, Julia. 2011. Too Many Monkeys Jumping in Their Heads: Animal Lessons within Young Children's Media. **Canadian Journal of Environmental Education**. 16, 2011: 59-75.

TSING, ANNA. 2013. More-than-Human Sociality: A Call for Critical Description. **Anthropology and Nature**. Routledge, New York.

VELDEN, Felipe Ferreira Vander. 2009. Sobre cães e índios: domesticidades, classificação zoológica e relação humano-animal entre os Karitiana. **Avá**, Posadas, n. 15.

_____. 2011. Rebanhos em aldeias: investigando a introdução de animais domesticados e formas de criação animal em povos indígenas na Amazônia (Rondônia). **Espaço ameríndio**, Porto Alegre, v; 5, n. 1, p.129- 158.

WELLS, M; PERRINE, R. 2001. Critters in the cube farm: Perceived psychological and organizational effects of pets in the workplace. **Journal of Occupational Health Psychology**, Vol 6(1): 81-8

_____. 2006. Labradors to Persians: Perceptions of pets in the workplace. **Anthrozöos**. Vol. 19, Issue 1: 65-78.

WROBEL, THOMAS A., DYE, AMANDA L. 2003. Grieving pet death: normative, gender, and attachment issues. **OMEGA**,: **Journal of Death and Dying**, Vol. 47(4) 385-393.

9. APÊNDICES

9.1 Carta de apresentação



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Carta de Apresentação

À Administração do Hospital Veterinário Lorenzoni,

Venho por meio desta apresentar a aluna de Mestrado Luciana de Sant'Anna Dall'Agnol, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) sob a minha orientação.

Luciana realizará atividades de pesquisa de campo e documental para coleta de dados no Hospital Veterinário Lorenzoni, na Avenida Getúlio Vargas, 217, no município de Porto Alegre. O tema de sua dissertação de mestrado envolve a relação de humanos e animais não-humanos. Seu projeto de pesquisa tem como objetivo explorar a nova configuração das relações entre humanos e seus animais de estimação nas chamadas famílias multiespécie, sob o título "Nem humanos, nem animais: o borramento de fronteiras em nossas relações de estimação".

Do ponto de vista metodológico, Luciana precisa explorar etnograficamente a clínica e observar a interação dos tutores e seus animais de estimação internados e/ou em consultas médicas. Ela também poderá, com a anuência dos mesmos, entrevistar os tutores e analisar, com a devida autorização, o prontuário de casos específicos que possam vir a ser acompanhados mais de perto. Este projeto deve ser realizado de janeiro até julho de 2015, podendo ser concluído antes do mês previsto de finalização, dependendo do andamento da coleta de dados. Espera-se, assim, contribuir ao campo da pesquisa em Educação e no entendimento da formação de uma nova cultura em relação aos animais.

Desde já agradecemos a acolhida de nossa atividade de pesquisa e nos colocamos à disposição para qualquer outro esclarecimento.

Porto Alegre, 10 de dezembro de 2014

Cumprimentos,

Dra. Isabel C. M. Carvalho
Professora e Coordenadora do PPGEDU/PUCRS

9.2 Termo de consentimento livre e esclarecido



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, como médica veterinária do Hospital Veterinário Lorenzoni, concordo em participar da pesquisa intitulada ***“Humanos e animais não-humanos: o borramento de fronteiras em nossas relações de estimação”***, de autoria de Luciana de Sant’Anna Dall’Agnol, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, orientada pela Professora Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho.

Para os fins do estudo, será necessário explorar etnograficamente a clínica e observar a interação dos proprietários e seus animais de estimação internados e/ou em consultas clínicas, com o objetivo de explorar a nova configuração das relações entre humanos e seus animais de estimação nas chamadas famílias multiespécie. Caso venha a ser do interesse do pesquisador, clientes individuais poderão ser entrevistados. A pesquisadora também poderá, com a devida autorização do médico veterinário responsável, analisar o prontuário de casos específicos que possam apresentar maior relevância à temática de pesquisa. Consideramos esta pesquisa de baixo risco para seus participantes não humanos, uma vez que não implica em manipulação de qualquer tipo do corpo do animal ou coleta de material biológico. Do ponto de vista da relação com as pessoas as nossas entrevistas não serão invasivas, respeitarão o nível de conforto do entrevistado e se aterão ao assunto da pesquisa.

A participação nesse estudo é voluntária e a administração do hospital tem o poder de decidir não participar ou, se quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo. A limitação a qualquer dependência do hospital ou interação com algum cliente, em determinadas situações, também é prerrogativa dos médicos veterinários e demais funcionários do hospital.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico no campo da Educação.

Declaro ter sido devidamente informado/a pelo pesquisador dos objetivos da pesquisa, da metodologia que será empregada durante a pesquisa e dos possíveis desdobramentos da mesma.

() **Autorizo o pesquisador utilizar as informações que forneci** (em conversas informais, entrevistas gravadas, observações de procedimentos clínicos/cirúrgicos,) na elaboração da sua dissertação de mestrado e de outras possíveis publicações (contanto que me sejam previamente informadas).

() **Autorizo o pesquisador utilizar imagens do hospital** (registrada através de fotografias e filmagens) na elaboração da sua dissertação de mestrado e em outras possíveis publicações (contanto que me sejam previamente informadas).

Data: _____

Email: _____

Telefone: _____

Luciana de Sant'Anna Dall'Agnol
(Pesquisadora)

Assinatura (Participante da Pesquisa)

D144h Dall’Agnol, Luciana de Sant’Anna
Humanos e não-humanos: o aprendizado de novas sensibilidades e responsabilidades em nossas relações de estimação. / Luciana de Sant’Anna Dall’Agnol. – Porto Alegre, 2016.
112 f.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação – Escola de Humanidades, PUCRS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Isabel Cristina de Moura Carvalho

1. Educação. 2. Humanos e Não-Humanos. 3. Animais de Estimação. 4. Relação Homem-Animal. I. Carvalho, Isabel Cristina de Moura. II. Título.

CDD 370.115